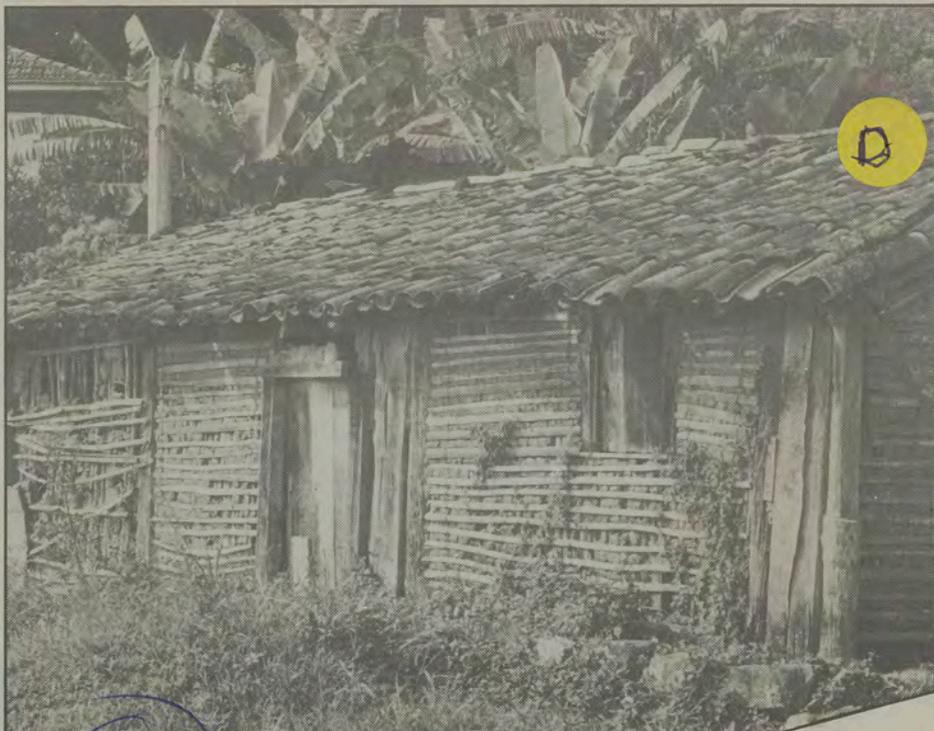


20951



- 01 -

Unitermo

Boletim da Comissão Catarinense de

Folclore

Biblioteca Pública do Estado
de Santa Catarina

ANO: 1992 - nº 43 e 44

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Secretário: Nereu do Vale Pereira
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Victor Antônio Peluso Junior

Capa: Vicente M. da Silva (foto — Nereu do Vale Pereira)
Fotolito: Nery Silva
Revisão: Setor de Revisão da IOESC
Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 146 — 1º andar —
88020-150
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da
Educação, Cultura e Desporto).

Biblioteca Pública do Estado
Setor de Santa Catarina

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
SETOR SANTA CATARINA

Clas.: _____

Reg.: 073

Data: 11.06.96

Folclora

Γ 80 675 481/0001 - 747

Comissão Catarinense de Folclora
Rua Julio Moura 28 - 1º Andar

CENTRO - CEP 88.020-150
FLORIANÓPOLIS - SC

L

L

Biblioteca Pública do Estado
Setor de Santa Catarina

Boletim da Comissão Catarinense de

Folclore

CAPA

Foto da Capa — “Rancho” de engenho de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina. Construído em estuque era o mais antigo encontrado em nossas pesquisas. Sua estrutura construtiva era toda em madeira bruta. Localizava-se na Caieira da Barra do Sul, datava do ano de 1820, aproximadamente, e foi demolido em janeiro de 1991, contendo ainda no seu interior a prensa e várias peças do engenho. Tudo foi queimado escondendo-se o passado. . . (Texto e foto de Nereu do Vale Pereira).

SUMÁRIO

Na presente edição apresentamos os trabalhos relacionados, que por sua importância recomendamos.

Editorial / Doralécio Soares

Mandioca e Tradição / Nereu do Vale Pereira

Ensino e Pesquisas Folclóricas no Estado de Santa Catarina "COMUNICAÇÃO"
/ Doralécio Soares

Comissões Municipais de Folclore (Projeto) / Sônia Maria Copp da Costa

VON DER HETDT, 1859 / Theobaldo Costa Jamundá / Doralécio Soares

FESTILHA — Festa das Tradições da Ilha de São Francisco do Sul / Sônia Maria
Copp da Costa

Tributo a Willy Zumblik / Lélia Pereira da Silva Nunes

A Sociedade Folclórica "Capitão" Francisco Amaro, perde seu "Capitão" /
Doralécio Soares

Quem Mata Índios? — Dr. Moyses Paciornik

Gente de Fora

O Feitiço do Amor e da Morte / Maria do Rosário de Souza T. de Lima

Chegada de Diéguenes no Céu / José Maria Tenório Rocha

Licor, Bebida Folclórica / José Carlos Rossato

A Gruta da Natividade / Maria Brígido

GTO — Geraldo Teles de Oliveira / Saul Martins

Mitos heróicos da Infância / Veríssimo Melo

Livro Fala de Minas / Domingos Diniz

CHÁI MUI / Ana Maria Amaro

Notícias Culturais de Santa Catarina

Notícias culturais dos Estados

ÍNDICE

- Editorial — 7
Mandioca e Tradição/Nereu do Vale Pereira — 9
Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisas de Folclore "COMUNICAÇÃO"/Doralécio Soares — 23
Comissão Municipal de Folclore (Projeto)/Sônia Maria Cóppe da Costa — 33
Parlendas — Brinquedos Infantis/Grupo Escolar "Sara Castelhana Kleikanf" — 37
Falação sobre a Portaria de Von Der Heydt, 1859/Doralécio Soares — 40
Festilhas — Festas das Tradições da Ilha — São Francisco/Sônia Cóppe da Costa — 43
Tributo a Willy Zumblick/Lélia Pereira da Costa — 46
A Sociedade Folclórica Cacumbi "Capitão" Francisco Amaro, perde seu Capitão/Doralécio Soares — 47
Quem Mata Índios?/Doralécio Soares — 49

GENTE DE FORA

- O Feitiço do Amor e da Morte/Maria do Rosário Tavares de Lima — 51
A Chegada de Diégues Junior no Céu/José Maria Tenório da Rocha — 58
Licor, Bebida Folclórica/José Carlos Rossato — 62
A Gruta da Natividade/Maria Brígido — 71
Geraldo Teles de Oliveira-GTO/Saul Martins — 73
Mitos Heróicos da Infância/Veríssimo Melo — 76
Chá Mui/Ana Maria Amaro — 78
Finalmente um livro que fala do Folclore em Minas/Domingos Diniz — 84
Religião e Folclore no Brasil/Fundação Guararapes-Recife — 86
NOTÍCIAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA — 89
Itajaí e Região: MAREJADA SUPERA EXPECTATIVA — 89
HOMENAGENS PÓSTUMAS — 91
Willy Zumblick: Exposição no Museu Histórico Cruz e Sousa — 91
Academia Catarinense de Letras: comemora centenário — 92
SESC Divulga Tradições em "Tarde de Folclore" — 94
Cultura Açoriana Revista na IV Semana de Estudos — 96
Portaria da SSP coíbe abusos na Farra-do-Boi — 96
Fundação Catarinense de Cultura, lançamento do livro de Salim Miguel — 97
Duas Mortes de Crispim Mira — 97
Blumenau em Cadernos — 97
Balneário de Camboriú — Festival de Folclore — 97
Associação de Artistas Plásticos/ACAP — 98
Academia Catarinense de Letras, posse de Leatrice Moelmann Pagani — 98
Academia Catarinense de Letras lança sua Antologia — 98
Associação dos Técnicos de Turismo — 98
La Sagra — Festa Típica Italiana — 99
Festilha: São Francisco do Sul — 99
Aspectos Geográficos de Santa Catarina — Editora da UFSC — 99
Vanilda Tenfen Ferreira Macedo lança seu livro "Quadrinhas" — 99
Festival Nacional da Música — 100

Prof. Dr. Luís Carlos Halfpap expediu convites para IV Semana de Estudos Açorianos — 101
Governador Vilson Kleinübing lança livro das belezas geográficas de Santa Catarina — 101
O TAMBOR de Herculano Farias — 101
Banco do Brasil: Espaço Cultural — 101
Banco do Brasil: Espaço Cultural apresenta ceramistas — 102
Associação Metodista de Florianópolis — 103
Academia Catarinense de Letras: URDA ALICE KLUEGER — 103
Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina: algumas apreciações — 103
HARRY LAUS — Vida e Obra — 106
Deputado Otávio Gilson dos Santos convida para entrega de título a Holdemar Menezes — 106
Biblioteca Pública do Estado comemora 137 anos com lançamentos de livros — 107
FUNORTE — Fundação Educacional do Norte Catarinense — 107
UNISUL — III Programa Cultural da Primavera — 107
CHÃO DO CONTESTADO — "Sangue, Suor e Lágrimas" — 107
Editora da UFSC lança CÔSMICA PROVÍNCIA de Hugo Mund Junior — 107
Academia Catarinense de Letras homenageia Maura de Senna Pereira — 108
Jornal DESTERRO — 108
Centenário do Instituto Estadual de Educação — 108
Telas de ZACARIAS, apresentação de Doralécio Soares — 108
Gincana Folclórica na Escola Dinâmica na Vargem Grande — 109
Sindicato dos Eletricitários — 1: Mostra Coletiva de Arte — 110
Instituto Histórico e Geográfico — 110
Fundação Catarinense de Cultura lança livros de Rubens Lange e Hamilton Alves — 110
A SPRIT d'ART no Hotel Diplomata — 110
NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS — 1991-1992 — 111
II Encontro Latino-Americano de Museus — Museu de Homeopatia — 111
Pirapora — MG. Milton Marcolino: Santeiro — 112
Ana Carolina Comércio de Artesanato — Florianópolis — 113/114
II Congresso Brasileiro de Musiocologia — 115
27ª Semana de Folclore em Belo Horizonte — 115
Prof. José Maria Tenório e esposa entre violeiros — 116
Antropólogo Saul Martins e Doralécio Soares na loja "Mãos de Minas" — 116
28ª Festival de Folclore de OLÍMPIA — 117
Projeto Curupira-Toninho Macedo-Abaçaí Cultura e Arte — 117
Comissão Nacional de Folclore: Homenagem a Manoel Diégues Junior — 118
SESC — Belo Horizonte: Calendário de Mesa — 118
COLÓQUIO — Artes, FUNDAÇÃO CALUSTRE GULBENKIAN — Lisboa — 118
COFI — Correio Filatélico — 118
BIBLIOGRAFIA: Coordenação Nacional de Folclore — 119
Comissão Nacional de Folclore, envia Boletins — 119
ORALIDADE: Resgate da Tradição Oral da América Latina e o Caribe. Cuba/UNESCO — 119
ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE — 119
Biblioteca "AMADEU AMARAL" — Instituto Brasileiro de Arte e Cultura — 120
Museu de Folclore "ROSSINE TAVARES DE LIMA" — 120
UNI-Rio Centro de Ciências Humanas, A Escola de Música — 120
Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá — 120
Comissão Mineira de Folclore. III Feira Nacional de Artesanato — 121
Câmara Municipal de Votuporanga — 121
SENAC — Regional de Minas convida — 121
Bordados da Ilha da Madeira em Santos — 121
Félix Collucio — "FIESTAS Y CELEBRACIONES EN LA REPÚBLICA ARGENTINA" — 121/122

EDITORIAL

Graças ao apoio recebido da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte, que tem como titular o Sr. Deputado Paulo Bauer, através da Fundação Catarinense de Cultura, na pessoa do seu Diretor, escritor Iaponan Soares, aqui estamos com o novo Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, na sua quadragésima edição, 1991-1992.

Está se tornando cada vez mais difícil levarmos a cabo a missão que nos propomos a cumprir: dirigir a Comissão e editar o seu Boletim, no qual, além das matérias alusivas ao folclore catarinense, registramos a maioria das promoções e eventos relacionadas ao folclore e a nossa cultura popular.

Não tem sido fácil obter a colaboração dos membros que integram a Comissão em número de quinze, mesmo porque, muitos também integram outros grupos culturais, e em razão disso pouco tempo sobra para as pesquisas folclóricas. Mesmo assim, para esta edição contamos com a colaboração de cinco, cabendo destacar o companheiro Nereu do Vale Pereira que continua um folclorista ativo nesta área cultural.

Gente de Fora

Quanto aos colaboradores de "gente de fora", são inúmeros os trabalhos recebidos, classificando-os de boa qualidade, entre eles os da Professora Ana Maria Amaro de Cáscaes — Portugal.

Continuamos com as divulgações culturais de Santa Catarina e de outros Estados, mostrando que na maioria destes, o folclore continua atuante, com a participação efetiva de órgãos municipais e estaduais na promoção de festivais, simpósios e seminários dos mais produtivos, apoiados pela Comissão Nacional de Folclore e Coordenação de Folclore e Cultura Popular, com sedes no Rio de Janeiro.

Noticiário

Como acentuamos no Editorial da Edição anterior, somente divulgaremos eventos culturais relacionados ao folclore e outras promoções, quando do conhecimento da nossa Comissão. As Secretarias Municipais de Educação, Cultura e Esporte não devem desconhecer o nosso Boletim, o qual tem sido enviado a todas as Prefeituras, através do CIC — Centro Integrado de Cultura, e por este divulgamos o que acontece na área do folclore no Estado catarinense.

Nunca é demais acentuar que a Comissão Catarinense de Folclore não é um órgão de promoção folclórica, ou executivo do folclore. A nossa missão é o estudo científico das manifestações folclóricas e da cultura popular existentes no Estado, dar apoio e orientar os que se envolvem com estas manifestações.

Lei 4.287 de 7 de abril de 1969

A Comissão Catarinense de Folclore apela para o Secretário de Estado da Educação, Cultura e Esporte, no sentido de se fazer cumprir a Lei 4.287, que determina aos órgãos de ensino do Estado etc., cujo teor está publicado na íntegra na edição 30-40 de 1988, pág. 47.

INCÊNDIO

A ocorrência de um incêndio no dia 22 de fevereiro na parte térrea da "casa de madeira", que abrigava a sede da Comissão de Folclore e outras entidades culturais, aconteceu num domingo quando essas entidades abrigadas encontravam-se em recesso. Não fosse a ação rápida do corpo de bombeiros, a comissão teria perdido tudo. Mas como diz o ditado popular, "num incêndio, o que escapa do fogo, é destruído pela água". Mas, o pior veio por acontecer. Como a casa ficou uma semana sem guardas, houve saque. Desapareceram uma máquina de datilografia, antiga, mas prestável, um arquivo de aço de 2 gavetas, com fichas de registro dos grupos folclóricos de todo o Estado, as quais foram amontoadas e destruídas pela água. Estantes, cadeiras, mesas, seis vasos de cerâmicas grandes. Também carregaram uma carranca de procedência de Petrolina, PE, e um velho pilão de guarapuruvu. A maioria das cerâmicas de valor comercial, carregaram. As de pouco valor foram deixadas, mas possuem valor histórico, pois são peças de cerâmicas desativadas, mas válidas como peças de museu.

BIBLIOTECA

Felizmente, "como livro não se rouba", a nossa biblioteca foi salva, e os quase mil exemplares, entre livros, boletins, revistas e jornais, todos relacionados ao folclore catarinense, brasileiro e de outros países, foram retirados com as estantes de aço. A nossa sorte é que a sala destinada à biblioteca, foi a que menos sofreu a ação da água.

Consegui recolher todo acervo que sobrou à garagem de minha residência, até quando encontrar uma solução para ser instalada em nova sede.

A minha sugestão, já que a nossa Ilha é pobre em bibliotecas e museus, é a criação de uma Biblioteca e um Museu de Folclore, com a participação da Comissão Catarinense de Folclore, com todo seu acervo. Sugestão esta se aprovada pela diretoria da Comissão, será encaminhada ao Prof. Sérgio Grandó, Prefeito eleito de Florianópolis.

MANDIOCA E TRADIÇÃO

Nereu do Vale Pereira

1 — Origem da mandioca

Desde quando foi possível a ciência (e a tradição oral) obter registros da vida do homem no continente americano, foi também possível detectar a presença de um vegetal, arbusto da família das EUFORBIÁCEAS, que entra na alimentação humana em variadas formas, quer de suas raízes-tubérculos —, folhas ou caule e, sendo, por outro lado, empregada, especialmente seus rejeitos, na alimentação de animais vegetarianos, vegetal este que na nomenclatura popular tradicional e folclórica é denominado *MANDIOCA*:



Gravura de Hans Stadem, mostrando mulheres índias arrancando mandioca. (MEC)

de se conservar, em condições normais de uso, por longo tempo, assegurando a provisão alimentar do silvícola, que, para tanto o enterravam envolto em folhas de palmeira ou de bananeira (eles também preocupavam-se com o futuro).

Na forma de pirão (mingau, purê ou papa) é considerado o principal prato diário das famílias pobres em todo o território brasileiro. Na prática, contudo, enquanto os ricos alegam não aceitá-lo como alimento alegando sua carência vitamínica (aliás, nada real), disfarçadamente utilizam a farinha de mandioca,

Quando os portugueses chegaram ao Brasil foram encontrar o uso desse vegetal entre os indígenas que o utilizavam abundantemente na alimentação diária, em forma de farinha-grosseira, ou como pão, ou biscoitos.

Provado está de que a mandioca estava disseminada em todas as Américas, porém, mais profusamente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil pois é um vegetal que se desenvolve melhor em clima quente.

Em razão de ser produto básico na alimentação do homem americano, os silvícolas e os caboclos o denominaram de "Pão dos Pobres" ou "Pão da Terra".

O pão produzido pela "puba", a raiz desmanchada pela fermentação em imersão em água, tem a proprie-

e, em considerável quantidade, especialmente na forma de farofas indispensáveis para o acompanhamento de assados de carne.



A foto nos mostra algumas raízes de mandioca mansa, doce ou aipim. (Foto do autor)

Difundiu-se e disseminou-se a cultura desta planta de tal forma e tal magnitude, que hoje ela é empregada em qualquer parte do chão nacional, e, de resto, em toda a América Latina.



A foto nos mostra uma roça de mandioca em plena colheita, isto é, "arrancando a mandioca". (Foto do autor)

Não há, em Santa Catarina, propriedade rural que não mantenha alguma roça de mandioca, e, nas estatísticas oficiais todos os municípios registram uma determinada produção anual. De outro lado o Estado catarinense detém a maior produtividade brasileira.

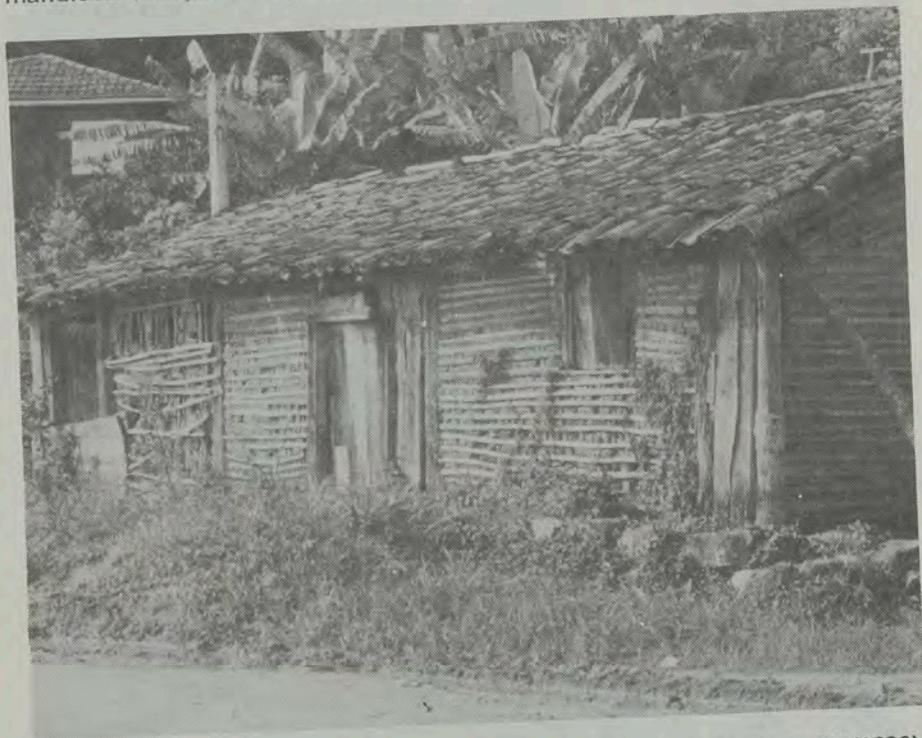
Na realidade catarinense desenha-se um outro quadro singular pois, além das condições climáticas não serem as mais favoráveis ao cultivo da manihot, teve colonizações recentes conduzidas por italianos e alemães (principalmente, e a partir da metade do século XIX) que migraram em épocas e regiões onde o trigo e o milho dominavam a base alimentar humana. Mesmo assim não tardaram em receber dos lusitanos, ou luso-açorianos já existentes, a transmissão da tecnologia da mandioca e a desenvolveram continuada e eficientemente.



A foto nos mostra uma porção de raízes de mandioca já "raspadas" e prontas para serem "sevadas", isto é, raladas e transformadas em farinha. (Foto do autor)

Já a Ilha de Santa Catarina apresentou um traço cultural, em relação a mandioca, muito particular. Os açorianos nela chegados a partir de 1748, encontrando sua cultura e prática, foram-na assumindo aos poucos, desenvolvendo essa prática agrícola e criando "os engenhos de farinha", pequenas indústrias de tecnologia tradicional (veja trabalhos por nós publicados sobre o assunto — 1). No final do século XVIII a Ilha de Santa Catarina assumia a condição de maior produtora colonial de mandioca e abastecendo, não só centros consumidores internos, como alcançando o mercado internacional, e o abastecimento oficial das tropas portuguesas.

Existem muitos trabalhos produzidos enfocando a mandioca, seu trato e sua natureza agrônômica, porém muito pouco tratando dos seus aspectos culturais e populares, ligados ao folclore ergológico e de traços alimentares. Aqui estamos anunciando que remetemos ao prelo um livro que trata exatamente deste tema e de registro dos engenhos memoriais do fabrico da farinha de mandioca. (Lançamento previsto para o primeiro trimestre de 1993).⁽⁶⁾



Um característico "rancho" de engenho de mandioca, do início do século XIX (1820). Localizava-se na Caieira da Barra do Sul, na Ilha de Santa Catarina, e foi demolido em abril de 1991. (Foto do autor)

Nossa preocupação no presente artigo é a de divulgar algumas formas de utilização desta célebre e importante raiz através de receitas culinárias colhidas com populares e tradicionais farinhadores.

Segundo a tradição, a denominação tem origem indígena (aliás como todas as receitas mais comuns) do tupi-guarani, e significa casa de Mani, OCA MANI ou MANI OCA.

Pesquisadores grafaram a expressão como MANIHOT talvez em função da interpretação da fonética indígena, e, assim consagrou-se a grafia associada a definição dicotômica entre as variedades fundamentais como, mandioca mansa ou doce e mandioca brava ou venenosa — MANIHOT UTILISSIMA e MANIHOT SCULENTA, respectivamente, sendo que a brava foi o "cultivar" inicialmente mais difundido.

2 — O que se faz com a mandioca

Além da farinha, cuja rotina de produção é a mais aplicada e difundida, os demais usos tradicionais desse vegetal podem ser, sem esgotar a lista de todos os derivados, a seguir arrolados.

1 — *Tiquira* — Bebida obtida pela destilação da massa de mandioca e que tem elevado teor alcoólico. Aguardente de mandioca.

2 — *Purê ou bobó* — Mandioca cozida a ponto de deixá-la desmanchada como uma papa.

3 — *Maniqueira* — Mingau feito com raízes de cultivares ricos em água.

4 — *Tapioca* — Obtida pelo rápido escaldamento do amido, que fica encaracolado e gomoso.

5 — *Tucupi* — Um líquido levemente esverdeado e obtido quando se espreme a raiz ralada, ou mesmo as folhas, e é utilizado como tempero especial (Pato ao tucupi).

6 — *Tacacá* — Uma mistura dos dois anteriores e que se emprega em forma de caldo com camarão ou pedaços de peixe. Uma forma de sopa.

7 — *Macaxera ou macaxeira* — Forma cozida e/ou frita.

8 — *Caissuma* — Bebida forte com mistura de milho, uma aguardente composta.

9 — *Chibé* — Refrigerante à base de mandioca.

10 — *Carimã ou puba ou pubá* — Uma massa obtida com a fermentação da raiz mergulhada em água suavemente corrente. Essa massa pode ser transformada em pão ou, se peneirada e torrada, em farinha. Era a forma primitiva do primeiro passo do fabrico da farinha que ao invés de ser ralada era dissorada.

11 — *Farinha panificável* — Úmida e rica em amido.

12 — *Farinha de raspas ou farinha seca*.

13 — *Polvilho* — Amido ou fécula industrial, obtido pela decantação do caldo resultante da espremedura da massa.

14 — *Álcool combustível* — Produto de modernas destilarias.

15 — *Colas diversas* — No popular chamava-se de "grude".

16 — *Manipueira ou manipoera ou manicuera* — Líquido venenoso que sai da raiz. Ácido cianídrico.

17 — *Caroeira* — Fragmentos da raiz, de diversos tamanhos e, que sobram durante o processo da seva. Aparecem na ocasião do peneiramento.

Além desses, lançamos em destaque os que são mais difundidos e que serão detalhados com receitas a seguir, e, são: beiju, cuscus, broas, rosca, doces, paçoca e pirão.

A farinha de mandioca adquire, conforme a região e a rotina de produção, várias formas de apresentação e de sabor.

No Nordeste ela é, quase sempre, granulada, grosseira e amarelada, enquanto no Sul é bem fina, quanto mais fina melhor, bem alva. Sua alvura vai depender da maior ou menor quantidade de amido que contiver e mais "morena" (levemente amarelada) quando receber mais tempo de torra no forno, ou ainda mais ou menos doce em função da variedade da raiz utilizada. Neste último caso a diferença básica fica entre a que se emprega a raiz da mandioca mansa e do cultivar denominado de mandioca brava. Hoje em dia emprega-se mais freqüentemente o aipim, pois, utiliza-se-o muito na alimentação familiar, e, para os animais. Cultivando-se a mandioca mansa, elimina-se os riscos decorrentes da mandioca brava.

Nos dias atuais a farinha de mandioca é empregada quase que exclusiva-

mente como farinha de mesa, especialmente a alva, seca e fina, que deve apresentar sabor suave, daí porque se recorrer ao aipim como matéria prima.

As modernas indústrias designadas de "Fecularias" empregam os mesmos passos e a mesma rotina, dos tradicionais engenhos e que são: seva, prensa e forno.

3 — Algumas considerações sobre a mandioca em Santa Catarina e umas tantas receitas tradicionais

A farinha tradicional dos engenhos de boi é muito valorizada e emprega-se generalizadamente para o preparo do pirão.

Mas como se prepara o pirão ou angu? Vão, aqui as formas tradicionais:

Coloca-se, na vasilha desejada, a quantidade de farinha, no volume adequado às necessidades (quatro colheres de sopa por pessoa). Sobre a farinha despeja-se, gradativamente, o líquido escolhido, mexendo-se bem para se obter uma mistura homogênea. Está pronto o pirão. É rápido e fácil. Se se deseja o chamado pirão cru, ou loque, isto é, sem escaldar a farinha (cozinhar) através do amido (polvilho) nela contido, o líquido utilizado deverá acusar uma temperatura abaixo de 60°C. Caso contrário, para se obter o grude, angu ou pirão "escaldado", já a temperatura deverá ficar próxima dos 100°C. Quanto mais líquido colocar, mais mole fica o pirão, por isso, pode-se ajustar a textura de acordo com o gosto do comensal.

O líquido a ser empregado pode ser: água pura ou natural; água com temperos diversos, isolados ou combinadamente como por exemplo sal puro a gosto; sal e pimenta; sal e erva-doce; sal, cebolinha, salsa picada, alfavaca etc., feijão em caldo coado ou não, que tanto pode ser com grãos macerados ou não; também pode-se adicionar abóbora ou batata-doce maceradas.

Outros líquidos menos empregados podem ser:

Caldo de peixe que serviu para o preparo do peixe cozido;

Caldo de camarão (muito utilizado em Florianópolis);

Café coado misturado à farinha em forma de mingau, preferentemente, bem mole, para ser bebido em xícara. O líquido neste caso é, preferentemente, doce;

Pirão com melado de cana;



A foto mostra a farinha mais apropriada para o pirão. (Foto do autor)

Caldo do tradicional "cozido", tradição de Portugal (nos Açores também designado "Sopa do Espírito Santo") e que deitou raízes culturais na Ilha de Santa Catarina. No preparo do cozido adota-se a forma de um sopão onde se cozinha conjuntamente muitos ingredientes tais como: carne de vaca, fresca ou charque, carne de porco, chouriço, lingüiça, repolho, couve, nabo, cenoura, abóbora, batata-doce ou batata-inglesa, temperos gerais etc. Esse caldo oferece um pirão dos mais saborosos, tanto faz ficar loque, como escaldado.

Finalmente, no folclore surge o "pirão assustado", que se caracteriza pela maneira de fazê-lo. Após a colocação da farinha no prato, o líquido é derramado, primeiro uma pequena quantidade fervendo, mexe-se um pouco e rapidamente joga-se um pouco de líquido bem frio. Dizem que esse choque térmico, ao provocar um "susto" na mistura, torna-a mais macia e mais saborosa, como também retira o aspecto gelatinoso da farinha escaldada, tornando o pirão mais atrativo.

Como vemos, "é só experimentar para crer!"

De um modo geral a farinha de mandioca deve estar diariamente na mesa do brasileiro, e de resto principalmente, do nosso ilhéu, o "manezinho da ilha" como são alcunhados os nativos tradicionais da Ilha de Santa Catarina.

É acompanhamento indispensável para o peixe e para o feijão, podendo ser saboreada pura. No churrasco é também indispensável, e quase sempre na forma de farofa.

Existem "n" receitas culinárias para se preparar farofas. Há aficionados apostando na excelência de suas receitas, guardadas em segredo. De nossa parte a farofa preparada com sal a gosto, azeite, tempero verde e ovo, tudo frito junto na frigideira, e de coloração amarelo claro, é a de melhor paladar.

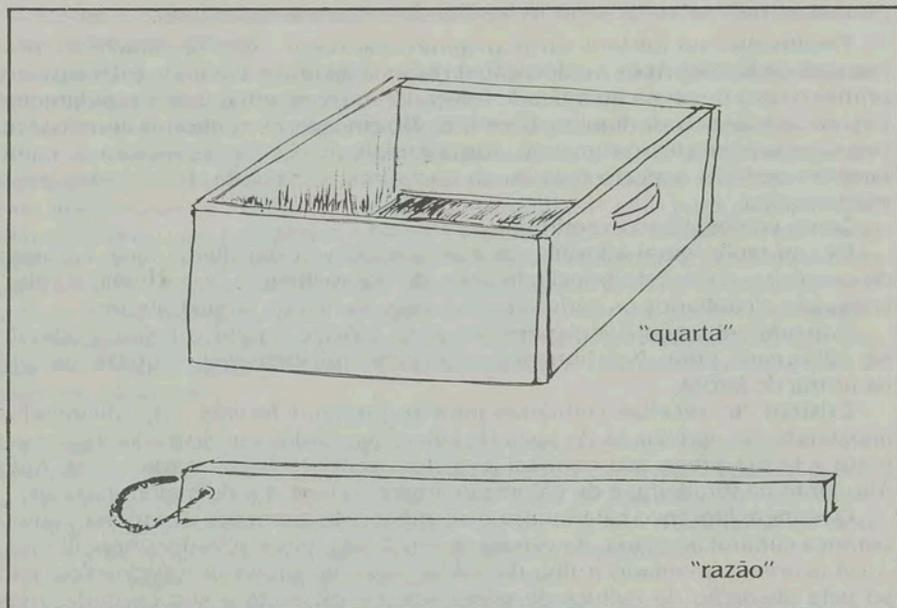
O homem litorâneo catarinense é alcunhado de "comedor de farinha", como herança cultural açoriana, na versão generalizada, pelos não-florianopolitanos.

O açoriano adaptado à Ilha de Santa Catarina, muito provavelmente, não só pela absorção da cultura de mandioca pré-existente a sua chegada, mas também até por imposições da Provisão Régia de 9 de agosto de 1747, de Dom João V, Rei de Portugal (1706-1750) que regulamentava a colonização açoriana no Brasil, a começar pela Ilha de Santa Catarina, e tomava outras medidas necessárias, fixou um traço cultural indelével no "desterrense", e ligado aos hábitos alimentares: peixe frito com pirão de farinha de mandioca (peixes mais freqüentes: tainha, parati, cocoroça, papa-terra, canhanha, escrivão e chelete) um prato que se tornou difundidíssimo, quase que símbolo alimentar de Florianópolis, e, que tem um paladar agradabilíssimo.

Com efeito quando na Provisão Régia de 1747, trata das recomendações do acolhimento aos açorianos chegados à Ilha de Santa Catarina determinava: "ao Brigadeiro Silva Paes, ordenareis que se ponham pronto naquela ilha, e mais partes da sua vizinhança aonde parecer necessário as farinhas (de mandioca é claro) para a ração que mando dar ao primeiro ano à gente que se transportar. . . A cada pessoa de quatorze anos para cima se darão três quartas de farinha por mês da medida da terra, e um arratel ⁽²⁾ de peixe (grifos nossos), ou carne por dia; às pessoas de quatorze até sete completos a metade desta ração e as desse até três anos completos a terça parte, aos menores de três anos nada". ⁽³⁾

Veja-se que esta Provisão Régia evidenciava de que a Corte tinha amplo conhecimento da farinha da terra — mandioca — e que ela era produto alimentar básico não só no Norte do Brasil, como também em Santa Catarina, e, mais,

das medidas de volume, popularmente adotadas, tal como a "quarta", uma caixa de madeira de 25cm x 25cm e 15cm de altura, correspondendo a 9,5 litros de volume e aproximadamente 5,6kg de farinha (varia um pouco em função do maior ou menor teor de umidade). Chama-se quarta por ser justamente um quarto do alqueire.



Segundo o modelo catarinense, as correspondências formam a seguinte tabela:

NOME	LITROS	PESO TRADIC. APROXIMADO	MEDIDAS
Saco de Far.	2alq.	45kg	50x50x30cm
Alqueire	38 litros	22 a 22,5kg	40x40x24cm
1/2alq.	19,2l	11 a 11,2kg	30x30x21cm
Quarta	9,5l	5,6kg	25x25x15cm
Meia quarta	4,8l	2,8kg	20x20x12cm
Metade de meia			
Quarta	2,4l	1,4kg	1x1cm
"Salamim" ou Celamim	1,0l	0,57kg	12x12x7cm

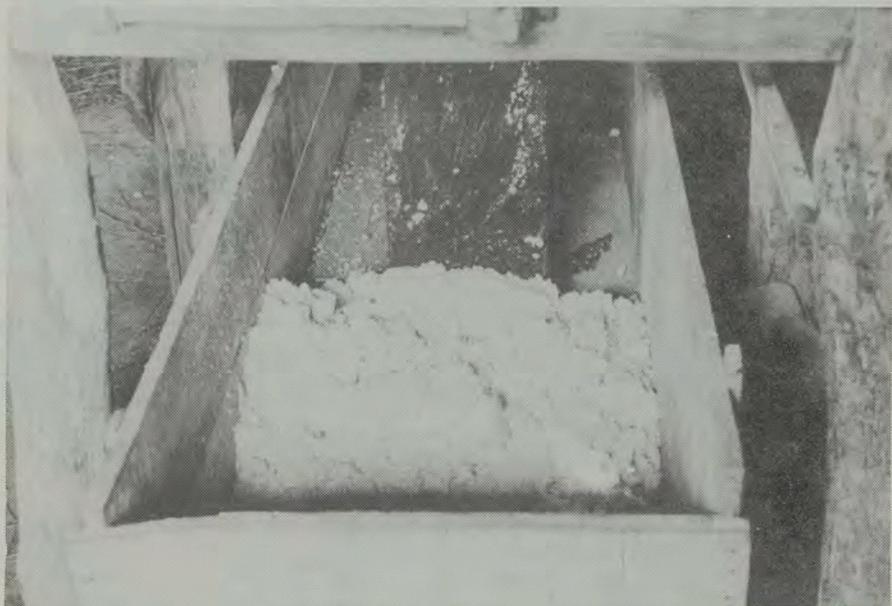
Em relação às correspondências de volume, ou peso de um alqueire, registramos discordâncias com o alqueire antigo e anotado em verbete no LELO UNIVERSAL, edição de 1958, na volumetria adotada.

"Alqueire., s.m. (ár. al-queil) Antiga medida de capacidade, para secos e líquidos, equivalente a 13'800. Terreno que leva um alqueire de sementeira".
(4)

Junto com as medidas haveria a "razão", uma régua de madeira de lei de 4cm x 2cm e comprimento de 40cm, que servia para raspar as bordas da vasilha ("fazer o corte", no termo do engenho) assegurando seu perfeito enchimento e mensuração.

Em entrevistas com antigos farinhaadores é que estas medidas foram colhidas. Em relação ao peso disseram que a saca de farinha convencionalmente teria 45kg, quando "na prática variava de acordo com a qualidade da farinha, em até 2kg para cima ou para baixo", pois o saco era preenchido com quatro "meio alqueire".

Com a farinha ou a massa crua, preparam-se diversos outros alimentos tais como beiju, cuscus, pães, bolos, doces, broas, roscas, paçoca, farofas etc. Vejamos as receitas desses produtos, receitas essas colhidas em entrevistas



A massa crua antes de ir à prensa. A massa é a matéria-prima para muitos alimentos.
(Foto do autor)

com mulheres idosas e que trabalharam muitos anos nos engenhos e preparando-os:

Paçoca:

Pega-se uma porção de farinha, no volume desejado. Coloca-se no pilão, junto com o amendoim, a mandioca, uma pitada de sal e açúcar a gosto. O

amendoim deve ser descascado e uma pequena parte ainda cru para produzir óleo, o que dará aderência à mistura. Coloca-se, ainda, um pouco de azeite ou outra gordura para facilitar a aderência da massa. Junta-se temperos tais como cravo, erva-doce, pimenta-do-reino (suave). Tudo bem misturado, vai sendo pilado até ficar uma massa liguenta e compacta. Retira-se e prepara-se tabletes. Está pronta para ser servida, e, esfarelar-se, gostosamente na boca.

Puba, pubá ou cacuanga:

A raiz da mandioca é curtida em água por alguns dias. Quando estiver em forma de massa está no ponto de ser trabalhada para se fazer diversas coisas, aliás, tudo o que se faz com massa crua.

No caso da puba, a massa pode ser temperada, o que não é feito dentro da receita indígena, transformada em forma de pão e cozida no forno ou em "banho-maria".

Pode ser preparada pura ou com mistura de farinha de milho. Na culinária indígena era apresentada apenas na forma de pão e que poderia ser armazenado por longo período, quando enterrado, passando a ser chamado de "pão da terra".

Broa de Polvilho:

Ingredientes: Um quilo de polvilho;
seis ovos de galinha;
uma xícara bem cheia de açúcar.

Mistura-se tudo adicionando-se gordura (banha de porco, manteiga ou margarina) e, facultativamente, coco ralado. Tudo misturado, bate-se o conjunto como massa de pão dentro de uma vasilha, preferentemente uma gamela de madeira ou alquidar. Algumas doceiras colocam uma pitadinha de sal e gotas de limão.

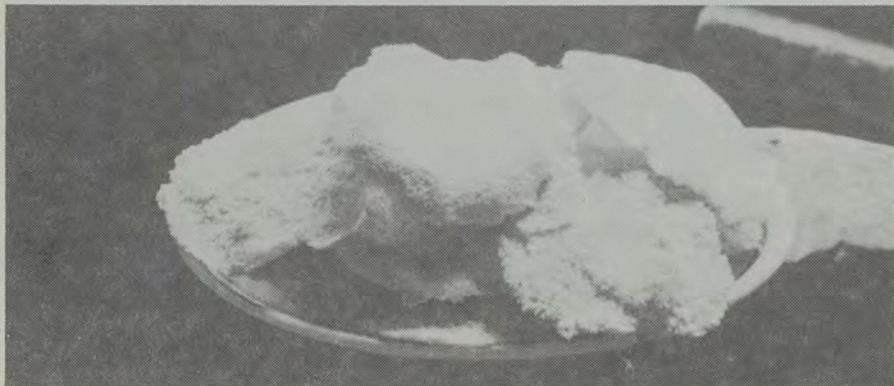
O ponto da massa será conhecido quando não mais houver aderência na vasilha. Prepara-se roletes de massa, corta-se em pequenos pedaços (cortes em 45° para efeitos estéticos) e com desenhos na parte superior, em leves cortes. Leva-se ao forno forte durante meia hora, aproximadamente.

Cuscus:

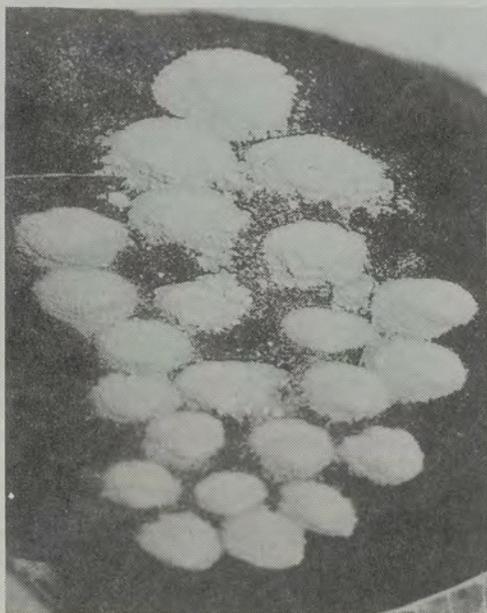
Ingredientes: 10kg de massa de mandioca crua,
1,5kg de farinha de milho — fubá,
1,5kg de açúcar,
uma colher de sal,
temperos: canela, cravo, erva-doce e outros a gosto.

Mistura-se todos os ingredientes num mesmo momento, sobre uma toalha, ou dentro de uma bacia. A massa deve ser cozida em "banho-maria". Para um bom cuscus existem as cuscuzadeiras, e, na sua falta pode-se recorrer a um coador, ou escorredor de macarrão. Forra-se a fôrma com um pano, coloca-se sobre a panela com água fervendo e se calafeta ao derredor com pirão escaldado e bem fechado para não se perder vapor. O cuscus deve ser cozido somente no bafo e coberto com uma toalha durante 30 minutos. Depois de cozido corta-se em fatias e termina-se de torrar no forno brando. Alguns servem-no diretamente sem ir ao forno, porém deixando-o dormir por uma noite.

Leva-se ao forno do engenho, colocando-se porções cortadas com a boca de uma xícara, e espera-se até que fiquem torrados. Se se coloca muito açúcar ficará mais amarelo e sem açúcar ficará bem alvo. É o beiju o biscoito de mandioca mais empregado. Por conservar-se até por um ano, quando bem acondicionado em vasilhas que impeçam a penetração de umidade. Em cada farinha, a família prepara seu estoque para os desjejuns por algum tempo, até um ano.



Prato com beijus prontos
(Foto de D. V. Pereira)



Ao lado, beijus assando no forno.
(Foto do autor)

Rosca de Polvilho ou Coruja:

Passos para uma boa rosca: toma-se 3kg de polvilho (se desejar uma rosca mais seca e menos pegajosa, tornando-se mais fofa, adiciona-se ao polvilho 200 gramas de farinha seca); adiciona-se temperos ao polvilho, cravo, canela, erva-doce, gengibre e outros; mistura-se bem toda a massa, colocando-se um pouco de gordura (banha de porco, manteiga, margarina ou óleo de oliva); coloca-se três ovos completos, meio litro de leite e reforça-se a mistura. Tudo deve ser colocado rapidamente. Continua-se a mexer, colocando-se água fervendo até atingir uma massa parecida com um pirão escaldado. A massa bem batida e pronta é transformada em pedaços cilíndricos e fechados em forma de rosca.

Colocadas sobre folhas de bananeira vai ao forno bem quente. Quando as folhas da bananeira estiverem bem secas, vira-se a rosca de lado, retirando-se as folhas. Agora as roscas repousam diretamente na prateleira do forno; a rosca está pronta. Não se deve guardá-las por muito tempo, pois, senão, murcham e perdem sabor.



Roscas de polvilho ou coruja. (Foto do autor)

Uma curiosa aplicação da farinha, aliás pouco conhecida ou referida em entrevistas, se destina à proteção de metais contra a oxidação. Os talheres e demais alféias metálicas e de uso doméstico, seja ferro, outros metais ou ligas como a alpaca, eram guardadas dentro de uma vasilha e enterradas em farinha de mandioca. Lembramo-nos que nossa mãe, originária de áreas de produção de farinha, tinha todos os seus talheres colocados dentro de uma caixa cheia de farinha de mandioca, e de modo que eles ficassem enterrados, e assim conservados contra a oxidação.

Nessa época não havia o aço inoxidável. Até mesmo os talhetes mais sofisticados, preparados com alpaca ou prata, também eram conservados dentro da farinha, limpos e puros por muito tempo, e pronto para serem utilizados em qualquer momento. As jóias também eram guardadas com essa proteção.

Finalmente é oportuno ressaltar que tudo o que sobra da raiz da mandioca e de sua farinha é aproveitado para arraçoamento dos animais domésticos, inclusive a folha e a rama (caule ou "maniva").

"Além do valor energético, devido ao elevado teor de amido das raízes, é importante salientar que as folhas de mandioca contêm até sete vezes mais proteínas e vitaminas A e B que as raízes. Comendo-se a folha, junto com as raízes, encontra-se uma alternativa nutritiva e econômica, isto se tivermos o cuidado de ferver as folhas para eliminação do veneno." (3)

NOTAS

- 1 — PEREIRA, Nereu do Vale. *Indústrias Populares. Folclore Ergológico*. In Revista CULTURA. Ministério de Educação e Cultura. Ano 1979. Abril. Brasília.
- PEREIRA, Nereu do Vale. *Os Engenhos de Farinha da Ilha de Santa Catarina*. In Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Nº 32. 1979. Florianópolis.
- PEREIRA, Nereu do Vale. *A origem dos Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina*. In ANAIS da II Semana de Estudos Açorianos. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1987.
- PEREIRA, Nereu do Vale. *Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina*. Vídeo. VHS. 45 minutos.
- 2 — ARRATEL, medida antiga de peso, e que equivale a uma libra peso ou 453g.
- 3 — MATTOS, Jacinto Antônio. *A Colonização de Santa Catarina*. Imprensa Oficial. Florianópolis. Santa Catarina. 1917. pp. 8, 9 e 10.
- 4 — GRAVE, João e Coelho Neto. *LELLO UNIVERSAL. Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Portugal. 1958.
- 5 — CAMARGO, Carlos Eduardo Dias. *Mandioca O "Pão Caboclo, de Alimento a Combustível"*. Coleção Brasil Agrícola. Icone Editorial Ltda. São Paulo. 1958. p. 13.
- 6 — Referido livro sob o Título. *Os Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina* — será lançado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1993 bem como, editado pela Fundação Cultural Açorianista.

SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA DE FOLCLORE

Realizado em São José dos Campos — SP, de
22 a 25 de julho de 1992

FUNDAÇÃO CULTURAL "CASSIANO RICARDO" — COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE/IBCC/UNESCO. Comissão Municipal Setorial de Folclore — 1992.

Objetivo geral:

Inventariar a situação do ensino do Folclore no Brasil e na América Latina, identificando os cursos vigentes, programas, duração, participantes, locais de realização, títulos outorgados e demais informações sobre a matéria, bem como as pesquisas ora em andamento.

Objetivo específico:

Elaborar um documento sobre a situação do ensino e pesquisa do Folclore no país, com sugestões para revisão e propostas de medidas que viabilizem a ampliação do ensino na área e intensificação da pesquisa de nossa cultura popular.



Grupo de integrantes do Simpósio, que reuniu, além de todos os Presidentes das Comissões Estaduais de Folclore, toda diretoria da Comissão Nacional, representada pelo Presidente Ático Lilas Boas da Mota, Vice, professor Bráulio do Nascimento e Secretária professora Cáscia Frade, contando ainda com a presença de Félix Coluccio, representante do Ministerio de la Educación y Cultura de la Nación Argentina. Maria de Fátima Ramia Manfredini, Presidente da Funda-

ção Cultural "Cassiano Ricardo", do Dr. Joaquim Caetano Gentil Neto, Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura-IBCC/UNESCO. Além de elevado número de doutos folcloristas responsáveis por entidades culturais que se fizeram presentes no Simpósio.

Os ANAIS do Simpósio, editado pela Fundação Cultural "Cassiano Ricardo", Comissão Nacional de Folclore/IBCC/UNESCO, e Comissão Municipal Setorial de Folclore, reuniu extenso noticiário, publicando as comunicações apresentadas no Simpósio.

Canto: ISTO É LÁ COM SANTO ANTÔNIO

I

Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Que me desse um matrimônio.
São João disse que não
São João disse que não
Isto é lá com Santo Antônio.
Eu pedi numa oração
Ao querido São João
Que me desse um matrimônio.
— Matrimônio! Matrimônio.
Blim, blém, blim, blom. . .
Isto é lá com Santo Antônio!

II

Implorei a São João
Desse ao menos um cartão
Que eu levava a Santo Antônio
São João ficou zangado
São João só dá cartão
Com direito a batizado.
Implorei a São João
Desse ao menos um cartão
Que eu levava a Santo Antônio
— Matrimônio! Matrimônio!
Blim, blém, blim, blom. . .
— Isto é lá com Santo Antônio!



*Pintado pela aluna Stela Maris Vanessa Dias
4a. série B*

COMUNICAÇÃO apresentada por Doralécio Soares,
Presidente da Comissão Catarinense de Folclore:
**Ensino e Pesquisas Folclóricas no Estado
de Santa Catarina.**

Santa Catarina é o Estado brasileiro que reúne diversificado folclore, dada a formação étnica de sua população.

A par disto a Comissão Catarinense de Folclore, fundada em 1948, desenvolveu no decorrer desses anos, um trabalho de pesquisa nas mais diversas áreas do Estado, através dos seus membros, registrando vários aspectos dos valores culturais desse folclore, publicando-os em seu Boletim, para melhor divulgação.

Hoje este Boletim em seu número 41/42/1990 continua esse trabalho, na medida que os recursos permitem.

Acentuamos que esses recursos sempre foram mínimos, sendo essas pesquisas quase sempre bancadas por seus autores.

Da Comissão Catarinense de Folclore

Não tem sido fácil manter os trabalhos da Comissão atuantes, mesmo porque os velhos integrantes da mesma foram desaparecendo, e os novos não assumem com entusiasmo novas pesquisas.

O apoio sempre recebido por parte de órgãos culturais dos Governos do Estado tem permitido à Comissão Catarinense manter as edições do seu Boletim, hoje transformados em substanciais volumes, com esmerada apresentação gráfica.

Com a criação da "Biblioteca da Cultura Popular", pelo seu atual presidente, foi possível a Comissão editar três Cadernos de pesquisa folclórica nos últimos anos, com o patrocínio do Governo do Estado, bem como a obra "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina", aprovada pelo Conselho Estadual de Cultura, estando em pauta o Caderno nº 4, com o título "Superstições e Crendices, Rezas e Orações, e Medicina Popular", de autores diversos.

Em 1969, precisamente a 7 de abril, foi sancionada a Lei nº 4.287, que instituiu o "Dia do Folclore" em Santa Catarina. Lei esta, em razão de um projeto de autoria do ex-Deputado Estadual Pedro Ivo de Figueiredo Campos, que veio a falecer em 1989, como Governador do Estado.

Por falta de recursos para pesquisas, a Comissão Catarinense achou por bem estender às escolas da área do ensino do 1º e 2º graus do Estado, as pesquisas folclóricas, obtendo os resultados mais promissores, passando a publicar em seu Boletim as pesquisas mais importantes, divulgando também as promoções folclóricas decorrentes do que estabelecia a Lei nº 4.287, sobre o folclore na Educação.

Este trabalho continua, não tão acentuado, com o mesmo entusiasmo com que se iniciou, mas será mantido enquanto a Comissão de Folclore permanecer atuante e mantendo a divulgação da Cultura Popular Catarinense.

Folclore na Educação

Promoção do Folclore na Escola — No ano de 1982, continuaram com bastante interesse promocional as apresentações de folclore nas escolas que integram as várias UCRES.

Em Florianópolis, foi desenvolvido um trabalho de destaque, tendo como finalidade mostrar aos alunos das escolas da Grande Florianópolis o valor das nossas manifestações culturais, numa magnífica promoção no ginásio do Colégio Catarinense. Além de grupos folclóricos de escolas públicas, teve a contribuição também dos colégios particulares, que se destacaram como os demais pelo zelo e entusiasmo nas apresentações de seus grupos.

Tanto em Florianópolis como em Joinville, tivemos oportunidade de assistir a essas apresentações. Em Joinville a promoção foi no Ginásio de Esporte Dep. Ivan Rodrigues, que se encontrava completamente lotado, sendo a promoção coordenada pela DIFID da 5ª UCRES e também por professores de escolas particulares.

Convém esclarecer que, tratando-se de promover o folclore catarinense e brasileiro nas escolas, muitas direções desses estabelecimentos se prendem a promover o folclore de países estrangeiros, muitos dos quais até sem nenhuma vinculação cultural com o nosso país. De fato, são grupos organizados, muito bonitos, mas são de culturas ignoradas por nós. Assim sendo, o folclore catarinense, rico pela nossa formação étnica, bem como o brasileiro, devem os nossos professores pesquisar o que é nosso e aproveitar esta riqueza cultural que possuímos.

Entre os grupos das escolas de Joinville que se apresentaram, convém destacar o grupo do Colégio Estadual "Almirante Boiteux", de Araquari, que apresentou a "Dança do Cacumbi", baseada numa pesquisa realizada naquele município, de raízes africanas, onde existe um grupo folclórico autêntico de *Quicum-bis*. Não basta as escolas, para essas promoções, buscarem em livros e enciclopédias, os motivos para os seus alunos se apresentarem bonitinhos, com danças vistosas e muitas vezes improvisadas. O importante é pesquisar e apresentar o que pertence as nossas raízes culturais.

Assim mesmo com todos esses senões, louvamos pelo trabalho desenvolvido nesses festivais.

O Folclore na Educação é uma necessidade social, unindo-se à cultura tradicional, levando aos lares a tradição, fazendo surgir o interesse pelos nossos costumes. É importante para a Educação estabelecer o Folclore na Escola, como força nacionalizante e elemento de vitalização das legítimas tradições de nosso povo, através de nossas fábulas, provérbios, trovas, línguas, adivinhações, brinquedos, da música, da arte, da dança, da leitura, da geografia, da história e matemática, permitindo favorecer a mentalidade dos alunos e conformação do homem brasileiro no meio ecológico, nas suas tradições históricas, facilitando o desenvolvimento mental das crianças e adolescentes com maior interesse.

Nos vários congressos já realizados no Brasil, não somente de Folclore, como também de Educadores, tem sido importante a atenção dispensada ao Folclore na Educação, sobretudo em se tratando do Folclore nas escolas.

Folclore nas Escolas

São Francisco do Sul. Tarde de Folclore, foi o título da promoção folclórica realizada pela supervisão local de Educação de São Francisco do Sul em novembro de 1978. Especialmente convidado pela Direção da Escola Básica "Carlos da Costa Pereira", esteve presente o Presidente da Comissão Catarinense de Folclore.

A "Tarde de Folclore" teve lugar no Ginásio de Esportes "A Comunidade Participa", com a presença de várias Escolas Básicas de Colégio Normal de Santa Catarina. A promoção foi das mais válidas, coroada de pleno êxito, visto que veio ao encontro do trabalho desenvolvido pela Comissão Nacional de Folclore e Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no sentido de ser promovido o nosso folclore nas escolas, a fim de despertar em nossas crianças o interesse por aquilo que de mais belo reúne: as manifestações da nossa cultura popular.

XIV Festival Estudantil de Folclore — Joinville — SC. "*Viver no Presente as Tradições do Passado*".

Joinville é um dos municípios de Santa Catarina que mais cultua as artes sobre as suas manifestações mais diversas. Nesse município são realizados importantes eventos, sendo o folclore no mês de agosto um dos mais importantes, conforme destacamos no decorrer desta Comunicação, seguindo-se São Francisco do Sul, Araquari, Jaraguá do Sul, São Bento, entre outros. As programações são as mais variadas, constando de: além de apresentações de Grupos Folclóricos, Exposição de Trabalhos, Feira de Artes e Artesanato, Comidas e Bebidas Típicas, bem como Exposição de Trabalhos em Painéis. Sempre são expedidos convites ilustrados com motivos folclóricos trabalhados esmeradamente.

Projeto de efetivação do "Dia do Folclore em Santa Catarina"

A regulamentação do Projeto estabelece que as escolas durante o mês de agosto promovam as manifestações da cultura popular catarinense, encaminhando à Comissão Catarinense de Folclore os Relatórios atinentes a essas promoções. Em razão disso, a Comissão vem recebendo dezenas de relatórios na sua maioria ilustrados, publicando em seu Boletim os mais valiosos, com as mais diversas ilustrações, elogiando os mais importantes, sem estabelecer entretanto "julgamentos", visto que, não se tratando de concursos, a Comissão decidiu evitar julgamentos, mesmo porque "Concursos" de apresentações de grupos folclóricos, somente quando se tratam de apresentações afins, como o ocorrido no Projeto "Boi-de-Mamão", promovido entre as Escolas Municipais da Grande Florianópolis, realizados no Ginásio do SESC em Florianópolis, divulgados em nosso último Boletim. Projeto este de iniciativa da Prefeitura Municipal, com apoio da PROTUR — Fundação Pró-Turismo de Florianópolis. Isto ocorreu em diversas fases, com apresentações dos grupos das escolas inscritas, na Praça XV de Novembro na Capital Catarinense, em 1991.

Quarenta escolas, no Centro de Florianópolis, abrem Festival de Folclore em homenagem a Doralécio Soares.

Foi realmente memorável a homenagem prestada ao Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, disse o jornal *O Estado* na sua edição de 22/08/84.

"Cerca de 40 escolas e instituições da Capital e municípios vizinhos, mais a animada banda da Polícia Militar, deram um colorido todo especial à abertura do II Festival de Folclore, que vai até o dia 24 próximo. No 'Dia do Folclore

se faz pela primeira vez, para deleite de milhares de pessoas deslumbradas com a redescoberta do Boi-de-Mamão, integradas por todas as outras figuras, 'maricotas, bernúncias, bernuncinhas' etc. As acrobacias dos capoeiristas, pau-de-fitas, arcos de jardineira e o luxo das vestimentas características da Festa do Divino e outras manifestações.

O II Festival do Folclore é promovido pela 1ª UCRE (Unidade e Coordenação Regional de Educação da Secretaria de Educação) e visa preservar e valorizar a cultura popular. O Festival do ano passado foi realizado a nível de comunidade, em bairros e escolas. O II está homenageando Doralécio Soares, em reconhecimento ao seu dedicado trabalho em favor da cultura popular catarinense. O evento conta com o apoio da UFSC, Mobral/SC, MEC e Prefeitura Municipal."

Foi realmente um espetáculo que muito me emocionou, cuja emoção me embarga a voz ao transmitir nesta Comunicação que ora faço aos presentes neste auditório.

Festa do vinho Urussanga, SC, 1986

Revestiu-se de grande brilho a "Promoção do Folclore na Escola", ocorrida na "Festa do Vinho" no município de Urussanga, zona de colonização italiana.

Dando seqüência ao destaque da Comissão Catarinense de Folclore, para a "Promoção do Folclore na Escola", abrimos espaço para a "Festa do Vinho" realizada em 1986, quando ali tivemos presente e fotografamos os vários corais infantis que participaram das festividades e das danças pelos mesmos realizadas.

A fim de que os presentes neste auditório tomem conhecimento das várias escolas e colégios que participaram dessa Promoção, visto que esta projeção do "Retroprojektor" não diz bem, ou seja, não reproduz as dezenas de fotos publicadas em nosso Boletim, daremos o nome das diversas escolas participantes: Colégio Estadual Caetano Bez Batti — Bairro da Estação; Escola Básica Lucas Bez Batti — Bairro Santana, que apresentou Os mineiros — (Explosão de Mina), Morte por gás; Coral Infantil do Distrito de Cocal; Escola Básica Barão do Rio Branco; Grupo Polonês — Cocal; Colégio Estadual Padre Schuller e Maximiliano Gaidzinski; Colégio Rainha do Mundo, de Monferrina.

Com a coordenação do maestro Acácio Santana da UFSC, apresentaram-se os Corais Natividade de Cocal, Imigrantes de Siderópolis, Coral Santa Cecília de Urussanga e da UFSC, de Florianópolis.

São Miguel do Oeste

A Promoção do Folclore na Escola se estende aos municípios mais distantes do Estado. E assim fomos encontrar promovido pela 12ª Unidade de Coordenação Regional, "Divisão de Administração de Ensino — São Miguel do Oeste" Colégio Estadual, o Grupo de Dança e Coral "Águia Branca", integrados pelos alunos da 3ª, 5ª, 6ª e 7ª séries, fundado em 1984, cuja foto projetamos.

Isto também ocorre com outros municípios da região, entre os quais citamos: Chapecó, Concórdia, Xanxerê, entre outros: Lages, Joaçaba, Curitibaanos, Caçador, São Joaquim e outros municípios da região Centro Oeste.

Vale do Itajaí

O Vale do Itajaí é onde se concentram os municípios de origem alemã, e anualmente em Blumenau, se realiza a mais badalada festa regional de Santa

Catarina, a Oktoberfest, que além de apresentar os Grupos Folclóricos da região, recebem também as tradicionais "Bandas de música", vindas da Alemanha. É uma festa de grupos folclóricos "promocionais", folclore para "turista ver", naturalmente tem as raízes das suas regiões de origem, mas para nós folcloristas que exigimos autenticidade em nossos estudos, só os aceitamos como efeito promocional do Estado catarinense, onde anualmente são consumidos milhares de litros de chope e se realiza também o concurso do consumo do "chope em metro". É uma festa realmente de grande beleza que carrega ao Estado milhares de turistas provindos dos mais distantes pontos do território nacional. Paralelamente a essa promoção alguns municípios da região, aproveitando a demanda de turistas, também procuram faturar com a Oktoberfest, realizando em Itajaí, a Festa Marejada, de origem portuguesa, onde além de comidas à base de "frutos do mar", apresentam danças de origem portuguesa, com seus grupos folclóricos, isto é, parafolclóricos. No município de Brusque, também no Vale no Itajaí, temos a Fenarrecó, onde o consumo de "marrecó recheado" vai a centenas, apresentando também as suas atrações regionais com seus bailes de vestimentas típicas. Pomerode, município mais próximo de Blumenau, apresenta a sua Festa Pomerana. Esse município diz ser o mais alemão de Santa Catarina, onde não existe um só analfabeto; também não se registram roubos, assaltos nem homicídios. A sua população é ordeira e trabalhadora e são inúmeros os seus grupos de danças parafolclóricas.

Treze Tílias

Destaca-se também em Santa Catarina o município de Treze Tílias com seu Grupo de Danças Tirolesas, trazidas dos Alpes pelos seus antepassados. São danças que vêm se transmitindo de geração a geração. Ali também são encontrados célebres escultores em madeira, entre eles destacamos Godofredo Thaler, autor do Cristo que se encontra na igreja de Brasília "Dom Bosco", se não me falha a memória também da Catedral de Brasília e do Rio de Janeiro.

Rodeio

Outro município que se destaca também na cultura regional de Santa Catarina é o município de Rodeio, próximo a Blumenau e Rio do Sul. Esse município colonizado por imigrantes italianos vem mantendo os seus tradicionais costumes, realizando anualmente a sua tradicional festa: "Itália põe a Mesa", com a "La Sagra", que representa um banquete em honra ao seu santo padroeiro — um dia sagrado em que todos escolhiam o seu melhor prato para homenagear o santo padroeiro, que começava depois da "mesa grande" (a missa das 9 horas). Era o dia em que o tacho da polenta descansava, uma vez que a polenta era considerada o prato comum do trabalhador italiano.

Atualmente a La Sagra é comemorada por algumas famílias tradicionais, e a Sociedade "Antares" reúne os seus membros e realiza a sua tradicional festa, onde além do jantar típico, participa o seu Coral, já consagrado pelas suas inúmeras apresentações no Estado e em algumas cidades do Brasil.

Medicina Popular

Bem, além das várias notícias culturais do folclore catarinense que expus nesta Comunicação, convém destacar que as escolas catarinenses também dão ênfase as suas pesquisas de "medicina caseira", e assim trago com destaque a pesquisa realizada pelos alunos do Colégio Fredolino Hülse de São Martinho,

sobre a "medicina popular" onde os alunos que realizaram a pesquisa apresentam o resultado do seu trabalho, cuja foto apresento a esse auditório.

Outra pesquisa de "Ervas Medicinais da Farmacopéia Popular" foi realizada pelos alunos do Colégio Estadual "Wanderley Júnior", do município de São José, na Grande Florianópolis. Nessa pesquisa os alunos recolheram 46 espécies de plantas medicinais indicadas para os mais variados tratamentos da saúde. Essa pesquisa encontra-se publicada como as demais em nosso Boletim.

Encerramento

Antes de encerrar esta Comunicação, quero destacar a importância que a dança do "Pau-de-Fita" representa nas escolas de ensino de 1º e 2º graus em Santa Catarina. De origem hispânica, alemã e portuguesa, elas se diferenciam nas suas diversas maneiras de apresentações. As de origem hispânica e alemã se apresentam nos CTGs e em alguns grupos de danças do folclore alemão, acompanhadas por grupos de tocadores de instrumentos diversos, acordeões e gaitas de fole. Já os de origem portuguesa, além da orquestra de corda, acordeões etc, têm as suas cantorias alusivas aos trançamentos, incluindo também músicas com versos de natureza cívica.

Um dos municípios catarinenses que mais se destaca com essas apresentações é Laguna, cujos habitantes classifico de maior sensibilidade artística do Estado, onde fui encontrar uma escola municipal na localidade da Barra, com o trançamento do Pau-de-Fita à Feiticeira, que consistia de seis pares, que após iniciarem o trançamento no mastro, se separavam em grupo de três e continuavam o trançamento no ar, fora do mastro, cantando versos alusivos ao trançamento.

Laguna é o município onde ainda se encontram os mais lindos folguedos populares de Santa Catarina, cuja herança artística luso-açoriana foi transmitida aos lagunenses de maneira grandemente acentuada. Os mais autênticos "bois-de-mamão" eram lagunenses, "paus-de-fita", "dança da jardineira" e até "cumbi", da cultura afro-brasileira, houve época ali existiam.

Lúdica Infantil

Após as várias informações aqui transmitidas nesta comunicação, neste importante Simpósio sobre "Ensino e Pesquisa" de folclore, quero destacar a importância que o Folclore na Educação vem dando à "lúdica infantil", às cantigas de roda, jogos, parlendas, mitos, adivinhações etc., conforme destaquei nas transparências apresentadas no retroprojeto, divulgadas no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Mitos heróicos da infância

O trabalho que desenvolvemos em Santa Catarina, "Promoção do Folclore na Escola", vem ao encontro da proposta do escritor e folclorista Veríssimo Melo, de Natal — RN, no seu artigo "Mitos heróicos da infância", no aproveitamento da "lúdica infantil na educação", em livros escolares e atividade de lazer do 1º e 2º graus. Diz o autor — "na magistral observação de Ortega y Gasset", no ensaio "El Quijote en la Escuela", Proposta essa apresentada à II Reunião de Antropólogos do Norte/Nordeste, realizada em março de 1991 em Recife.

São José dos Campos — SP

COMUNICAÇÃO DE DORALÉCIO SOARES. Entre os cumprimentos recebidos pela sua manifestação na Comunicação sobre "Ensino e Pesquisa do Folclore Catarinense na Educação", a Gerente Industrial Infantil e Juvenil da Cia. Melhoramento de São Paulo, ISIS VALÉRIA GOMES, assim se manifestou: "Parabéns pelo seu trabalho aplicado à realidade escolar. Gostaria de conversar melhor com o Senhor."

Isis Valéria.



Relatório

“O Folclore

Escola Básica "Mário Nardelli"

Aproveitamento de ilustração.—RIO DO OESTE —SC.

3. Rubick, Valéria Voitens. Entrevista PE-06-1/0141, p. 10. Laboratório de História Geral. U.F.S.C. — Fpolis.
4. *trate-se do nome utilizado para designar o trigo sarraceno (cultura de verão).*
5. *idem p. 10*

- 1 e 2 — Obrigado, pelo trabalho assumido, dedicado e responsável;
 3 e 4 — Obrigado, pela coragem e persistência demonstrada na luta pela preservação e divulgação do nosso folclore;
 1 e 2 — Obrigado, pelo seu grande amor ao povo catarinense, a sua origem, história e tradição!
 3 — A você, Doralécio,
 4 — por tudo o que fez,
 3 — por tudo o que é,
 3 e 4 — nossa singela homenagem.
 1 — Seu exemplo nos estimula,
 2 — seu trabalho nos cativa.

Todos: Sua vida, sua obra, estão para sempre na história da nossa gente!

1 e 2 — Que Deus o abençoe!

.. Professor Doralécio:
 Obrigado pela semente folclórica que propagas.
 Semeias hoje, para que exista o amanhã."

Escola Básica de Demonstração "Kauro Müller"

Agosto - 1984

faltem qualidades culturais. Isto não, pois todos são ricos pelas suas origens étnicas. Mas compará-los, isso somente seria possível se fossem grupos afins, semelhantes, no caso, concurso de grupos de Boi-de-Mamão, ou de Cacumbis e por aí afora. Nem entre grupos de Pau-de-Fita, podem-se realizar concursos, por serem de culturas diferentes, uns de origem alemã, outros portuguesa, hispânica, etc., quanto mais entre grupos diversamente opostos culturalmente".

Para o Presidente da Comissão Catarinense do Folclore, julgamentos dessa natureza é um desestímulo às professoras, às escolas de comunidades carentes e às próprias crianças. Acha que para as escolas participantes devem ser confezidos troféus, certificados ou brindes oferecidos pela indústria e comércio.

APROVEITAMENTO DE ILUSTRAÇÕES DOS RELATÓRIOS
 ENVIADOS À COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE,
 CONCERNENTES ÀS PROMOÇÕES FOLCLÓRICAS REALIZADAS
 NAS ESCOLAS.



BOI-DE-MAMÃO

Dança folclórica do Estado de Santa Catarina.

Escola Básica "RUDOLFO LUZINA"
 NOVA ERECHIM-SC

COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE

Projeto elaborado pela professora Sônia Maria Cópp da Costa, de São Francisco do Sul, integrante da Comissão Catarinense de Folclore, apresentado ao Prefeito daquele Município em 1985, com a finalidade de ali ser criada a Comissão Municipal de Folclore.

O referido projeto foi submetido à apreciação da Comissão Catarinense, que aprovou integralmente, e o publicando nesta edição, recomenda às Prefeituras o adotarem na criação das Comissões Municipais de Folclore, visto que o mesmo corresponde aos ditames condizentes com tudo que se relaciona à cultura popular nos seus mais variados aspectos.

A professora Sônia Maria Cópp da Costa é portadora de certificado de participação de um curso livre de Folclore na UFSC, promovido em 1985 pela Comissão Nacional de Folclore e Comissão Catarinense, ministrado por renomados mestres do folclore brasileiro, destacando-se o Antropólogo folclorista, Prof. Dr. Saul Martins, da UFMG, a Professora Cascia Frade, da UFRJ, o Prof. Braulio do Nascimento, vice-presidente da C.N. de Folclore, entre outros.

PROJETO

No Folclore nascemos, vivemos e morremos. É o clima natural, orgânico, diário, familiar. É a ciência do povo. Saber mais do que o povo é privilégio do Espírito Santo.

Folclore, palavra criada pelo inglês Willian John Thons, tornou-se de uso universal. Folk = povo + lore = sabedoria.

Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação. Quando um povo inteiro dança, canta, narra, pensa, crê, sente, trabalha, peleja uniformemente com fundamento tradicional, vive no presente as tradições do passado.

Atualmente, no Brasil, o Folclore vem merecendo a atenção de governos, historiadores, estudiosos e do povo.

Em São Francisco do Sul, a formação cultural influenciada pela cultura européia, negra e indígena nos oferece diversificadas que merece, por suas características históricas, ser explorada.

Difícil se torna através deste trabalho traçar um Projeto definido sobre o folclore francisquense, sendo o mesmo diversificado e rico, com culturas populares dos diferentes povos que colonizaram este município.

Por isso, a organização de uma Comissão Municipal de Folclore se faz justa e necessária, tendo como função procurar conservar a idéia dos restos culturais de nossa terra, despertando e renascendo as manifestações folclóricas e regionais de nossos antepassados.

OBJETIVOS GERAIS

— Realizar pesquisas folclóricas sobre: Danças; Festas Típicas e Religiosas; Culinária; Trajes Típicos; Estórias do Tempo da Vovó; Mitos Regionais, Adivinhas; Literatura Oral: músicas, crenças e superstições, lendas, medicina popular, adágios, contos, provérbios, orações e fábulas; Artes Populares: pintura, escultura, cerâmica, trabalhos de artesanato em geral.

— Divulgar em âmbito municipal, estadual e nacional, o trabalho realizado, valorizando as tradições do passado, revivendo-as no presente, através da manifestação popular.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

— Estimular nos Estabelecimentos de Ensino a participação neste trabalho e promoções que realcem a importância do Folclore na formação cultural do município, defendendo a sobrevivência de usos e costumes, assegurando desta forma proteção às manifestações de criação popular.

— Envolver pais, professores e alunos; o comércio e indústria locais, bem como a Comunidade em Geral no processo de participação, divulgação e apresentações das manifestações de nossas culturas.

DESENVOLVIMENTO

Sendo a *Dança Folclórica* a mais atraente das manifestações populares, envolvendo culturas diferentes, raças diversas e localizações geográficas das mais variadas, cumpre-nos realçar e reviver o mais autêntico folclore de nossa cidade: o *Vilão*, dando-lhe condições de sobrevivência e atuação.

Outras manifestações como: o *BOI-DE-MAMÃO*, *DANÇA DE SÃO GONÇALO*, *DANÇA DO FANDANGO*, *CANGULO*, *PAU-DE-FITA*, *TERNO DE REIS* e o nosso *CARNAVAL*, serão despertadas através de pesquisas e a participação, integração dos grupos existentes e organização de novos grupos. (Pesquisar as manifestações existentes em seu município) nota da C.C.F.

As *Festas Típicas e Religiosas* têm nos santos populares a reunião de certos atributos propiciatórios aos devotos e participam de um vasto contexto devocional, com festas de arraial, procissões, ladainhas, folias e jogos. Citaremos: *FESTA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA* (Padroeira do Município), *FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO* (Bandeira do Divino), *CORPUS CHRISTI* (Procissão do Tapete), *NOSSA SENHORA DA GLÓRIA*, *NATAL* (destaque para o Presépio) e outras. Há diversos costumes nas *FESTAS DE JUNHO*, com as fogueiras, jogos, folguedos de toda a espécie, sortes; ressaltando os santos: *ANTÔNIO*, *JOÃO*, *PEDRO E PAULO*, merecendo o carinho e respeito por esse sincretismo religioso e intenso, podendo ser melhor explorado em termos folclóricos regionais.

A *música folclórica e o brinquedo popular* é o resultado do que o povo canta, cria e tem aceitação. Faz parte da Literatura Oral. Varia de um lugar

para outro, mas permanece sempre vivo, lembrado pelo povo de cada região ou até nacionalmente. Sendo o folclore de grande valor didático, bom seria levar a todas as crianças o conhecimento das rondas infantis através das cantigas como: *CIRANDA, CIRANDINHA; CAPELINHA DE MELÃO; FUI NO ITORORÓ* e outras que deveriam ser revividas nas escolas, dando liberdade às crianças de inovações. Reviver, ainda com entusiasmo, a participação das crianças em brinquedos populares, através de gincanas e concursos. Destacariamos: *PANDORGAS, PIÃO, AMARELINHA, PECA, PETECA, CINCO MARIAS, CATA-VENTO, BRINQUEDOS DE MADEIRA, BONECAS DE PANO* etc. Neste processo seriam envolvidos os professores de Educação Artística junto a cada comunidade.

A *Literatura Oral* que reúne o canto, a lenda, o mito, as adivinhas, provérbios, orações, frases-feitas tornadas tradicionais ou denunciando uma estória, merece uma pesquisa séria e carinhosa, pois são manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos.

Poderemos destacar como exemplo: o *PÃO-POR-DEUS*; as lendas: do Morro do Hospício e a do Padre no início da colonização de São Francisco. Requer de todos nós uma pesquisa séria e objetiva, evitando as distorções que se sucederam através dos tempos e das gerações.

A *Medicina Popular*, apoiada em reza, benzimento e medicação tópica, procura apenas reduzir a sintomatologia própria dessa enfermidade, não sendo, pois, responsável pela sua cura. São as Crenças e Superstições que incluindo Crendice, Orações, Rezas e Benzeduras, objetos de sorte ou azar têm grande aceitação popular e manifestações vivas em nosso município. São Culturas que devem ser preservadas e transmitidas às gerações futuras.

Os *Trabalhos de Artesanato na Cerâmica e outras Artes*, predominantemente manual, requer criatividade e habilidade. Pode ser caseiro, artístico, utilitário, de consumo e do dia-a-dia. Na localidade de Iperoba os trabalhos de cestaria e trançados de cipós despertavam o interesse e a curiosidade dos turistas, bem como a renda de bilro na localidade de Tapera, Laranjeiras, Gamboa e Vila da Glória passam despercebidas e que, apesar da riqueza do seu conteúdo, permanecem ignoradas e quase desaparecidas. (Pesquise as manifestações do seu município).

JUSTIFICATIVA

Para reviver e estimular a atuação dessas manifestações folclóricas, sua participação e maior integração na Comunidade, justifica-se a criação de uma *Comissão Municipal de Folclore* constituída de pessoas interessadas e atuantes neste campo, organizando-se Grupos de Trabalhos para Pesquisas, com o objetivo de se conhecer melhor as nossas manifestações culturais e populares.

A *Comissão Municipal de Folclore* seria destinada uma sala própria para arquivar o material de pesquisa, buscando-se em curto ou médio prazo, adquirir uma *CASA DE FOLCLORE*, onde todas as manifestações folclóricas do município seriam demonstradas através de Painéis, Quadros Murais, Desenhos, Maquetes, Esculturas, Folhetos. . . expostos à visitação pública após a conclusão dos trabalhos.

Para atingir os objetivos previstos, a *COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE* solicitaria a participação dos Estabelecimentos de Ensino, Entidades de Classe, Clube de Serviços etc., com o apoio e orientação desta *COMISSÃO*.

Uma cidade como *SÃO FRANCISCO DO SUL* reúne grandes tradições folcló-

ricas que não podem ser esquecidas, mas preparadas para ressurgirem com exuberância e vigor, a fim de que possamos conservar nossa cultura e dizer: *O FOLCLORE ESTÁ VIVO EM SÃO FRANCISCO DO SUL, AS NOSSAS RAÍZES NÃO SE PERDERAM NO TEMPO*. Para isso, é necessário a integração do Poder Executivo, do Poder Legislativo e a Comunidade em Geral em torno do mesmo ideal: *o Folclore Francisquense*. (No caso também do folclore do seu município).

São Francisco do Sul, 30 de julho de 1985.

SÔNIA MARIA CÓPP DA COSTA



PARLENDAS, BRINQUEDOS E JOGOS INFANTIS

Jogo do Frade

Bento, que Bento? — Frade!

Na boca do forno. — Forno!

Fazer um bolo. — Bolo.

Fazer o que seu mestre manda?

Faço, sim senhor!

Ir buscar... (qualquer coisa que se mande...) O último a chegar apanha um bolo.

Jogo dos Velhacos

Diz o capitão:

"Na porta do Marambela

Apareceu um gato morto

— "Foram estes 2 velhacos" — diz o primeiro jogador.

— "Foram estes 2 velhacos" — diz o primeiro jogador.

Diz o segundo: "Mentes velhaco..."

Volta o capitão a perguntar:

— "Quem foi que esfolou?"

— "Foram estes 3 velhacos" — diz o primeiro jogador.

Volta a perguntar o 2º jogador e assim por diante. Quando algum atrapalha, apanha um bolo.

Jogo do Medo

Pergunta-se a uma criança:

— "Teu pai foi à caça?"

Ela deve responder:

— "Foi..."

Faz-se nova pergunta:

— "Teve medo?"

Ela responde: — "Não"

Sopra-se, então, os olhos dela e se ela fechá-los, diz-se: — "Teve sim!"

Jogo do Soldado

Brilha, brilha, meu soldado,

Na porta do Capitão...

— "Como posso eu brilhar

Se ainda me falta o calção?"

(Cada um dos jogadores dá uma peça do uniforme: boné, espada etc. Aquele que não der nada apanha um bolo com a pá da farinha).

Brinquedo de Esconder

Uma criança encosta-se a um muro de olhos fechados; as demais vão lhe dando uma palmada a dizer:

Maria Macundê

Bate no...

E vai-te escondê.

Cada qual procura esconder-se da melhor maneira e do esconderijo grita:

Já é. A Maria Macundê sai a procurar as companheiras. À primeira encontrada ela diz: "Esta tica" e esta a substitui.

Um..... dois..... pirão com arroz,
Três..... quatro..... pirão no prato,
Cinco..... seis..... bolo inglês,
Sete..... oito..... come biscoito,
Nove..... dez..... quinhentos réis.

Bão, bão, bão
Balalão
Alferes, Tenente,
Major, Capitão
Vão todos à venda
Tomar seu pifão.

B — a, Bá ----- passa pra cá,
B — e, Bé ----- pra São Tomé,
B — i, Bi ----- pra Sambaqui,
B — o, Bó ----- buscar cipó,
B — u, Bu ----- p'ro teu....

A — B — C...
Minha mestra
Não me dê
Com a varinha de condê....

Tico-tico, saranico, (ou sarapico)
Quem te deu tamanho bico?
Foi a velha chocarreira
Que anda lá pela ribeira
Pondo ovos em pinico
E apanhando passarinhos
Para pôr na frigideira.

Pirulito que bate, bate,
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

Cantiga de roda, na qual uma menina do meio da roda escolhe outra e com ela vai pulando, enquanto todas juntas cantam a melodia "O BOI BARROSO":

"A menina tão galante
Nos convida pra dançar
Uma valsa tão lindíssima
Uma meia-volta vamos dar
Ai que delícia saber dançar
Ai que delícia meu lindo par."

Outra:

Passa, passará
Quem detrás ficará
Seu Martinho pescador
Dá licença de chegar
O primeiro, o segundo
O terceiro vou pegar.

Outra:

Pelo rio abaixo
Vai uma gaivota
Quem pegar no bico
Está fechada a porta.

Enviada pelo Grupo Escolar "Sara Castelhana Kleikanf", em 1970, quando a Comissão Catarinense de Folclore iniciou o recolhimento de PARLENDAS, JOGOS E RODAS do folclore infantil, objetivando a publicação de um livro, que infelizmente não se concretizou.

FALAÇÃO SOBRE A PORTARIA DE VON DER HEYDT, 1859

Doralécio Soares

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ, fundador da Comissão Catarinense de Folclore como um dos seus membros do interior, porque à época era residente e domiciliado em Indaial (SC). No momento escreve série de artigos na temática que relaciona pessoas, gente, aspectos e paisagem humana, que pretende entender ou até entende como blumenauensidades. Já fazia isto quando Oswaldo R. Cabral (que do nosso convívio saiu para sempre em 1978) entendeu-o atuante no garimpo dos catarinensismos e na especialidade, que também é bem-querer, e diz ele é maneira de pagar a hospedagem de migrante, dívida acumulada com mais de meio século. É exatamente iniciada no mundo blumenauense lá pela segunda quinzena de abril de 1939.

Mesmo dizendo que é maneira de ser útil, é um insatisfeito. E agora, de onde lá vive com familiares, cachorro, livros e a grande saudade de Ruth (a inesquecível) e também mais de meia-dúzia de São Francisco de Assis, em cerâmica, madeira e reproduções, envia peça do arquivo particular de apreciável valor: esta é texto comentado da célebre "PORTARIA MINISTERIAL DE VON DER HEYDT, 1859" — Decerto preferiu o "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore" porque nele tem publicado textos com estimado valor intelectual. E também porque em "Blumenau em Cadernos" (Fundação "Casa Dr. Blumenau", Blumenau (SC) está publicando uma série de artigos, iniciados em maio/1992, sob o título único de *"Ao redor do dr. Blumenau"*. E no discurso já disse que a "Portaria" referida foi agressividade política (COMO AQUI SE DIZ ALEMÃ DA ALEMANHA) objetivante de tornar menor o indimensionável idealismo com o qual dr. Blumenau atuava.

Informa T. C. Jamundá, que recebeu a cópia que agora envia para este "Boletim", das mãos da lembrada arquivista senhora Christiana Deeke Barreto (1905-1980). E recorda ainda que o advogado Max Tavares do Amaral foi do grupo dos interessados na análise do texto daquela "Portaria".

— Calcule-se que a "Colônia Particular do dr. Blumenau" ainda não tinha completado dez anos e na inteira dependência de mais e mais imigrantes para ocupação dos lotes, em vez deles chegando para ficar, recebeu a vigência de uma proibição instruída pela "Portaria Ministerial de von der Heydt, 1859". — E análise comparativa informa que foi de aplicação parcial pois se proibiu funcionamento de corrente emigratória para a "Colônia Particular do dr. Blumenau", não proibiu para as áreas de colonização germânica do Estado do Espírito Santo.

Como se sabe, e a redação deste Boletim não desconhece, a tal "Portaria de 1859" é conhecida de poucos e analisada por raros. — Daí o interesse que T. C. Jamundá manifeste pensamento próprio soma de duas perguntas: a primeira, como prejudicou a administração do dr. Blumenau? — Segunda, qual a definição pessoal como intervencionista na corrente emigratória germânica para o Brasil?

Letra por letra transcrevemos as respostas: "*Dr. Blumenau, proprietário, diretor, gerente da Colônia, foi alcançado pela limitação porém ultrapassou a peçonha da facciosidade; foi mais uma adversidade e esta com origem na própria Pátria, portanto mais agressiva espiritualmente. — Colhe-se que a limitação não alvejou seu idealismo indimensionável: a raiz do município de Blumenau já tinha a potencialidade abençoada por Deus*".

Quanto à definição para o ato oficial, disse: "*Foi ato oficial político, que nas entrelinhas favoreceu interesses conchavados nos bastidores. Funcionou para os que lucravam com a Emigração germânica como fosse mina de ouro (...)* — Para a Colônia de Blumenau tal vantagem não era possível.

O texto comentado da "Portaria de 1859" publicado pelo jornal alemão "KONIGLICH PREUSSISCHER STAATSANZEIGER", é o seguinte:

Portaria Ministerial de von der Heydt, 1859

A portaria do ministro prussiano von der Heydt, de 3 de novembro de 1859, é um desses documentos históricos que, indo muito além de sua significação objetiva, deram azo para inúmeras discussões. Figura a portaria ao lado de uma série de decretos análogos de províncias alemãs e cantões suíços, os quais se ocupavam, há um século, da emigração para o Brasil. Durante cinco décadas a portaria foi combatida e defendida apaixonadamente. E ainda hoje os historiadores e sociólogos discordam sobre as razões que a inspiraram e ditaram e sobre os respectivos efeitos e conseqüências. Qualificar-se-á, às vezes, ostensivamente, de "proibição da emigração da Alemanha para o Brasil", a qual teria causado graves danos à colonização em nosso País. Por outro lado, considerar-se-á uma medida a que, praticamente, coubera importância mínima. Todavia, ao examinar-se a questão mais de perto, verificou-se, que, evidentemente, nenhum dos autores que participaram das polémicas — exceção feita dos que ventilaram o assunto no sexto e sétimo decênios do século passado — conhecia o conteúdo ou mesmo o texto da portaria e que a maioria baseava seu julgamento dos depoimentos de seus antecessores mais ou menos influenciados por interesses privados. Eis por que nos esforçamos por obter o texto da portaria, o qual havia caído em completo olvido. Conseguimos nosso intento, mercê da gentileza da senhorinha Hertha Handwerck, bibliotecária da Biblioteca Universitária de Marbugo. Reproduzimo-lo, mais adiante, no original alemão precedido da respectiva tradução feita pelo senhor Emílio Bomeisel. As páginas 89-91 do livro "Centenário de Blumenau 1850. . . 1950" encontra-se a mais recente, porém não conclusiva investigação em torno da portaria em apreço. Oxalá a publicação contribua para que se aclare, baseado em documentos que jazem por ora sem proveito, em arquivos alemães e suíços, um tão debatido, porém pouco dissecado capítulo da história da imigração no Brasil. Prestar-se-ia, assim, um serviço à verdade e à justiça históricas. Além disso criar-se-ia, porém, um novo fundamento para a futura política imigratória e colonizadora relativamente a cuja importância para o futuro deste País não existe divergência de opiniões.

Portaria Ministerial de 3 de novembro de 1859 referente à revogação da autorização concedida, desde então, com restrições ou não, de acordo com a Lei de 7 de maio de 1853, a empresários de emigração, para o transporte de emigrantes com destino ao Brasil.

Lei de 7 de maio de 1853 (Gazeta Oficial nº 216, pág. 1.523)

Vem aumentando, ultimamente, em grau crescente as informações e queixas

sobre a situação penosa e desesperançada dos imigrantes alemães no Brasil, aliás procedentes, em sua grande maioria, segundo ficou constatado em investigações minuciosas feitas. Foram, por conseguinte, tomadas providências para, na medida do possível, pôr cobro a tal anomalia. Além de outros passos ainda a serem dados, tinha-se de considerar inadmissível, principalmente, continuar a manter o transporte de emigrantes para o Brasil sob a proteção de concessões dadas. Verdade é que estas têm sido dadas, nestes últimos tempos, somente sob a restrição de serem excluídos, sem exceção, contratos pelos quais os emigrantes se obrigavam a amortizar com serviços prestados posteriormente — quaisquer adiantamentos que houvessem recebido (fundado em contratos à meia). Todavia, tal medida parece ser insuficiente.

Por conseguinte, ao proclamar, pelo presente, a revogação de toda e qualquer autorização por mim concedida, com ou sem restrições, consoante a Lei de 7 de maio de 1853, a empresários de emigração externos para o transporte de emigrantes para o Brasil e ao encarregar o Real Governo de dar conhecimento disso a todos os empresários que por seu intermédio hajam recebido concessões, chamo a atenção para o fato de que a presente revogação atinge, particularmente, os empresários aos quais hajam sido feitas concessões em data de 15 de janeiro de 1854, isto é, Robert Miles Slomann, comerciante e armador, de Hamburgo, e seus comanditários Louiz Knorr e Carl Adolph Holtermann, da mesma cidade, como também os mercadores Val. Lor. Meyer e Gustav Heinrich Behr, como sócios da Firma Val. Lor. Meyer, de Hamburgo; os empresários Carl Pokrantz e Lebrecht Hoffmann, sócios da Firma Pokrantz & Comp., de Bremen, que receberam a concessão em 8 de março de 1854; o corretor de navios August Bolten, de Hamburgo, a quem a concessão foi dada no dia 25 de março do ano em curso; e os sócios da Firma T. J. Wichelhausen, antecessora de H. W. Böhme, de Bremen, concessionários desde 15 de janeiro de 1854 e 24 de julho de 1859. Determina-se ao Real Governo, simultaneamente proclamar revogação análoga em relação aos empresários internos, aos quais o próprio Governo haja feito concessões para o transporte de emigrantes para o Brasil, dando disso conhecimento aos funcionários consulares por ele informados e cientificando a respeito todos os agentes dos referidos empresários externos e internos dentro de sua zona de atividade, para que se abstenham de facilitar ou de celebrar qualquer contrato de transporte que contrarie as presentes disposições e não dêem, até ordem em contrário, novas concessões desta natureza.

O presente Decreto será publicado na Gazeta Oficial.

Berlim, 3 de novembro de 1859.

O Ministro do Comércio, Indústria e Obras Públicas v.d. Heydt.

(Reproduzido do "Königlich Preussischer Staats-Anzeiger" de 10 de novembro de 1859 — págs. 2.059/60 — N.º 266).

FESTILHA — FESTA DAS TRADIÇÕES DA ILHA

São Francisco do Sul — Santa Catarina

Profa. Sônia Maria Cópp da Costa

A Ilha de São Francisco do Sul, tem uma história muito rica em tradições, folclorismo, misticismo e cultura, com detalhes e fatos esquecidos ou mesmo apagados pelo transcurso de quase meio milênio de existência.

Para que a história dessa ilha catarinense não morresse, não perdesse suas raízes e seu vínculo com o passado, foi concebida a idéia de se realizar uma festa popular: a *FESTILHA* — Festa das Tradições da Ilha, que procura resgatar importantes detalhes e fatos da história de São Francisco do Sul.

Foi assim que a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Turismo, lançou em 1989 a *FESTILHA*.

O objetivo da *FESTILHA* é trazer para a rua, para o meio do povo, de forma alegre, descontraída e movimentada, a reprodução festiva de fatos históricos. Foi o que aconteceu em 91 e 92, com o mesmo sucesso dos anos anteriores, na mais antiga rua da Ilha: a *BABITONGA*. Neste período ela se transforma em um imenso palco vivo, com as apresentações festilhescas de grupos folclóricos como o *VILÃO*, *BOI-DE-MAMÃO*, *PAU-DE-FITA*, *PASTORINHAS*, *CAPOEIRA* e outros; danças ao ar livre; barraquinhas que vendem as mais deliciosas iguarias do mar; artesanatos; passeios de barco entre as ilhas na magnífica Baía de Babitonga; apresentações de bandas; serestas etc. Estas são algumas das atrações da *FESTILHA*, quando a Ilha de São Francisco do Sul se empolga e vibra ao receber os milhares de *turistas* que além das apresentações, podem admirar o CENTRO HISTÓRICO, tombado pelo PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL; os casarios antigos; a Igreja Matriz; as ruas estreitas; enfim, o verdadeiro passeio no presente com a mais pura evocação da história do passado.

“A preservação de uma das mais ricas histórias de Santa Catarina é o alicerce onde se apóia a altivez de uma gente.

A *FESTILHA* — Festa das Tradições da Ilha — é a mais pura manifestação de hospitalidade, cultuação dos antepassados, de alegria, de beleza e da cultura da comunidade franciscanense.

Venha participar e usufruir das coisas boas de nossa terra.

Você é nosso convidado”.

Rogério Zattar Júnior

Prefeito de São Francisco do Sul

Administração 89/92



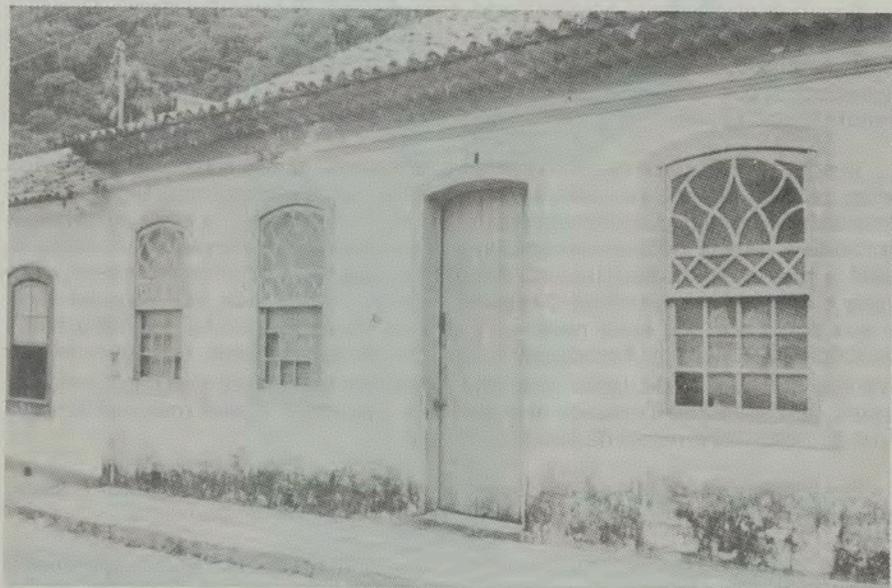
Frutos do mar servidos durante a FESTILHA.



Rua Babitonga, local das apresentações durante a FESTILHA.



Grupo Folclórico do Pau-de-Fita, apresentando-se na FESTILHA.



Centro Histórico de São Francisco do Sul.
Igreja Matriz construída em 1665.

TRIBUTO A WILLY ZUMBlick

Lélia Pereira da Silva Nunes
Socióloga

Em 26 de setembro de 1913 nascia em Tubarão Willy Alfred Zumblick, artista plástico que há 65 anos registra com inegável talento aspectos da vida social e cultural de Santa Catarina.

Na história da arte catarinense, poucos artistas ocupam tão merecidamente o lugar de "mestre" como Zumblick, cuja obra representa o acasalamento perfeito da intuição artística com o domínio da técnica. Com as cores vivas de suas tintas transporta para as telas a história, os costumes e as diferentes manifestações da cultura popular catarinense. Retrata com maestria o cotidiano, as festas tradicionais, os folguedos, as crianças, as paisagens, os tipos humanos e as cenas e personagens históricos, como o fuzilamento do Barão de Batovi, a Saga de Anita, episódios da República Juliana e a série sobre o Conflito do Contestado, que integram as mais belas telas do nosso acervo artístico.

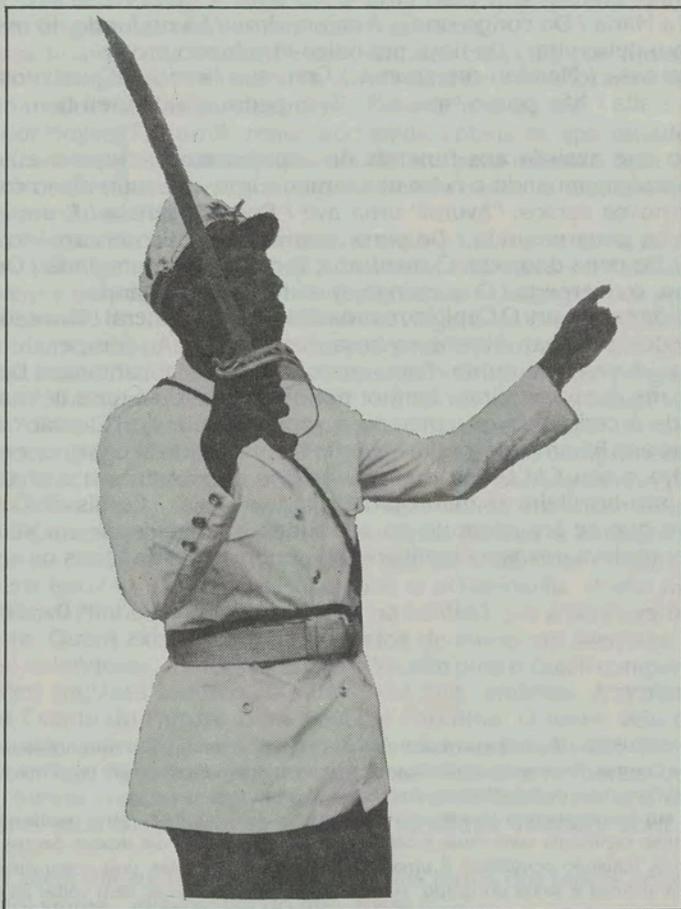
Seu trabalho reflete o pluralismo cultural que caracteriza Santa Catarina e permite restaurar vestuário, culinária, música, costumes, documentação oficial e até arquitetura colonial e regional. Willy Zumblick é um pesquisador, um historiador, que com seu pincel vem contando, ao longo dos anos, a história cultural catarinense.

Pesquisar, estudar e registrar o acervo artístico de Zumblick, compreendendo telas, painéis, caricaturas, esculturas e monumentos sobre a orientação do próprio artista tem sido uma tarefa fascinante. A cada arquivo, a cada informação coletada e a cada documento examinado constata-se a relevante contribuição para a historicidade catarinense. Ao lado da figura do pintor, sobressai com vigor a criatura humana Willy Zumblick, sua história de vida, seu compromisso e seu amor por sua terra natal — Tubarão. Neste momento é o "Seu Willy" da Ótica Zumblick, da Associação Comercial do Rotary Club, dos memoráveis eventos do Clube 7 de Julho, dos carros alegóricos dos antigos carnavais, do Grupo de Escoteiros Tubarão, que ajudou a implantar, e dos movimentos em prol do desenvolvimento da sua Cidade Azul.

Neste tributo ao artista e à pessoa de Willy Zumblick quero lembrar à gente tubaronense a necessidade da construção do "Museu Willy Zumblick".

Sua realização não significa simplesmente a concretização de um acalentado sonho do pintor e mesmo da própria comunidade tubaronense. Constitui, acima de tudo, um compromisso com as gerações futuras de preservar seu patrimônio artístico de valor incalculável para a memória social e cultural de Santa Catarina.

A SOCIEDADE FOLCLÓRICA CACUMBI "CAPITÃO" FRANCISCO AMARO PERDE O SEU "CAPITÃO".



Cumprindo até os últimos dias de sua vida, o Sr. Francisco Amaro não faltou com a promessa feita ao seu velho pai, de que enquanto vivo fosse, manteria

acesa a chama do CACUMBI*, fundado por ele, que reverenciava com suas danças e cânticos a memória dos seus antepassados africanos, tendo como seus padroeiros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. E essa memória foi mantida até dia do seu sepultamento no cemitério de Coqueiros na tarde do dia 29/08/91.

Foi uma cena das mais memoráveis que assisti nos últimos tempos. Os tambores rufando nos seus ritmos de batuque, acompanhados pelos pandeiros e a cantoria numa harmonia de um canto de saudade: "A Nossa Senhora / Saiu hoje na rua / Mandando seus filhos / Fazé meia lua. Nós chegamos hoje / Saudar nossa praça / Oh! São Benedito sejais / Nossa Senhora das Graças. Quero ê, quero á / Quero ê, quero á / Senhor dono da casa / Qui tem pra me dá?

Olha o peixe no rio / O camarão no mar / Senhor dono da casa / Qui tem pra me dá?

Olha aqui a Maria / Do congo oruá / A canoa virou / Lá no fundo do mar.

Virou, virou, deixa virar / De boca pra baixo / De fundo pro ar.

O dono da casa / Mandou me chamá / Com sua licença / Queremos chegar / A calçada é alta / Não posso "assubi" / Tem pedra miúda meu bem / Pudemos cair."

O povo que assistia aos funerais do sepultamento chorava emocionado e cantava, acompanhando o rufar dos tamboreiros, que num ritmo cadenciado entoavam novos versos: "Avou" uma ave / Daquela janela / É um papagaio, sá dona / De pena amarela / De pena amarela / De bico encarnado / Era um papagaio / De pena dourada. Ó matumba, ó querenga orunganda / Orunganda ó matumba, ó querenga / Ó querenga, ó matumba orunganda.

Na despedida cantaram: O Capitão mandante / O chefe general / O nosso batalhão / Que mandou marchar. Vamos embora marchando / Ao romper do dia / E dá obediência / A vossa senhoria. Encerrando a cerimônia, cantaram: Deus esteja aqui / Que me quero arretirar / Senhor dono da casa / Já é hora de marchar.

Foi linda a cerimônia que marcou o sepultamento do "Capitão" Francisco Amaro, que aos 85 anos despediu-se definitivamente do seu grupo, entregando ao seu filho o seu CACUMBI, que por muitos anos manteve a chama acesa da cultura afro-brasileira no município de Florianópolis. A Comissão Catarinense de Folclore que se fez presente no seu funeral, ao registrar em seu Boletim o falecimento, leva aos seus familiares os sentimentos de todos os seus membros.

Doralécio Soares

* DANÇA DO CACUMBI — A dança do Cacumbi ou Ticumbi é uma dança afro-brasileira, chamada de Baile dos Congos. Representa simbolicamente uma dança guerreira entre duas "nações negras", a de Reis do Congo e a de Reis Bamba, do reisado africano.

É dançada em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, realizando o grupo de dança, uma cerimônia com ritual e cântico, na véspera ou no dia desses Santos no interior de uma igreja. (Quando permitido). É uma cerimônia das mais lindas, pois o seu ritual simbólico estabelece a entrada e saída do grupo, sem o mesmo sair da igreja, sem voltar as costas para as imagens reverenciadas. Entram e saem, sempre de frente, cantando e dançando a coreografia do ritual ao som dos seus pandeiros e tambores.

É um espetáculo que deveria ser apresentado aos turistas, numa programação cultural, mostrando a diversificação étnica dos povos que colonizaram Santa Catarina.

QUEM MATA ÍNDIOS?

Dr. Moyses Paciornik

Doralécio Soares

"Quem Mata Índios?", obra de 390 páginas, me fez somente largá-la quando li a sua conclusão final. A meu ver é uma obra que deveria ser adotada no ensino de 2º grau nas escolas públicas brasileiras.

Leitura branda, nos transmite os costumes culturais dos índios, principalmente dos Caingangues e Guaranis, de núcleos de tribos localizadas no Estado do Paraná, com rápidas passagens por Mato Grosso do Sul.

O autor Moyses Paciornik, renomado médico obstetra, apaixonado pela causa indígena, enaltece os costumes desses, de natureza milenar, relacionados pela procriação entre as mulheres, advogando entre essas, o costume de ganharem seus filhos no parto de cócoras.

O Dr. Moyses Paciornik nos transmite ensinamentos notáveis na área cultural indígena, principalmente de tribos localizadas em terras do Estado do Paraná. A obra vem a propósito de uma indagação de uma passageira de nacionalidade inglesa, quando de uma de suas inúmeras viagens ao exterior. Passageira essa, esposa de um médico inglês, que lhe pergunta em voz alta: "Dr., por que brasileiro mata índio? Ferido nos seus sentimentos pela inoportuna pergunta, responde-lhe: — É brasileiro quem mata índio? — E vocês, ingleses, franceses, alemães, italianos? Nunca mataram? — Vale a pena transcrever aqui o diálogo que se estabeleceu. (pág. 17 e 18). — Avião repleto. Quem me cumprimenta! O inglês, professor londrino. Está com a mulher. Junto aos bancos deles conversamos. Assunto Índios. Não poderia ser outro. O alto-falante anuncia: retorne aos seus lugares. Apertem os cintos. — Nem dou cinco passos, a senhora pergunta lá de longe: — "Please, doutor! É verdade que os brasileiros matam índios? Por que fazem isso? — Pareceu-me que todo o avião ouviu. Ouviu mesmo. Tive que voltar. — Minha senhora, brasileiro no sentido que a senhora fala e pensa, não existe. Quem existe, são filhos e netos de europeus: alemães, poloneses, italianos, holandeses, franceses, russos. Vieram para o Brasil conquistar, vencer, enriquecer. Ingleses também? — Ingleses! Sim, ingleses. A maior cidade do norte do Estado do Paraná, onde nasci, é Londrina. O nome veio de Londres, há menos de quarenta anos, todo o norte do meu Estado era, exclusivamente terras de índios. Foi uma companhia inglesa, brasileira no nome, quem loteou, vendeu, lucrou com as terras, digo, com a venda das terras dos índios. Eram de Londres seus diretores e proprietários Sir Arthur Thomas, Lord Lovat, Lord Willy Davis.

Era a apropriação, usurpação, vendas das terras dos índios pelos europeus. O índio foi vítima, antes vossa do que nossa."

O diálogo continua. Dizendo ainda que depois dessa usurpação — "Os ingleses nem se preocuparam em lhes reservar uma área em que pudessem sobreviver, com respeito e dignidade". Dizendo que, "hoje começou a reação em

favor do índio". Há anos promoveram um movimento em favor dos costumes índios. — Desde 1986 fomos a oito reservas. Exames de prevenção ao câncer ginecológico, vacinação antigripal etc.

Foi em razão desta pergunta que o Dr. Moyses Paciornik resolveu escrever este livro, isto é, por sugestão da própria interlocutora.

É uma obra em que o autor documenta a vinda de várias personalidades médicas da Europa, interessados na temática dos costumes indígenas, principalmente do "parto de cócoras", adotado pelo Dr. Moyses entre seus pacientes de classes sociais diversas.

É uma obra que deve ser lida e meditada, pois nos aproxima das nossas raízes primitivas, isto é, das raízes dos "primeiros donos da terra", e se toma conhecimento do extraordinário trabalho desenvolvido por essa figura ímpar, que é o Dr. Moyses Paciornik.

Ao Dr. Osni Lisboa, de Florianópolis, que me proporcionou tão importante leitura, emprestando-me a obra, o meu muito obrigado.

O FEITIÇO DO AMOR E DA MORTE

Maria do Rosário *

Os feiticeiros entrevistados nesta pesquisa acreditam que o ser humano é partícula da Energia Cósmica e possui poderes para dominar tais elementos de vitalidade, somando-os à sua potencialidade congênita. Disso valem-se no exercício da feitiçaria, através de rituais mágicos acompanhados de invocações, conjuros, ensalmos, em cadência e sonoridade específicas.

No *Antigo e Verdadeiro Livro Gigante de S. Cipriano*, o feiticeiro que se tornou santo, lê-se "... não há mágica que obre por palavras, mas sem palavras nada se pode fazer, nem as palavras valem sem certas coisas que têm força de mágica, nem tampouco as mesmas valem sem nada mais".

Assim, o dom da palavra, falada ou escrita, do pensamento ordenado, privilégio humano, é mola-mestra nos procedimentos de magia, bruxaria, feitiçaria: palavra carregada pela energia do som, poder da vontade e crença na eficácia do ato mágico. À força da palavra acrescenta-se, ainda, a comoção do gesto ritual.

Como artífices do extraordinário encontram-se magos, bruxas e feiticeiros. Popularmente confundidos, possuem, na realidade, características de personalidade e de procedimento diferentes, entre si. Outro engano é o acreditar-se que devem obrigatoriamente apresentar mau aspecto físico, velhice, feiúra. Os feiticeiros velhos, molambentos, morando em choças, são figuras obsoletas, românticas, não encontradas nesta pesquisa. Há-os ainda com boa escolaridade.

Figueiredo Nogueira, em *Bruxaria e História* escreve, referindo-se à Idade Média: "A feiticeira e a bruxa são os intermediários entre a amarga realidade e o mundo do prazer, fornecendo os meios mágicos para o ingresso neste a uma coletividade que as teme e as rejeita, mas nem por isso pode prescindir delas". E ainda: "... o mago não atua por fenômenos sobrenaturais, mas sim intervém na ordem natural — por conseguinte divina — que existe para um mental específico, transformando o *caos* existente, e incompreensível para os membros da coletividade que não o mago, em um *cosmos* inteligível e manipulável pelo conhecimento de segredos e práticas ocultas".

Os magos lidam com o admirável, valendo-se de sua própria energia mental, meditação, disciplina, além de conhecimentos secretos e rituais que lhes fortalecem o poder.

O espanhol Professor José Ramon Molinero Merino, mago, doutor em Psicanálise, há 36 anos no Brasil, entrevistado nesta oportunidade, declara: "A Magia

* Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima é membro da ABF (Associação Brasileira de Folclore); da IOF (International Organization of Folk Art) — (UNESCO); da Comissão Internacional para a Ciência e Pesquisa (UNESCO); da UBE (União Brasileira de Escritores) e autora do livro *Lobisomem: assombração e realidade*.

é uma coisa natural, feita de forma desconhecida. É o aproveitamento integral das faculdades humanas. A arte Mágica procede da Antigüidade e modernamente é considerada distinta de outras práticas. É dissociada de demônios”.

Alunos e ex-alunos de Molinero (vários com formação escolar em nível superior) falam de seu guru como sendo o maior mago vivo do Ocidente.

Os magos praticam a Arte Real, assim denominada no Oriente antigo, onde eram elevados à categoria de reis, pela sua sabedoria. Lembrem-se os Reis Magos que adoraram o Deus Menino; Simão, citado nos textos sagrados, que disputou poderes com S. Pedro, e outros.

As bruxas são, por tradição, mulheres. O pregador alsaciano Thomas Murner afirmava que “os homens são protegidos do crime nefando da bruxaria, pelo fato de Jesus ter sido homem”.

A bruxa já nasce bruxa, isto é, traz, ao nascer, qualidades excepcionais, além do natural. Orgulha-se dos seus dons e somente “desenvolve” os poderes com que foi aquinhoada desde o berço.

Laurie Cabot, uma predestinada, declara em seu livro autobiográfico *O Poder da Bruxa* (1991), que ela e suas companheiras de mister jamais trabalham para o mal.

Nas sociedades arcaicas matriarcais eram as curadoras, as especialistas no plantio e colheita de ervas, sob a égide da lua. Na Grécia Antiga os sortilégios eram igualmente presididos pela divindade Artemis (Diana ou Selene, ou ainda a Hécate divindade lunar), visto que a luz da lua é propícia aos sortilégios, especialmente ao iluminar encruzilhadas.

A tradição, entretanto, retrata as bruxas não só como manipuladoras de unguentos mágico-curadores, mas ainda como especialistas no fabrico de filtros de amor ou desgraça.

Na Idade Média foram acusadas de pacto e congresso carnal com o demônio, entre outras transgressões morais.

As bruxas atuais declaram que suas irmãs medievais foram vítimas de uma política machista que lhes temia o poder, e negam qualquer envolvimento com seres infernais.

Os feiticeiros, homens ou mulheres, embora virtualmente predispostos para o mister, submetem-se ao aprendizado. Assim é que existe o aprendiz de feiticeiro. Ele é, quase sempre, filho e neto de feiticeiros, cuja sabença deve ser herdada e perpetuada através de gerações.

Há em São Paulo (SP) uma família de feiticeiros tradicionais, com uma temida feiticeira, mulata cujos *trabalhos* são tão fortes que dificilmente, ou nunca, conseguem ser desmanchados, no dizer de seus companheiros de profissão. Eles ainda afirmam ter ela sob a pele, junto ao joelho, uma imagem de Santo Antônio. Se alguém “de maus bofes” se aproxima, a imagem mexe-se, “em sinal de aviso”. Seu filho também já recebeu um Santo Antônio, colocado pela avó, junto ao cotovelo, e deve continuar assim a tradição na família. Na hora da morte a imagem precisa ser retirada, sob pena da agonia prolongar-se indefinida e atrozmente. Sua fama espalhou-se Brasil afora e até mesmo no Exterior. Consta que já foi chamada ao Japão, onde teria comparecido com seus prós-timos.

Os feiticeiros temem-se e respeitam-se reciprocamente, mas não se negam a “desmanchar os trabalhos” uns dos outros. Quanto mais poderoso é o feiticeiro, tanto mais difícil é a mandinga de ser desmanchada, informam.

Francisco, negro paulista, atuante em Catimbó*, comenta: "o que é mal para um é bem para outro; por isso faço qualquer trabalho". É como ele sempre "justifica" suas feitiçarias, cujo principal ingrediente é o sapo, mas declara: "entendo de tudo".

Suzana é loira, descendente de alemães pelo lado materno. Pelo lado paterno carrega sangue índio. Relata ter dons mediúnicos, aguda intuição, pressentimentos, domínio sobre a dor (geralmente não a sente), e poder de rápida e perfeita cicatrização em qualquer corte ou ferimento. Trabalha com "as 7 Linhas de Umbanda" e na "Linha Oriental, com 21 ciganos", em Terreiro de Umbandomblé ("cruza" de Umbanda com Candomblé)*, localizado em São Paulo (SP). Diz: "não jogo feitiço; só desmancho". Mas a opinião dos entendidos é: "quem sabe desmanchar sabe fazer".

Elzira é filha de cigano espanhol. A mãe descendia de alemães, era rica e bem mais velha do que o marido, que com ela casou-se aos 20 anos de idade. Foi o pai quem lhe ensinou as "artes". Desde criança, se adoecia era tratada com mezinhas processadas através de feitiçaria. Para tosse e bronquite, por exemplo, o remédio era "uma infusão preparada, sob rituais, onde o mais importante ingrediente era excremento de cachorro". Elzira informa que é da "Linha das Serpentes" e, para prová-lo, exhibe as pernas de pele seca, esbranquiçada, esfarelada, e explica: "troco de pele, como as serpentes". Como nenhum dos filhos deseja herdar seus poderes e conhecimentos, ela os está transmitindo para "uma amiga de confiança", pois não é "qualquer pessoa", mas só alguém muito bem preparado, muito bem escolhido, para merecer a herança de tão especial sabedoria. Falando da família, conta que o marido fez pacto com o demônio, em troca de juventude e vida longa. Vítima de sucessivos infartos, e sempre desenganado por médicos, sobrevivia para o sofrimento, com dores frequentes insuportáveis. Desesperado, solicitou ajuda à mulher. Elzira procurou, então, poderosa feiticiera de São Paulo (a mulata do Santo Antônio no joelho, atrás citada), a única talvez que poderia conseguir, e conseguiu, com suas artes mágicas, anular o malfadado pacto. O homem pôde, afinal, morrer na paz de Deus.

Wanda é morena, natural de Fortaleza (CE), mas vive no Estado de São Paulo há 20 anos. Presidiu aos trabalhos em uma Tenda de Umbanda na Capital, bairro Jabaquara, zona Sul, ora transferida para Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo. Conta que aos 13 anos de idade casou-se, mas foi logo abandonada pelo marido, grávida. Acolhida em uma aldeia indígena, em sua terra natal, ali aprendeu as propriedades mágico-curadoras dos vegetais e foi instruída em procedimentos de magia. Diz que consegue, na sua Tenda, através de rituais, materializar os objetos de "feitiços jogados nas pessoas". Esses agentes da feitiçaria podem ser animais e, uma vez presentes, tornam possível a anulação do malefício correspondente. Suzana informa que assistiu à materialização de um sapo, que estourou na sua frente, dentro de um alguidar cheio de vinho, na época em que auxiliava Wanda nos "trabalhos de desmanchar". Elzira, por sua vez, relata que presenciou Wanda "pegar fogo nas ondas do mar".

O vocábulo *feitiço* origina-se do latim *ficticius* (falso, fingido), segundo uns;

* Catimbó: conjunto de regras e procedimentos mágicos que produz feitiço medicamentoso, ou para afastar malefícios, ou para propiciar correspondência amorosa. Não é religião.

* Umbanda e Candomblé: religiões mediúnicas.

ou de *factus* (feito com as mãos), segundo outros. Na prática é *coisa-feita, malfeito, feitiço-jogado, muamba, despacho, ebó, etê, etu, canjerê, mandinga, macumba, trabalho*.

Das vertentes ameríndia, negra e européia, que originaram a feitiçaria no Brasil, acredita-se que a última teve papel preponderante. Quanto ao *vudu*, não resta dúvida. Em Portugal, esta modalidade de feitiço é o *Bagate*, estudado por Ana Maria Amaro.

O *vudu* aparece no exercício da feitiçaria (independente da religião do mesmo nome), e é o *envultamento* referido por Câmara Cascudo, designação procedente da feitiçaria medieval: *envoutement d'amour* e *envoutement de haine* (*feitiço do amor e feitiço do ódio*).

Em *Meleagro*, o mesmo autor cita: "Sobre o *envultamento* escreve a Sra. Seppili: O malefício sobre figura de cera, que levou à fogueira o Bispo de Cahors, é ainda o mesmo que nos documentam as atas de inquérito de um processo contra a rainha Teje, mais ou menos em fins do segundo milênio antes de Cristo, e aquele ao qual recorre também a maga da écloga de Virgílio. ("O Diabo na Literatura e na Arte"; *Revista do Arquivo Municipal*, LXXXV, 72, São Paulo, 1942)".

Guichard, Bispo de Troys, contemporâneo de Felipe, o Belo, enfrentou a Inquisição entre 1308 e 1311 sob a acusação de práticas mágicas e, principalmente, por ter matado, através de boneca de cera, Joana de Navarra, rainha da França.

Entre os feiteiros ora entrevistados, a designação *envultamento* não é usada; é desconhecida. Eles apontam a feitiçaria, através de bonecos e espetos, sempre como *vudu* e esta é a grafia usada, quando escrevem a palavra. Conceituam-na como uma *coisa-feita, feitiço-jogado*, que pode visar à união ou à desunião de um casal ou à destruição de um desafeto.

Em São Paulo, o modo de liquidar um desafeto, representado por boneco, é, segundo Elzira, o seguinte:

"Fulano (ou Fulaná), que você fique louco e esquecido, com muita dor de cabeça (espetar uma agulha, alfinete, prego ou espinho de porco-espinho, virgem, no alto da cabeça do boneco); Fulano, eu te espeto nos olhos para que não enxergues nunca mais; Fulano, eu te espeto no teu ventre para que dores terríveis tenhas no intestino, que não funcione; Fulano, eu te espeto na pernas e nos braços para que não tenhas mais força; Fulano, eu te espeto na canela e te enterro um estilete nos pés; Fulano, eu te espeto no coração para que parem todos os teus órgãos".

O boneco deve ser enterrado numa cova abandonada, no cemitério.

O efeito (morte), diz ela, revela-se "a partir do 7º dia, do 21º dia, sempre na base do número ímpar. O Fulano morre, porque ele vai sentindo o efeito, como se fosse nele, das espetadelas que o boneco sofre".

Para separar amantes, a mesma feitiçaria usa diversos procedimentos, dependendo da "gravidade" de cada caso. Eis um, dos mais simples:

"Coloque dois bonecos virados de costas um para o outro. Escreva num papel (a lápis), de um lado o nome da mulher e do outro o nome do homem. Amarre esse papel nos bonecos, unindo-os com meio metro de fita preta e igual metragem de fita vermelha e vá dando nós enquanto amarra. Coloque os bonecos dentro de uma caixa de sapatos atada com barbante e jogue em um rio, recitando devagar e muitas vezes: assim como o rio corre, que o Fulano corra da Fulana".

Este feitiço é freqüentemente encomendado por esposas traídas que querem

afastar "a outra". Acontece que "a outra" também muitas vezes o solicita, a fim de conquistar, com exclusividade, o homem amado.

Para unir um casal, o *Antigo e Verdadeiro Livro Gigante de São Cipriano* ensina:

"Preparai um boneco e uma boneca, feitos com panos de linho ou algodão: depois de estarem prontos, deveis uni-los um ao outro e muito abraçados. Pegai um novelo de linha branca e começai a enroscá-la em volta dos ditos bonecos dizendo o que se segue, dando primeiro o nome da pessoa que se quer enfeitiçar: Eu te prendo e te amarro em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Padre, Filho, e Espírito Santo, para que debaixo deste santo poder não possas comer nem beber, nem estar em parte alguma do mundo sem que estejas na minha companhia, fulano. Eu, fulana, aqui te prendo e amarro, assim como prenderam a N. S. Jesus Cristo no madeiro da Cruz. Fulano, enquanto para mim te não viraes com todo teu coração, corpo, alma e vida, debaixo da santa pena de obediência e preceitos superiores, ficas preso e amarrado a mim, assim como ficam estes dois bonecos amarrados um ao outro". Determina ainda: "Estas palavras devem ser repetidas nove vezes à hora do meio-dia, depois de se rezar a oração das "Horas Abertas" que está na 1ª parte desta obra".

Os bonecos usados no *vudu* podem ser de cera, pano, algodão ou lã de cordeiro: "a lã de cordeiro é muito poderosa, porque é sagrada; tanto assim que Jesus é chamado "Cordeiro de Deus". Muamba costurada dentro de pele de cordeiro é a coisa mais difícil de desmanchar. Se foi costurada com agulha que costurou mortalha ou que foi espetada em defunto, então é impossível desmanchar, porque essa agulha ganha poderes muito grandes".

Quanto a esta última afirmação, trata-se de crença antiga, mencionada por Luiz Mott em artigo publicado no *D. O. Leitura* de novembro de 1989: "Os restos mortais na feitiçaria afro-luso-brasileira", que registra, ainda, variante de *vudu* praticado nas Minas Gerais (Mariana):

"... disse que tinha o costume de usar agulha de coser mortalha de defunto para "costurar" a pele da palma da mão ou a sola dos pés de quantos o procuravam com o intuito de gozarem de boa sorte nos jogos de azar". "... A crioula forra Maria Caetana de Oliveira revelou que o branco Manuel Afonso de Galvão, de Mariana, lhe ensinara que não havia remédio mais eficaz para manter seu homem preso a si do que pregar uma linha em sua roupa, costurada com agulha que tivesse amortalhado um defunto". "... o pardo Antão de Escócia fora preso, em 1862, exatamente por ter entre seus pertences ... também uma agulha que amortalhou defunto".

Continua o autor, residente em Salvador (BA): "Perguntando eu à minha velha empregada, Carlita Chaves, neta de africanos, moradora no Bogum (onde está o famoso "vodum" Gêge), o que sabia sobre tais crendices, disse que de fato, nos tempos de sua avó, quando iam fazer a mortalha para algum defunto, costuravam-na com agulha virgem, a qual era depois muito bem guardada "para remédios de muita serventia".

Da mesma fonte é a referência ao que se pode considerar uma variante do *vudu* encontrado em São Paulo:

"No mesmo Bispado, na Vila de São Miguel, no ano de 1782, é a vez de serem denunciados os mulatos Joaquim e Clemência, escravos, aos quais se atribuía a feitura de feitiços com saliva, cabelo, unhas e outras substâncias cabalísticas, "temperando-as com pós, unhas e carnes de defuntos que iam

tirar nas sepulturas das igrejas, e metiam aqueles feitiços na casca de um caramujo e quando queriam que a pessoa padecesse, mudavam os caramujos de um lugar para outro”, espetando-os com alfinetes e agulhas, para atingir com igual dor a seus inimigos”.

Os bonecos a serem usados, tanto no feitiço do amor como no feitiço do ódio podem ser encontrados à venda nas “casas de umbanda”. Eles devem, entretanto, ser “preparados”: nome dos envolvidos, fotografias, pedaços de roupa usada, fios de cabelo, aparas de unhas ou qualquer objeto que tenha estado em contato direto com as pessoas em questão. Torna-se necessário que cada um desses bonecos represente, com a máxima fidelidade, o indivíduo visado. É a magia simpática, ou a “continuidade simpática” segundo Machado Coelho. Acreditam os feiticeiros que esses fragmentos estão impregnados com a essência vital da criatura que os possuía anteriormente, os quais, agregados ao boneco, transmitirão a ele a própria identidade do ser vivo.

Alceu Maynard de Araújo, em *Medicina Rústica*, relata “As artes de Maria Xangô”, poderosa feiticeira que viveu em Piaçabuçu, cidade alagoana à margem do rio São Francisco: “. . . fazia bonequinhas de pano. Onde ela espetasse um alfinete, era ali o local da doença, por causa daquilo morreria a pessoa. . . o que ela fazia ninguém desmanchava. Muitas vezes ela botava dentro de uma garrafa, tampava com madeira que apodrecesse logo na água do mar, soltava a garrafa no rio, na maré vazante. O rio levava para o mar. Lá no mar a tampa com o tempo se acabava e a água do mar entrava dentro do que ela fez, daí a razão de ninguém desmanchar o que ela fazia”.

Suzana explica que, se o material usado no feitiço do ódio se deteriora, torna-se impossível desmanchá-lo. A pessoa morre. E dá o exemplo de uma moça que não pôde ser salva porque, encontrada, embora, uma sua calcinha toda espetada, as agulhas já haviam sido corroídas pela ferrugem, pulverizadas. O feitiço estava, por isso, irremediavelmente consumado.

Quanto ao feitiço do amor, ensina: só tem validade por 7 anos. A pessoa fica “amarrada” pelo amor, ao outro, somente durante esse tempo. Se a mandinga não for reforçada ano a ano, ou renovada completamente antes de se esgotarem os 7 anos, termina o poder do feitiço e o homem, ou a mulher, se desinteressa do parceiro amoroso.

O *vodu* é praticado em Catimbó, Pajelança*, Quimbanda* ou onde? Quem o pratica?

A resposta dos feiticeiros entrevistados foi: “Todos. Todos praticam o *vodu*”.

Na opinião de Elzira, “os que melhor conhecem feitiçaria são os judeus”.

Sabe-se que estes possuem lendária tradição de magismo. Para os feiticeiros, entretanto, são eles, também, atuantes na feitiçaria.

Pelas informações obtidas dos feiticeiros entrevistados, todos dedicados unicamente ao seu mister, sem outra atividade profissional, com idades variando entre 49 e 70 anos, “qualquer pessoa” pode praticar os rituais do *vodu*, com êxito. Só não o pode fazer a mulher “de corpo aberto” (menstruada).

“O poder do feitiço vai depender da força que tiver o feiticeiro. Agora, desmanchar, não desmancha. Pra desmanchar, só mesmo quem sabe e sabe muito bem. É até perigoso”.

*Pajelança: terapia através de feitiçaria.

*Quimbanda: religião mediúnic.

Vale aqui lembrar, quanto à magia simpática ou transferência simpática, o que diz Campbell em *O Poder do Mito*: "Existem rituais descritos como preparatórios à caçada de animais. Antes de sair para matar, o caçador desenha, no topo da colina, uma figura do animal que está disposto a matar. E essa colina deve estar numa disposição tal que os primeiros raios do sol nascente a atinjam. Quando o sol nasce, o caçador está lá, esperando na companhia de algumas pessoas, para apresentar seus ritos. Quando a luz atinge a figura do animal, a flecha do caçador voa exatamente no caminho aberto pelo raio de luz e toca o desenho do animal, e a mulher que está presente para ajudar o caçador, ergue as mãos e grita. Aí o caçador vai e mata o animal. E a flecha estará exatamente onde estava no desenho".

É de se supor que também as pinturas de animais encontradas nas cavernas-santuários do *homo sapiens* estavam ligadas a rituais semelhantes, praticados antes das caçadas.

Falar em *vudu* e seus procedimentos é assustar as pessoas. Acreditando ou não na sua eficácia, a maioria prefere "ficar de fora". Afinal, o *vudu* manipula as duas situações mais significativas para a humanidade: o *amor* e a *morte*.

São Paulo, janeiro/maio de 1992.

Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima.

Endereço para correspondência: Rua Kansas, 752
CAPITAL — SP
04558
BRASIL

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Ana Maria. "Bagate". *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Ano XXVIII, Número 41-42, Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da Cultura e Esporte), dezembro, 1990, 183p.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª edição, 1977, 301p.
- CABOT, Laurie. *O Poder da Bruxa*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2ª edição, 1991, 306p.
- CAMPBELL, Joseph com Bill Moyers. *O Poder do Mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Organizado por Betty Sue Flowers. São Paulo, Editora Palas Atenas, 1990, 242p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 2ª edição, 1978, 208p.
- COELHO, Machado. *O Feitiço na Literatura, na Arte, na Vida*, Pará, 1961.
- MOTT, Luiz. "Os restos mortais na feitiçaria afro-luso-brasileira". *D. O. Leitura*, 8 (90), São Paulo, novembro, 1989.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e História, as práticas mágicas no ocidente cristão*. São Paulo, Editora Ática S.A., 1991, 174p.

A CHEGADA DE DIÉGUES JÚNIOR NO CÉU! A ALEGRIA DA "ESCOLA DE VIÇOSA" E UM ABRAÇO NO COMPADRE THÉO

José Maria Tenório Rocha*

O vinte e seis de novembro foi dia de altas reflexões e resoluções definitivas para MANUEL DIÉGUES JÚNIOR. Amanheceu pensativo e desejoso de fazer uma longa viagem, absolutamente sem retorno.

Contemplou demoradamente a mulher, os filhos, os livros; pegou de uma caneta e escreveu aquilo que parecia uma comunicação resoluta e última; seu último canto, sem direito a nenhuma apelação:

"Quando da vida eu me for/Quando não mais existir/Se tu quiseses ouvir/Os meus sussurros de amor/Releias seja qual for/O verso do meu passado/E então tu terás ao teu lado/Teu velho pai e amigo/Relendo também contigo/*Aquilo que feliz, fiz calado.*" (1)

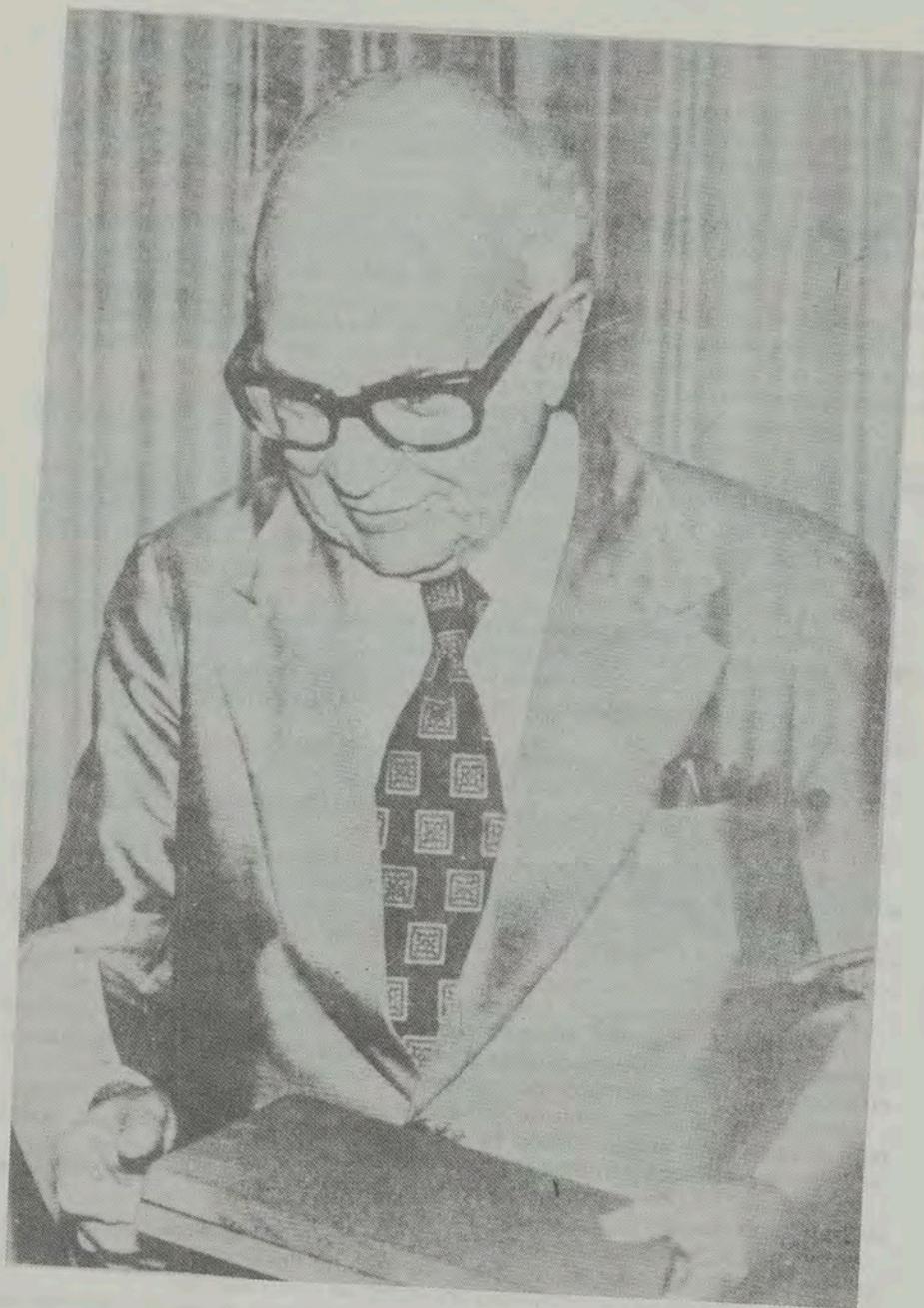
De fato, na quarta-feira 27, subiu no rabo de um cometa, seguindo em direção ao céu. O destino fora longamente pensado: Devo ir pra lá, pois é lá que encontrarei minha turma, o grupo que chamei de "Escola de Viçosa" na década de quarenta.

Turma boa, aquela! Como vai ser maravilhoso reencontrar todo o grupo da Academia Alagoana de Letras! Por certo José Maria de Melo ainda vai estar dirigindo o silogeu, elaborando os notáveis discursos, relatórios, e aquele livro de contos populares que ficou por terminar; certamente nunca mais irá fazer as prestações de contas para o MEC. Prestação de contas é coisa que definitivamente não gostava!

Ao redor de Zé Maria estarão o compadre Théo Brandão, que vai receber um abraço de quebrar costelas; a ele eu vou contar que o seu Museu, que ajudei, está precisando urgentemente de reparos. Ele vai bradar fortemente contra isso. Ao velho José Aloísio Vilela vou dizer que ainda se cantam coco nas Alagoas. Pouco, mas cantam, e sempre, sempre, os de Viçosa lembram o seu nome.

O José Pimentel de Amorim deverá estar atualizando seus estudos sobre doenças tropicais e sempre sisudo, ricitando e confrontando variantes de orações curativas.

* José Maria Tenório Rocha é Presidente da Comissão Alagoana de Folclore, Professor do Departamento de História da UFAL e Mestrando em Antropologia Cultural. Tem trabalhos publicados em todo o Brasil e em La Habana, Berlin e Buenos Ayres.



Manuel Diéguas Júnior

Esse grupo da Escola de Viçosa deve ser constantemente visitado pelo Menestrel das Alagoas — Teotônio Vilela — não só porque são parentes, mas porque Teotônio precisará contar as boas novas da República das Alagoas.

Quando estava pensando em todas essas coisas, eis que o cometa deixa Diéguas na porta do céu. Chega meio atordoado e bate à porta. Sonolento, São Pedro vem reparar quem chega.

Fazendo o pedido de abrição de portas, diz Diéguas:

"Meu amo, dono da casa/Licença quero pedir/Primeiramente ao Senhor/E aos mais que estão aqui/Amanheci bom de corte,/Deixe um pouco eu distrair. . ." (2)

"Meu amo, dono da casa/Eu vou louvar ao Senhor:/Um moço assim que nem vós/É pra subir num andor/Pra onde não vente, nem chova/Nem faça frio, nem calor/Juntinho de Nossa Senhora,/Pertinho de Nosso Senhor." (3)

Entusiasmado, mas se fazendo de rogado, pergunta São Pedro:

"(Diéguas), que andas fazendo/Aqui nesta freguesia,/Cadê teu passaporte,/A tua carta de guia,/Onde está o teu Senhor,/Cadê a tua família?" (4)

Responde Diéguas meio entristecido, pois São Pedro não o tinha reconhecido:

"Patrão, eu tou lhe pedindo/Sua boa proteção,/Deixei o meu naturá/A poeira do meu chão/E vim pra esse lugar/Coberto de *animação*/Me valendo dum e doutro/Mode vê que é que me dão." (5)

Retruca São Pedro irritado:

"O senhor diga o seu nome/Se é pagão ou batizado,/O lugar aonde mora/E foi nascido ou criado,/Diga desde quando canta,/Se é solteiro ou casado." (6)

Entendendo que São Pedro teimava em reconhecê-lo, diz afoito Diéguas:

"Sou o maior cantador/Desta terra brasileira/Sei agradecer todo mundo/Na ordem onde devera. . ." (7)

Retruca mais uma vez São Pedro, tentando um melhor enunciado:

"Pense bem, fale melhor/Vigie, não se arrase tanto." (8)

Atraído pelo grande barulho, José Maria de Melo chegou até a porta reconhecendo o mestre. Ficou satisfeítíssimo e disse:

"Meu colega *Diéguas*/Seja bem-vindo a esta terra,/Mas me diga se é de paz,/Ou tem intenções de guerra,/Pois eu preciso avisar/Os meus cabras na serra."

"Muito obrigado, *Zé de Melo*/E consinta que o saúde,/Mas você fala com um homem/Que a ninguém no mundo ilude,/Eu venho aqui de bem longe,/Só conhecer seu açude." (9)

Satisfeito com a recepção, Diéguas muito feliz cantou:

"A viola está contente/E o coração obrigado,/No Reino do Céu se veja/Dos anjos acompanhado/Me leve pronde quiser/P'reu fazer todos mandado/Pra mode eu brocá de foice/Ou derrubar de machado." (10)

José Maria de Melo, junto a São Pedro foram reunir a Escola de Viçosa, para recepcionar o amigo. Todos, incontinentemente chegaram. Foram horas e horas de comoção, abraços e muitas conversas. Agradecido, cantou Diéguas:

"Patrão, eu tou lhe pedindo/Sua boa proteção,/Deixei o meu natural,/A poeira do meu chão./Eu vim pra este lugar/*Cheio de satisfação*." (11)

"Meu patrão, vou lhe dizer:/Aqui no céu tem seu assento,/Uma cadeira dourada,/Feita de pau de coentro. . ./Todo mal que lhe desejo:/Deus lhe dê muitos aumentos,/Saco grande de dinheiro/Lhe entre de porta adentro." (12)

Ao terminar os versos, todos choraram de emoção; tentando consolá-los, bradou Diéguas:

"Meus filhos, não façam isso. . ./Meus filhos não chorem agora,/E se vocês quiserem chorar,/Vão chorar ali por fora/Que gosto um pai pode ter,/Se quando canta, o filho chora?"⁽¹⁵⁾

Melo ensaiou um discurso de recepção ao novo habitante, onde discorreria sobre sua vida e sua obra sócio-antropológica, mas, olhando para baixo, disse incisivo: Vamos às festas, depois disso será feito (em outro artigo); lá de baixo, de cara feia o Rosivan Vanderley está dizendo que a matéria já está enorme, é preciso enxugar! O Esdras Gomes, por outro lado, nem precisou fazer cara feia, o jeito de tirar os óculos, disse tudo. . .

As festas estão prosseguindo até hoje!

Impaciente, José Maria espera outra matéria onde vai dizer quem era o compadre que chegou!

FONTES CITADAS

- 1 — Versos de Manoel Rafael. In: WILSON, Luis. *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão*. Recife, FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1985. p.420.
- 2 — Versos de Josué Romano, em Peleja com Francisco Correia. Apud MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Ed. Cátedra; Brasília, MEC/INL, 1976:72.
- 3 — Versos de Anselmo Vieira. In: MOTA, Leonardo. *Cantadores*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Ed. Cátedra; Brasília, MEC/INL, 1976:156.
- 4 — Peleja de Inácio da Catingueira com Romano da Mãe D'Água In: MOTA, Leonardo. *Cantadores*, citado: 128.
- 5 — Versos de Anselmo Vieira. In: WILSON, Luis. *Roteiro de Velhos cantadores*, citado, p.97.
- 6 — Versos de Romano Elias da Paz. In: WILSON, Luis. *Roteiro de Velhos cantadores*, citado, p. 98.
- 7 — Versos de Severino Pinto. In: WILSON, Luis. *Roteiro de Velhos cantadores*, citado: 420.
- 8 — Versos do alagoano Nabuco de Campos. In: Peleja de um protestante com um católico. Apud MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. citado:133.
- 9 — Peleja de Ferreirinha e Açudinho. In: WILSON, Luis. *Roteiro de Velhos cantadores*, citado: 119.
- 10 — Versos de Anselmo Vieira. In: MOTA, Leonardo. *cantadores*, citado:160.
- 11 — Idem, idem:154.
- 12 — Idem, idem:161.
- 13 — Versos de Cesário Pontes. In: WILSON, Luis. *Roteiro de Velhos cantadores*. citado:37.

LICOR, BEBIDA FOLCLÓRICA

José Carlos Rossato

Com facilidade encontramos no lares brasileiros uma bebida típica do nosso povo. É o licor. Ao contrário de outras, o surgimento dessa deliciosa bebida não está ligado exclusivamente ao prazer da degustação.

O termo licor é comumente empregado para designar uma bebida alcoólica, açucarada e aromatizada com essências diversas: naturais ou artificiais. O licor não passa, a bem da verdade, de uma mistura de água, álcool ou análogo, açúcar e um princípio aromático qualquer, extraído de frutos, flores, sementes, raízes etc. (1)

O licor é, no mínimo, um excelente digestivo, devido à sua alta dosagem de açúcar. É justamente por tal motivo que ele é servido logo após as refeições. Esse motivo levou a corte francesa à propagação do licor como uma bebida de sabor agradável, para ser apreciada notadamente após aos ágapes. Não demorou muito para que toda a nobreza européia seguisse a moda e o hábito se incorporasse aos bons costumes de então. E assim chegou até nossos dias como parte integrante do ritual de hospitalidade.

A popularização da bebida não afastou o caráter mágico, místico até, que envolve os diversos tipos de licores. A ligação da história dessa bebida com os conventos e a alquimia medievais reforçou o mistério que ronda as receitas mais famosas, enriquecido por tramas dignas de uma incrível e talvez insubstituível Ágatha Christie, com fantásticos frutos de fórmulas secretas, passadas de boca a ouvido a pouquíssimos privilegiados.

Dois dos licores mais apreciados até hoje, o Benedictine e o Chartreuse, produzidos por religiosos franceses desde o século XVIII, são bons exemplos dos excepcionais cuidados envolvidos na fabricação dessa bebida de um requinte poucas vezes igualado.

Na composição do Benedictine comparecem em dosagens minuciosamente medidas cerca de trinta diferentes ervas. Sua fórmula chegou a ficar desaparecida por setenta anos, desde que os monges foram expulsos da França e os mosteiros destruídos após a Revolução do final do século XVIII. Quando foi redescoberta, acidentalmente, entre alguns documentos antigos e semicarbonizados, os beneditinos reergueram uma destilaria no local e desde então não pararam a fabricação do licor, cuja receita é hoje conhecida por apenas três pessoas.

Já o Chartreuse teve sorte melhor e continuou sendo fabricado sem interrupção na Espanha, para onde acabou sendo destinada a fórmula após a Revolução. Na atualidade, além da destilaria espanhola, há também uma francesa. Somente cinco monges, no entanto, conhecem a fórmula exata, que congrega nada menos do que cento e trinta ervas!

Pelo exposto, esses dois licores são verdadeiras obras de arte!

E os licores chegaram ao Brasil, por volta do século XIX, atendendo à burguesia.

Tido durante muito tempo como bebida para mulheres, gradativamente foi sendo aceito pelos varões. (2)

O tempo caminhava, sem ouvir e sem atender ninguém, como dono absoluto de tudo.

O uso do licor foi popularizado. Das camadas mais favorecidas ele tomou conta das demais, paulatinamente. (3)

Forçado pelas circunstâncias o processo de fabricação caiu em domínio público. A sua fabricação é muito simples, excetuando-se os destilados, que aliás, são de uso relativamente restrito pelo povo.

Basicamente é necessário que se escolha um tipo de fruta, de sua preferência e da melhor qualidade possível. Escolher uma receita e nada mais. Há ainda os preparados com essência, adquirida em farmácias, ou com leite cru ou condensado. O caminho é o mesmo.

Dos inúmeros que saboreamos e registramos, ao longo dos anos, coletamos considerável volume de receitas. À guisa de exemplificação e levando em conta o exíguo espaço oferecido, apresentamos algumas que inventariamos na área polarizada por Votuporanga, no noroeste paulista:

1 — LICOR DE ABACAXI

Ingredientes: 2 abacaxis / 2 copos de água / 2 copos de cachaça / 2 kg de açúcar.

Preparo: Descascar e cortar os abacaxis em pequenos pedaços retirando os nós. Pôr numa caçarola com água. Deixar no fogo até ferver. Espremer. Adicionar o açúcar e mexer com colher de pau. Levar novamente ao fogo até a mistura engrossar. Depois de frio juntar a cachaça, misturando-se muito bem. Filtrar em papel especial, engarrafar e tampar bem. Enterrar, para envelhecer, durante três meses.

Informante nº 4.

2 — LICOR DE AMEIXA

Ingredientes: 1/2 kg de ameixas pretas / 1/2 kg de açúcar / 1/2 litro de pinga / 1 garrafa de água / 1 fava de baunilha.

Preparo: Colocar as ameixas e a baunilha fatiada num vidro com a pinga, deixando em maceração por um dia. Preparar uma calda com água e açúcar. Depois de fria misture à infusão, tendo o cuidado de espremer bem as frutas que estiveram sob o processo de maceração. Coar em tecido. Engarrafar, arrolhar e guardar por três semanas. Filtrar e servir.

Informante nº 12.

3 — LICOR DE AMORA

Ingredientes: 1 litro de suco de amoras / 1 litro de álcool de cereais / 1 litro de água / 1/2 kg de açúcar / 1 copo de mel.

Preparo: Adicionar ao suco, o açúcar e o álcool. Deixar repousar por sete dias, agitando com uma colher de pau duas vezes ao dia. Acrescentar a água. Repousar mais um dia. Coar em tecido. Adicionar o mel, pré-aquecido em banho-maria. Engarrafar. Ao servir deve ser agitado.

Informante nº 16.

4 — LICOR DE ANIS

Ingredientes: 50 gotas de essência de anis / 1/2 kg de açúcar / 1/2 litro de água filtrada / 2 copos de pinga.

Preparo: Dissolver o açúcar em água fervente. Depois de esfriar, juntar a pinga. Em seguida, a essência. Agitar bem. Filtrar e engarrafar.

Observação: É também conhecido como anisete.

Informante nº 5.

5 — LICOR DE BANANA

Ingredientes: 1 kg de bananas bem maduras, porém firmes / 1 kg de açúcar refinado / 1 litro de cachaça / 3 copos de água.

Preparo: cortar as bananas em rodela e colocar de molho na cachaça que já foi fervida com água e açúcar, por cinco minutos. Deixar curtir durante três dias, mexendo-se diariamente. Amassar as bananas e coar em tecido. Depois, filtrar e engarrafar.

Informante nº 9.

6 — LICOR DE BAUNILHA

Ingredientes: 1 vidrinho de essência de baunilha / 4 copos de água fervida / 3 copos de álcool de cereais / 3 copos de açúcar cristal.

Preparo: Dissolver a essência na água. Juntar o açúcar e misturar bem. Coar e engarrafar.

Informante nº 3.

7 — LICOR DE CACAU

Ingredientes: 1 copo de cacau / 1 fava de baunilha / 1 kg de açúcar cristal / 1/2 litro de água filtrada / 2 litros de pinga.

Preparo: Misturar metade da pinga com o cacau e a baunilha despedaçados. Deixar em infusão durante oito dias. Juntar o restante do álcool e espremer os frutos. Fazer a calda. Depois de fria acrescentar à infusão e mexer. Coar em tecido e engarrafar.

Informante nº 8.

8 — LICOR DE CAFÉ

Ingredientes: 1/2 kg de café em pó / 2 litros de aguardente / 3 litros de calda fria.

Preparo: Ponha o café de infusão na aguardente. Deixe sete dias, num garraão. Coar e juntar a calda. Filtrar e engarrafar.

Informante nº 11.

9 — LICOR DE CAJÁ-MANGA

Ingredientes: 1/2 kg de cajá-manga / 1/2 litro de pinga / 2 copos de açúcar / 1kg de açúcar.

Preparo: Deixar por duas semanas, em infusão, na pinga, as frutas descascadas. Esmagar com garfo, após esse período e passar num tecido. Fazer a calda grossa e depois de fria misturar tudo muito bem. Filtrar e engarrafar.

Informante nº 2.

10 — LICOR DE CANELA

Ingredientes: 1 xícara (café) de canela moída / 1 garrafa de pinga / 1 prato (fundo) de açúcar / 1 garrafa de água filtrada.

Preparo: Pôr em infusão a pinga e a canela por uma semana. Coar. Preparar a calda com açúcar e água. Depois de fria, misturar com a infusão. Filtrar e engarrafar.

Informante n° 10.

11 — LICOR DE CARAMBOLA

Ingredientes: 8 carambolas maduras / 1 litro de álcool de cereais / 1 litro e meio de xarope.

Preparo: Lavar e cortar as carambolas, retirando as sementes. Deixar em maceração no álcool por quatro dias. Coar em tecido. Juntar o xarope e filtrar. Engarrafar e deixar envelhecer por três meses.

Informante n° 19.

12 — LICOR DE CHÁ

Ingredientes: 1 copo de chá preto / 1 litro de cachaça / 1 kg de açúcar / 1 litro de água / 1 colher (café) de essência de baunilha.

Preparo: Pôr o chá em infusão na pinga durante sete dias. Depois desse tempo faça a calda, perfumando-a com a assência, depois de fria. Coar a infusão, adicionar a calda, filtrar e engarrafar.

Informante n° 16.

13 — LICOR DE CHOCOLATE E LEITE

Ingredientes: 2 barrinhas de chocolate raladas / 1 litro de leite fervido, porém frio / 1 litro de cachaça / 1 kg de açúcar / 2 favas de baunilha (podendo substituir por essência) / 3 rodelas de limão galego.

Preparo: Misturar tudo e deixando em infusão durante oito dias, tendo o cuidado de mexer diariamente. Coar em tecido. No dia seguinte, filtrar em algodão. Engarrafar.

Informante n° 7.

14 — LICOR DE COCO

Ingredientes: 1 coco ralado / 1 litro de pinga / 1 kg de açúcar / 1 litro de água.

Preparo: Deixar em infusão o coco na pinga por cinco dias. Coar. Misturar à calda fria. Filtrar e engarrafar.

Informante n° 1.

15 — LICOR DE FIGO

Ingredientes: Folhas de figo, a gosto / 1 litro de cachaça / 2 litros de água / 1 kg de açúcar.

Preparo: Ponha as folhas, depois de lavadas e despedaçadas, na cachaça, de um dia para outro. Coar. Fazer a calda e deixar esfriar. Misturar, filtrar e engarrafar.

Informante n° 17.

16 — LICOR DE HORTELÃ

Ingredientes: 50 gotas de essência de hortelã / 1 litro de água filtrada / 1 kg de açúcar / 2 litros de aguardente.

Preparo: Misturar a aguardente com a calda, depois de fria. Juntar a essência e deixar num garrafão. Depois de um dia, filtre e engarrafe.

Informante n° 15.

17 — LICOR DE JABUTICABA

Ingredientes: 1 kg de jabuticabas / 1 litro de álcool de cereais / 1/2 litro de xarope.

Preparo: Lavar e separar as cascas das frutas. Deixá-las em maceração, por oito dias, no álcool, mexendo todos os dias. Fazer o xarope fervendo o açúcar com a água, até ficar grosso. Depois de frio, junte à infusão, já coada. Filtrar em papel e engarrafar. Deixar envelhecer por dois meses sob a terra.

Informante n° 13.

18 — LICOR DE JENIPAPO

Ingredientes: 4 jenipapos / 1/2 kg de açúcar / 2 xícaras (chá) de água / 1 litro de pinga.

Preparo: Descascar e cortar as frutas. Colocá-las em uma vasilha de vidro ou louça com as sementes. Encobrir com pinga. Deixar em infusão por três dias. Espremer bem os jenipapos, passando por um pano. Fazer a calda. Depois de fria misturar a infusão. Filtrar em chumaço de algodão. Engarrafar e guardar para usar depois de sete dias.

Informante n° 7.

19 — LICOR DE LARANJA

Ingredientes: 2 laranjas-da-terra / 1 litro de cachaça / 4 xícaras (chá) de açúcar / 1/2 colher (sopa) de noz-moscada em pó.

Preparo: Misture todos os ingredientes. Deixe em repouso até o dia seguinte. Filtrar e engarrafar.

Informante n° 2.

20 — LICOR DE LEITE

Ingredientes: 1 garrafa de leite / 1 litro de pinga / 1 kg de açúcar / 1 noz-moscada ralada / canela em pau / 1 colher (chá) de erva-doce / 3 claras em neve.

Preparo: Ferver todos os ingredientes durante quinze minutos. Filtrar e engarrafar.

Informante n° 13.

21 — LICOR DE LIMÃO

Ingredientes: Cascas frescas de 6 limões galegos / 1 litro de pinga / 1 kg de açúcar / 2 litros de água / 4 colheres (sopa) de flor de laranjeira (adquire-se em farmácias).

Preparo: Colocar as cascas, depois de lavadas e partidas, em infusão, por sete dias, na pinga. Coar em tecido e juntar a água de laranjeira. Preparar o xarope com água e açúcar, deixando esfriar. Juntar tudo. Agitar. Repousar três dias e engarrafar para envelhecer, pelo menos uma semana.

Informante n° 16.

22 — LICOR DE MAÇÃ

Ingredientes: 4 xícaras (chá) de maçã, picadas não muito finas, com cascas e sem sementes / 2 xícaras (chá) de aguardente / 1 xícara (chá) de açúcar / 4 paus de canela, quebrados.

Preparo: Deitar todos os ingredientes num vidro de boca larga. Mexer sempre, virando o vidro, para o açúcar ficar completamente dissolvido. Guardar o recipiente num lugar fresco e escuro. Depois de quatro semanas, coar. Engarrafar. Depois de sete dias de envelhecimento, filtrar e servir.

Informante nº 5.

23 — LICOR DE MARACUJÁ

Ingredientes: 13 maracujás / 1 garrafa de água filtrada / 1 garrafa de pinga / 1 quilo de açúcar.

Preparo: Retirar as polpas das frutas e colocá-las na pinga, em maceração, num vidro de boca larga. Tem que mexer diariamente, durante uma semana. Esse vidro deve ser conservado fechado. Findo este tempo, fazer o xarope. E depois de frio, juntar ao produto da maceração coado em algodão. No dia seguinte, filtrar e engarrafar. Deixar envelhecer para servir.

Informante nº 11.

24 — LICOR DE MEXERICA

Ingredientes: Raspas de 8 cascas de mexericas / 1 garrafa de cachaça / 2 garrafas de calda (feita de açúcar com água) / cravo e canela, a gosto, e picados.

Preparo: Deixar as raspas de lado e ferver os outros ingredientes. Depois que esfriar, adicionar as raspas. Mexer e deixar em infusão. Daí dois dias, filtrar, engarrafar e deixar envelhecer por alguns dias. Filtrar novamente e servir.

Informante nº 8.

25 — LICOR DE MISTURAS

Ingredientes: 1 copo de licor de cacau / 1 lata de leite condensado / 1 copo de cachaça / 1 dose de vinho branco seco / 1 dose de gim.

Preparo: Misturar todos os ingredientes e bater em liquidificador. Servir. Se preferir, adicionar gelo picado.

Informante nº 12.

26 — LICOR DE MORANGUINHO

Ingredientes: 1 kg de moranguinhos / 1 copo de álcool de cereais / 1/2 quilo de açúcar / sete gotas, ou mais, se preferir, de essência de baunilha / 4 copos de cachaça (ou de rum).

Preparo: Misturar tudo e colocar num vidro de boca larga, bem fechado. Deixar em repouso três dias, mexendo duas vezes ao dia. Espremer as frutas num tecido. Coar e engarrafar. Depois de envelhecer, pelo menos três semanas, filtrar em papel ou algodão e engarrafar. Servir.

Informante nº 10.

27 — LICOR DE OVOS

Ingredientes: 8 gemas de ovos / 1/2 kg de açúcar / 1/2 litro de leite / 1 vagem de baunilha triturada / 2 copos de cachaça.

Preparo: Misturar as gemas com o açúcar. Mexer e adicionar, aos poucos, o leite. Acrescentar a cachaça. Mexer e coar em tecido ralo. Acrescentar a baunilha

e despejar num garrafão. Mexer diariamente e depois de sete dias, filtrar e engarrafar. Está pronto para ser servido.

Informante nº 14.

28 — LICOR DE PÊSSEGO

Ingredientes: 1/2 kg de pêssegos / 1/2 kg de açúcar / 1/2 litro de cachaça / 2 copos de água filtrada.

Preparo: Retirar os caroços que poderão ser utilizados em outro tipo de receita. Reduzir os frutos a pasta para colocá-la em infusão, durante sete dias, na cachaça. Fazer o xarope e deixar esfriar. Espremer e coar a infusão. Misturar ao xarope. Filtrar e engarrafar.

Informante nº 18.

29 — LICOR DE PÊSSEGOS (CAROÇOS)

Ingredientes: 20 caroços de pêssegos / 1/2 litro de pinga / 1/2 kg de açúcar / 1 litro de água.

Preparo: Deixar por dez dias, os caroços em infusão na pinga, num vidro de boca larga. Depois desse prazo faz-se a calda com o açúcar e a água, que após esfriar será adicionada à infusão. Filtrar e engarrafar. Deixar envelhecer antes de utilizá-lo.

Observação: Lembre-se de que o envelhecimento melhorará o sabor da bebida, salvo se algum fator alheio interferir.

Informante nº 18.

30 — LICOR DE PITANGA

Ingredientes: 1 kg de pitangas / 1 litro de aguardente / 1 kg de açúcar / 1 litro e meio de água filtrada.

Preparo: Pôr numa vasilha o álcool, o açúcar e as pitangas (lavada e enxutas). Mexer com uma colher de pau duas vezes ao dia, por uma semana. Depois disso misturar a água. Espremer as pitangas e coar em tecido ralo. Deixar em repouso. Filtrar, engarrafar e deixar envelhecer.

Informante nº 1.

31 — LICOR DE TANGERINA

Ingredientes: Cascas de 6 tangerinas / 1 copo de álcool de cereais / 2 copos de água / 1/2 kg de açúcar.

Preparo: Deixe as cascas de tangerina em infusão no álcool por oito dias. Vencido esse tempo, faça a calda de açúcar e água. Após esfriar, junte à infusão. Filtre e despeje em garrafa.

Informante nº 19.

32 — LICOR DE TODDY

Ingredientes: 4 colheres (sopa) de Toddy / 1 litro de água / 1 litro de pinga / 1/2 kg de açúcar.

Preparo: Desmanchar o açúcar em água morna. Misturar aos outros ingredientes e deixar em infusão por sete dias. Filtrar e engarrafar. Guardar durante sete dias antes de servir.

Observação: Se preferir que o sabor seja mais forte, adiciona-se uma quantidade maior de Toddy, ou vice-versa.

Informante nº 3.

33 — LICOR DE UVA

Ingredientes: 1 prato de uvas / 3 litros de aguardente / 1 litro de calda.

Preparo: Lavar bem as uvas e deixá-las em infusão durante quatro dias na aguardente. Depois disso junte a calda fria. Misture, filtre, engarrafe e deixe envelhecer antes de servir.

Informante n° 18.

34 — LICOR DE UVAIA

Ingredientes: 1 dúzia de uvaia / 2 copos de água / 1 copo de pinga / 1 copo de mel derretido em banho-maria.

Preparo: Depois de lavar as frutas, colocá-las na pinga por sete dias. Fazer o xarope com o mel e a água fervente. Enquanto esfria, espremer as frutas. Misturar, filtrar e engarrafar.

Observação: Uvaia é fruto da árvore da família das Mirtáceas, a uvaieira. O fruto desse vegetal é de sabor agridoce. Em menor volume é também conhecido por uvalha.

Informante n° 6.

35 — LICOR DE UVA-PASSA

Ingredientes: 1 kg de passas / 1 pau de canela / 3 cravos / 1 litro de aguardente.

Preparo: Quebrar a canela, os cravos e amassar as passas. Deitar num garraão com a aguardente. Arrolhar e deixar por três meses, mexendo de vez em quando. Após esse prazo, filtrar, engarrafar e deixar envelhecer. Servir.

Informante n° 9.

36 — LICOR DE VANILINA

Ingredientes: 1 colher (chá) de vanilina / 1 pires (chá) de açúcar / 1 copo de álcool de cereais.

Preparo: Queimar o açúcar até ficar bem dourado, para preparar a calda rala. Retirar do fogo e deixar esfriar um pouco. Juntar o álcool e a vanilina. Misturar, filtrar e engarrafar.

Observação: Vanilina é substância orgânica, de cheiro característico, encontrada nas favas de baunilha e também preparada sinteticamente. É encontrada à venda em farmácias, drogarias e boticas.

Informante n° 4.

37 — LICOR DE VINHO

Ingredientes: 1 xícara (chá) de vinho / 1 copo de açúcar / 2 ou 3 copos de aguardente.

Preparo: Misturar o vinho com o açúcar e juntar a pinga. Deixar em um litro fechado, mexendo diariamente. No sétimo dia, filtrar em algodão e engarrafar.

Informante n° 2.

CONCLUSÃO

Este singelo trabalho, quase totalmente embasado em pesquisas de campo, tem escopo garantir a sobrevivência, para as futuras gerações, de uma manifestação folclórica que está, infelizmente, a caminho da deteriorização, sobretudo nos grandes centros, tendo em vista as rápidas mudanças de hábitos. Esta situação está sendo incentivada e propagada pelos meios de comunicação de

massa e por uma sociedade de consumo que continua impondo mudanças de valores, inovações a um povo em vias de desenvolvimento econômico. É óbvio que o licor doméstico não desaparecerá, contudo, em parte, cederá espaço para outras bebidas industrializadas.

NOTAS

- 1 — Nossos Licores, de nossa autoria, inédito.
- 2 — Licores do Povo, de nossa pena, inédito.
- 3 — Os Licores no Folclore, de nossa lavra, inédito.

INFORMANTES

1 — Ana Rosa Marcolino. 2 — Antônio Aparecido Bortuluzzi. 3 — Aparecida Vieira. 4 — Arcídia da Silva Brito. 5 — Cláudio Roberto de Paula. 6 — Dalva Luiza Baldon. 7 — Genésio Donizeti do Nascimento. 8 — Geny Alberini. 9 — Izabel Aparecida da Costa. 10 — Joana Maria Cypriano. 11 — Juliano Cagni Júnior. 12 — Lolay Dumara de Jesus Toloni. 13 — Maria Lúcia Rossato Ricci. 14 — Marcelo Luís Marques. 15 — Neusa Maria Ferreira da Silva. 16 — Sílvia Canheu Marques Teodósio. 17 — Zaida Maria Ferraz Arruda. 18 — Zilda Ulian Rossato. 19 — Wilma Franco Alves.

A GRUTA DA NATIVIDADE

À minha irmã
RAYMUNDA VILHENA FIGUEIRA
(In Memoriam)

MARIA BRÍGIDO
(da Comissão Paraense de Folclore)

Há quase dois mil anos o mundo cristão celebra, neste mês, seu acontecimento maior — o Nascimento de Jesus Cristo. O fausto de hoje não condiz com a humildade do evento, mas a Sua mensagem é sempre a mesma, através dos séculos — “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”.

O Natal transcende as barreiras lingüísticas e as controvérsias dos historiadores — é a verdade atemporal, insofismável, que se impõe.

Dezembro — a magia da tradição pejada de ritos de épocas solsticiais de inverno, voltada para Cristo por força da Cristianização dos Costumes, infunde no homem a esperança de renascimento, impelindo-o à confraternização.

A história cristã, embora controvertida quanto à data, registra o local e a maneira do Nascimento: numa gruta, colocado sobre mangedoura estava o Menino que resgataria com o próprio sangue os pecados do mundo. Contrariando essas afirmativas, inclusive de João Bosco, ao referir-se a ida de José e Maria à Bethlem, escritores dizem que Jesus nasceu numa casa Essênica (seita judia do tempo dos Macabeus) à qual pertenciam José e Maria e que, em geral, eram instaladas nas reentrâncias das escarpas, ou subterrâneas, para que seus adeptos não fossem perturbados e para onde se dirigiram também os Magos, pertencentes a seita da mesma natureza.

A Palestina era uma terra agreste, na maioria constituída de cardos e espinheiros, pobre de revestimento florístico e com poucos veios d'água a reclamar tratamento tecnológico para irrigação de suas áreas agricultáveis; todavia estava escrito que uma das mais humildes de suas cidades se agigantaria aos olhos dos povos ao se tornar o berço Daquele que veio para redimir, para se oferecer na vida e na morte como exemplo de humanidade e amor.

Visando eliminar os vestígios do singular evento, como a querer encobrir o sol com tela, Adriano (117-138 A. D.) transformou as vizinhanças da gruta num bosque dedicado a Adonis, o que impeliu Jerônimo a assim se expressar: “Onde se ouviram os vagidos do Deus feito homem chorava-se a morte do favorito de Vênus”. A despeito das perseguições havidas do ano 60 a 324 A. D., o cristianismo ressurgiu com a “Religiosa Tolerância” de Valerius, seguida de sua oficialização como credo, por Constantino.

Eusébio comenta que, no século IV, tocados pela fé, o imperador e sua impiedosa mãe Helena fizeram erigir sobre a pequena gruta magnífico templo que se caracteriza por um edifício otogonal, reunindo uma basílica de cinco naves, parcedida de um átrio de quatro pórticos.

Mais tarde, os samaritanos sublevados incendiaram o precioso trabalho arquitetônico restaurado posteriormente por Justiniano.

A visão contemporânea da Basílica da Natividade, em Bethlem — terra do

pão — mais parece a de uma fortaleza, inclusive em sua porta central abaixada com barra de ferro, para impedir que os sarracenos a transpusessem com suas cavalgadas.

A Basílica, todavia, guarda ainda restos de decorações resultantes do entusiasmo e capricho de imperadores de diversas origens. Os sete concílios ecumênicos, além de outros das províncias, se acham ali retratados. Essa pomposa decoração previa a união da cristandade que, se concretizada, traria "paz na terra aos homens de boa vontade", mas as mutilações que ali se verificam retratam o desacordo final, roubando a maravilhosa repercussão que, embora momentânea, refletiu num só templo a harmonia dos povos.

Data do século XIV a entrada dos Franciscanos em Jerusalém onde, até o século seguinte, mantiveram sob custódia a Basílica da Natividade e sua famosa gruta que se achavam ao abandono. Os Franciscanos defenderam por várias vezes o lugar sagrado, inclusive com perdas de vida, sem conseguirem plena posse, visto que o santuário ora ficava em suas mãos, ora nas mãos dos gregos cismáticos, que dele se apossaram por vinte e quatro anos, durante o desenrolar da guerra entre o Império Otomano e a República de Veneza, só retornando o templo ao domínio latino nos finais do século XVII.

Na Basílica o ponto de magna importância é a Gruta da Natividade dividida por força da grande cisma em três partes: latina, armênia e grega. A desarmonia sustentada pelas diversas ideologias religiosas revela-se na presença de soldados árabes e muçulmanos com seus capacetes amarelos rematados em véu sobre a nuca, que mantêm a ordem enquanto os filhos de São Francisco, como guias espirituais, pormenorizam aos visitantes remotos acontecimentos da cristandade.

A Lapa da Natividade é de rocha calcária mole. Está iluminada por cinquenta e três lâmpadas semelhantes a balões estratosféricos, dezenove das quais pertencem aos católicos apostólicos romanos. O recinto forma um retângulo de 12,30m de comprimento por 3,15m de largura. O piso e as paredes estão revestidos de mármore branco simbolizando a pureza do lugar. As paredes com ilustrações dos principais fatos da infância de Jesus estão protegidas contra incêndio por uma tapeçaria de amianto.

Dois terços da Gruta pertence aos armênios cismáticos, incluindo o lugar do nascimento assinalado por uma estrela de prata encrustada no mármore; num orifício, ao centro, os romeiros, emocionados pela magnitude do ambiente, colocam a mão suplicando bênçãos. Aí está escrito: "HIC DE VIRGINE MARIA JESUS CHRISTUS NATUS EST" — É o lugar Sagrado.

A estrela de prata que assinala o local do nascimento, em 1717, deteriorada pelo tempo, foi substituída pelos cristãos latinos. Quarenta anos depois foi essa nova estrela retirada pela irreverência dos cristãos cismáticos, quando os mesmos se apossaram novamente da Basílica, mas os veementes protestos dos países ocidentais impuseram a reposição da marca simbólica. Essas e outras atitudes dos elementos que se desagregaram da Igreja Apostólica Romana, por ocasião da cisma, em 1454, para instituírem a Igreja Ortodoxa Oriental, motivaram o estabelecimento do "status quo" no que diz respeito aos lugares santos, levando o Estado árabe a policiar o Altar da Natividade.

É diante desse ponto simbólico que o sentimento de religiosidade dos católicos apostólicos romanos sofre tremendo impacto: A igreja edificada por Cristo sobre a crença indestrutível de Pedro não dispõe de seu mais sagrado lugar. No Altar da Natividade não é permitida a celebração de ofícios litúrgicos romanos, mas somente no Altar dos Reis Magos e no Oratório do Presépio, este num escavado também revestido de mármore, onde está representada a cena do Nascimento.

GERALDO TELES DE OLIVEIRA – G.T.O.

Saul Martins*

Os sonhos lhe ensinaram a fazer renda, mas de madeira — cedro-rosa e jacarandá, e não de almofada. Os motivos eram lembranças do passado, cenas retidas no inconsciente infantil, tempo alegre da vida em que pulava e cantava de mãos dadas, abrindo a roda com os amiguinhos da rua.

A iniciação se deu na oficina dos sonhos, já adulto, quarentão. Trabalhava de noite como vigia noturno do Hospital São João de Deus, em Divinópolis, Minas Gerais, e dormia de dia. Morfeu o transportava aos páramos dos sonhos, que foram seus verdadeiros mestres, foram os caminhos de sua arte ingênua e misteriosa. Eram “sonhos esquisitos”, disse-me ele, e que se repetiam. Esculpia todos os dias, em sonhos. Com o tempo, estes passaram a governá-lo, dar-lhe ordens: “pegue a madeira, anda, vamos, faça!”.

Certo dia, acordou agitado. Tremiam-lhe as carnes. Sôfrego, pôs-se de pé: “não! não devia ser apenas sonho! Ou será que estou doente?!”. Seguindo um impulso irresistível, correu ao quintal e depressa retirou a porta do chiqueiro — uma tábuca de cedro. Muniu-se de faca, canivete, formão e macete e começou a esculpir. Fez, então, sua primeira peça de arte, uma igreja, que hoje se encontra no museu de Paris.

A medida que criava novas esculturas, os sonhos rareavam até que, afinal, deles se libertou completamente.

Em 27 de abril de 1972, entrevistado, disse-me que “nunca sei o que vou fazer, a peça nasce, ela aparece nas minhas mãos”.

Foi um gênio, com certeza, um artista do nível de Aleijadinho, outro mineiro, época do barroco em Minas.

G.T.O., como se tornou conhecido, nasceu em Itapeçerica — MG, no dia 1º de janeiro de 1913. Teve infância sofrida, órfão muito cedo, criado aqui, ali, acolá por benevolência de parentes. Quando cresceu foi tentar a sorte no Rio, de onde retornou a Minas, desta vez para morar em Divinópolis, perto de sua terra natal. Foi o arquiteto Aristides Salgado quem o descobriu, em 1965; o “marchand” Sálvio de Oliveira o lançou no ano seguinte, em Belo Horizonte; a colonista Mari’Stella Tristão, minha amiga, projetou-o através do jornal *Estado de Minas*. Participou de bienal na Tchecoslováquia e em São Paulo, 1969 e 1970. Suas peças estão espalhadas pelo mundo, em museus e coleções particulares. Ele morreu em 06 de julho de 1991.

Como se acabou de ver, os sonhos foram a gênese, o começo e princípio de tudo. Creio que os sonhos de G.T.O. eram o desaguar da arte, a força

(*)Saul Martins é professor universitário aposentado, antropólogo, doutor em Ciências Sociais, pesquisador, escritor, poeta e folclorista. Reside em Belo Horizonte.



Esculturas em madeira de G.T.O., da coleção particular do arquiteto, Dr. Aristides Salgado dos Santos, atualmente Prefeito Municipal de Divinópolis (MG):

(a peça maior)

Título: *SONHO DE CATEDRAL Nº 2*

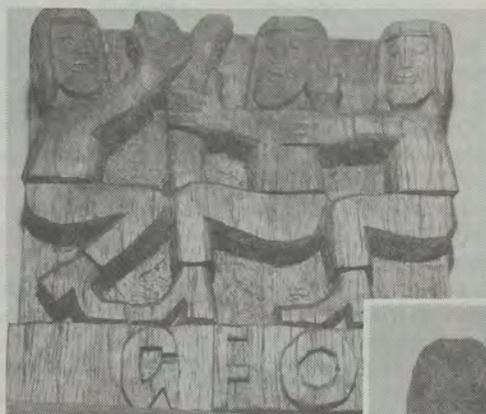
Descrição: obra esculpida entre os anos 1974/1975 (-/+).

Dimensões: 0,77m de altura, largura 0,33m e 0,12m de profundidade.

(a peça menor)

incontida da emoção que desabrochava. Faz-me lembrar aquele verso de imortal poeta: "eu sinto em mim o borbulhar do gênio". Suas peças caracterizam-se pelo rendilhado harmonioso de figuras humanas em movimento, um bailado de anjos e demônios esculpidos na madeira como jamais se viu em parte alguma. Sua arte explodia de dentro dele a expandir-se numa evasão de sentimentos agradáveis ou não — crenças, medos, alegrias ou desgostos representados por símbolos.

As esculturas de G.T.O. alcançaram o maior equilíbrio estético. A meu ver, ele foi a expressão máxima do artista popular no Brasil.



Título: *ENTERRO DO SOLDADO NA GUERRA DO PARAGUAI*

Descrição: obra esculpida em 1967.

Na interpretação do autor, "quando uma pessoa morre, Deus quer a sua alma e o capeta também. Assim, os quatro soldados carregam o caixão, sendo que dois puxam para uma direção e os outros dois puxam ao contrário".

Na interpretação do folclorista Saul Martins, "são as forças contrárias do Bem e do Mal, ou seja, o dualismo tão presente nas manifestações de religiosidade dos povos primitivos".

A escultura é trabalhada em sua totalidade espacial.

Medidas: altura: 0,13m

largura: 0,17m

profundidade: 0,09m

MITOS HERÓICOS DA INFÂNCIA

Aproveitamento da Lúdica Infantil na Educação

Veríssimo de Melo

Permitam-nos colocar magistral observação de Ortega y Gasset a propósito da mentalidade em formação da criança. Está no seu ensaio "EL QUIJOTE EN LA ESCUELA". Disse ele: "Para mim, os fatos devem ser o final da educação: primeiro, mitos, sobretudo, mitos. Os fatos não provocam sentimentos. Que seria, não já de um menino, senão do homem mais sábio da terra, se subitamente fossem expulsos de sua alma todos os mitos eficazes? O mito, a nobre imagem fantástica, é uma função interna sem a qual a vida psíquica se tornaria paralisada". E noutra passagem, esta recomendação importante: "Façamos crianças perfeitas, abstraíndo-as, na medida do possível, de que vão ser homens, eduquemos a infância como tal, regendo-a, não por um ideal de homem exemplar, senão por um *standart* de puerilidade. O homem melhor não é nunca o que foi menos criança, senão ao contrário: o que, ao completar trinta anos, encontra acumulado no seu coração o mais esplêndido tesouro da infância". E após afirmar que a criança "é um heróico criador de lendas", conclui: "Quando toca sua alma fica transfigurado e sua paisagem se compõe quase exclusivamente de *desiderata*. Tudo o que vê em torno é como devia ser, e o que não é assim não o vê. Os vícios mesmos, até a morte e o crime, ficam purificados por sua alquimia espiritual e lhe apresentam só a sua vertente atrativa".

Pensamos que aí está dito tudo. O mundo da realidade dos adultos não interessa à criança. Não existe. É inútil tentar corrompê-las com filmes ou novelas pornográficas — pelo menos até uma certa idade. Até a morte e o crime ficam purificados pela sua ótica — lembra Ortega y Gasset. Na primeira infância, a idéia da morte, tal como a conhecemos na realidade, é inconcebível para a criança.

Ilustremos a observação com um fato que nos impressionou. Conversando com meu neto Gueguel, cinco anos, na época dizia-lhe:

— Gueguel, o carro é como um avião. Tem piloto e co-piloto. Hoje, eu sou o piloto e você é o co-piloto. Amanhã, quando você crescer, você será o piloto e eu serei o co-piloto.

Ele disparou a resposta surpreendente:

— Quando eu crescer, você vai morrer!

Perfeita a observação. Ele aos cinco anos de idade e eu aos sessenta e sete. Recordando, depois, o episódio, reclamei:

— Cara, você quer que seu avô morra?

Ele se justificou:

— Você morre, mas depois você volta.

Conhecendo fatos como este e ensinamentos como os de Ortega y Gasset, apresentamos proposta à II Reunião de Antropólogos Norte/Nordeste, realizada de 3 a 6 de março de 1991, no Recife, sugerindo o aproveitamento da lúdica

infantil na educação sistemática no país. Há riquíssimo complexo de mitos, jogos, parlendas, adivinhações, cantigas de roda, contos tradicionais etc., do acervo folclórico brasileiro a ser sistematizado e introduzido em livros escolares e atividades de lazer do 1º e 2º graus. Será trabalho pioneiro de antropologia aplicada em favor da criança do Brasil — tão desassistida e ao mesmo tempo herdeira de tão fabuloso patrimônio lúdico e mítico.

Difícil ou talvez impossível será sensibilizar as autoridades que conduzem a política educacional do país para o projeto. Mas, vamos lutar.

Veríssimo de Melo é jornalista, escritor e atual presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

Abril de 1991.



CHÁI MUI 猜枚

Praticado durante os banquetes, o *chái mui* lembra o *mora* italiano, sobrevivência do *micare digitis* dos romanos.

O nome chinês significa, em tradução literal, *adivinhar hastes de plantas* ⁽¹⁾, *palavras iniciais para os nomes de modas, anéis, frutos etc.*

Este nome sugere uma outra prática semelhante e mais antiga, pois sendo a linguagem chinesa escrita ideográfica e extraordinariamente racional, não se entende que os ideogramas *mão* ou *dedos* não intervenham nas palavras escritas que correspondem ao nome deste jogo. Talvez a expressão derive de práticas divinatórias mais antigas, relacionadas com molhos de hastes de plantas em que o número destas tivesse um caráter provavelmente oracular ou que se trate de um jogo importado há longa data.

Segundo Edward Falkener (1961) o antepassado do *chái mui* chinês e do *mora* italiano é um outro jogo inventado pelos egípcios — o jogo de *Atep*.

Numa das inscrições hieroglíficas que acompanham desenhos antigos de figuras egípcias representadas a *jogar Atep*, pode ler-se: "Colocando o *Atep* na testa" ou "colocando o *Atep* na mão". Noutro grupo pode ler-se: "deixá-lo (a ele) declarar-se" ⁽²⁾.

A avaliar das análises das antigas pinturas tumulares, teriam sido vulgares entre os egípcios, diferentes formas de jogar com as mãos, sendo todas elas próprias de homens. Nas ruínas de Thebes, porém, encontrou-se uma pintura representando duas raparigas divertindo-se desta mesma maneira.

Uma hipótese, quanto a nós, será de admitir: não estarão as raparigas entretidas com um velho jogo de palmas, a que as crianças dos nossos dias também se entregam com grande frequência? Algumas figuras parecem-nos, também, jogar à "tesoura, pedra, papel" e não propriamente ao *jogo de Atep*, possível antepassado do *chái mui*.

É difícil saber-se, hoje, se o *jogo do Atep* passou a Roma por via grega, porquanto os testemunhos da existência deste jogo na Antiga Grécia são extremamente raros.

Meursius (Miscel. Lacon, II, IX) ⁽³⁾ cita uma passagem de um historiador que registrou entre os lacedemónios a *arte de tirar sortes pelos dedos* ⁽⁴⁾. Segundo este autor, teria sido a própria Helena quem a teria inventado. Nonnus foi outro autor que nos deixou uma descrição muito rigorosa deste jogo nas suas *Dionisiacas* ⁽⁵⁾. Põe-se em dúvida, porém, se esta descrição corresponde a um jogo grego, se a um jogo egípcio, porquanto Nonnus era egípcio e não grego, conquanto fosse grega a sua cultura.

Cícero, por seu turno, deixou escrito que o *mora* e um provérbio com ele relacionado, eram de tradição muito antiga. Talvez os gregos o tivessem aprendido a jogar com os egípcios e depois transmitido aos romanos, sob a forma posteriormente conhecida por *micare digitis* ou simplesmente *micare*.

Embora muito simples, este jogo exige muita sagacidade e prontidão de reflexos. Cada *golpe* é precedido de um duplo cálculo de probabilidades: o que se refere ao número de dedos que o adversário não espera do outro; e o que se refere ao número que ele pode apresentar, uma vez que a soma dos dois números, expressos em voz alta pelos jogadores, é que confere a vitória. Para ser emocionante, este jogo deve ser muito rápido, pelo que se presta à *batota*. Daí o provérbio comum entre os antigos romanos relativo a um homem com cuja probidade se podia contar:

“É um homem com quem vós podereis jogar a *mora* nas trevas” (*Cum quo audacter posses in tenebris micare* — Cícero, De Off. 3. 19).

Em Roma, o vencedor era quem primeiro ganhasse, pelo menos, cinco partidas, o que fazia prolongar às vezes os serões, pela noite adiante. Jogando com a mão direita, era costume cada jogador elevar um dedo da mão esquerda, por cada vez que ganhava ⁽⁶⁾.

Primeiramente, o *micare* era um *jogo de azar*, mas a verdade é que também servia para *tirar sortes* ou *para começar*, como dizem as crianças quando sorteiam o número de ordem por que devem jogar ou mesmo o *sû*, por exemplo, nos jogos de competição ⁽⁷⁾.

O *micatio* ou *micare digitis*, de tão remota tradição, perdurou não só na China mas também na Europa, onde hoje está representado pelo célebre *mora* italiano ⁽⁸⁾.

Na China, de há muito que o *cháí mui* é praticado, tal como nos nossos dias, sobretudo durante os banquetes, para determinar quem beberá mais um copo de vinho de arroz. Invenção independente ou adaptação do velho *jogo do Atep* dos egípcios?

Sabe-se que, de há longa data, o *cháí mui* é praticado no Império do Meio, perdendo-se no tempo, a sua origem.

Em 1643 o Pe. Álvaro Semedo ⁽⁹⁾, que viveu longos anos na China, desde 1613, data em que se fixou em Nanquim, publicou, em Roma, a sua “Relação da Grande Monarquia da China”, na qual registrou: “Entre a gente ordinária está muito em uso o jogo da *mora* que é jogado com mãos e dedos. Mais que em outras ocasiões é jogado nos banquetes, entre dois indivíduos, para verem quem há de beber, ganhando o beber aquele que perde”.

Como se pode concluir por esta descrição, o *cháí mui* pratica-se na China, desde recuados tempos, nas mesmas condições e moldes em que atualmente se pratica em Macau.

O Pe. Álvaro Semedo descreve, ainda, uma modalidade deste jogo usado pela gente nobre, igualmente durante os banquetes:

“Fora da sala onde se come está um tambor onde se dão pancadas, principalmente a contar, ao primeiro golpe da baqueta. Quando o tambor pára, aquele que falhou ao toque é obrigado a beber” ⁽¹⁰⁾.

É curioso notar que os chineses, tão férteis em lendas mais ou menos fantasiosas, explicativas da maioria dos seus usos, não têm para o *cháí mui* um nome especial nem qualquer explicação para a sua prática. Limitam-se a dizer que é um passatempo muito antigo, característico dos banquetes, dantes frequentados, apenas, por homens e onde alguns se divertiam a embriagar, deste modo, os companheiros. É por isso que, na nossa opinião, tal prática deve ter sido levada da bacia do Mediterrâneo para a China, por intermédio das tribos nômades, ou por altura dos contactos comerciais resultantes do tráfego marítimo no Índico e das caravanas que, desde épocas muito antigas, traçaram

várias rotas, hoje descobertas, através da Asia interior (11).

Em Macau, nos nossos dias, o *chái mui* consiste em apresentarem os convivas, dois a dois, e um ao outro, as mãos direitas fechadas, completamente abertas ou com alguns dedos estendidos. Ambos os contendores erguem-se com os punhos fechados e com os antebraços levantados ao nível da cabeça, bradando ao mesmo tempo:

— *Fat chói!* (Revele-se ou manifeste-se riqueza! — fórmula de cortesia que corresponde a desejar felicidades).

Ao pronunciar-se a palavra *chói*, os dois antagonistas estendem os braços vigorosamente e apresentam as mãos um ao outro, acompanhando o gesto de uma frase correspondente a um número de zero a dez, conforme os respectivos palpites (figs. 1 e 2). Adicionados os números de dedos estendidos, que podem ir de 0 (ambos os punhos fechados) a 10 (ambas as mãos abertas). Vê-se qual dos dois acertou. Se nenhum tiver acertado, o jogo continuará até que tal suceda. O que tiver a dita de acertar penalizará o contendor, fazendo-o ingerir um copo de vinho de arroz.

Às vezes constituem-se dois grupos, sendo escolhidos os jogadores de melhor reputação para *capitães*. Será entre estes dois que se desenrolarão as partidas sem, contudo, se embriagarem, levando, outrossim, à embriaguez os componentes do grupo adversário. No caso de se não constituírem estes grupos, os convivas poder-se-ão ir "eliminando" sucessivamente, ao longo da noite, por meio do *chái mui*.

Nas diversas regiões da China são muito diferentes as expressões numéricas próprias deste jogo *chái mui* 猜枚, fato que parece apoiar uma introdução antiga e uma rápida difusão.

Há, aliás, duas maneiras de se iniciar a partida: pronunciando-se a já citada frase *fat chói* 發財 ou a frase *hoi hau chong* 開口中 o *meio da boca aberta* ou *abra-se a boca (ao meio)!* Depois, vão-se dizendo à sorte os vários números expressos por pequenas frases mais ou menos poéticas.



Fig. 1 — *Chái mui* 猜枚, jogo relacionado com o vinho, na China. Um + quatro!

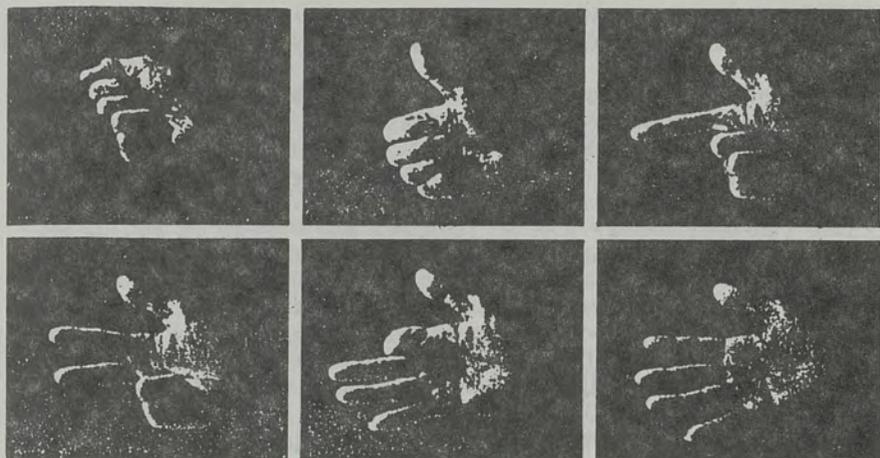


Fig. 2 — Posição das mãos no jogo de *chá i mui* 猜枚
 zero, um, dois, três, quatro e cinco.
 Fotografias de Joseph Chen (extr. de *Free China*, 1987).

Em Macau e em Hong Kong, são freqüentes as seguintes frases, consideradas frases de *calão*, pelo fato de estar este jogo praticamente cantonado às classes menos favorecidas e muito em particular aos bebedores inveterados.

- 1 — lat teng chong 一定中
 - 2 — I tou mui 二度枚
 - 3 — Sâm tim 三掂
 - 4 — Sei tong sei 四洞四
 - 5 — Ng kuan 五关
 - 6 — Lôk wái 六堆
 - 7 — Chat chiu 七掂
 - 8 — Pat pei pat 八比八
 - 9 — Kau kam cheong 九咁長
 - 10 — Hói sai 開晒
- Zero — (ambos os punhos fechados) toi sau kün 指收拳

Os significados destas expressões são, em tradução livre:

- 1 — Acertar com certeza
- 2 — Um dobro de ganho
- 3 — Três horas
- 4 — Quatro junto com quatro
- 5 — Cinco horas da madrugada

Obs.: Em Cantão não é utilizada a posição equivalente a cinco (mão aberta) e por isso ninguém pronuncia, geralmente, esta frase.

- 6 — Esta designação nas Províncias do Sul, corresponde às combinações de 3 dados com 6 pintas, tal como se lhes chama nas casas de jogo de *clu-clu*.
- 7 — Nenhum informador conhece o significado da frase *chái-chiu*. Muitas vezes costuma ser substituída por *lai pai* 禮拜 — *domingo* — para significar sete.
- 8 — Oito patacas
- 9 — Viver uma longa vida
- 10 — Mão toda aberta
- Zero — Punho contra punho.

Outras frases também freqüentes são:

- 1 — *lat teng chong* 一定中 — Acertar com certeza
- 2 — *l tou* 二洞 — Duas grutas
- 3 — *Sám kôi kôi* 三具具 — Três preciosidades
- 4 — *Sei tim* 四掂 — Quatro horas
- 5 — *Ng chá chum* 五撞除金 — Cinco "ramificações" juntas
- 6 — *Lòc lòc kôi* 六六攞具 — Seis, seis preciosidades
- 7 — *Chat lai pai* 七禮拜 — Sete domingo
- 8 — *Pat tim* 八掂 — Oito horas
- 9 — *Kau kam cheong* 九叫長 — Viver uma longa vida
- 10 — *Sap hoi sai* 十開晒 — Dez (mão) toda aberta

Zero — *Toi sau kün* 抬收拳 — Punho contra punho

Outras expressões, ainda, muito empregadas, principalmente pelos chineses que residiram muito tempo em Singapura, são as seguintes:

- *lat sam* 一心 — um coração.
- *l lou* 二佬 — dois irmãos
- *Sam ün* 三元 — os 3 primeiros (alusão aos 3 primeiros graduados nos exames públicos imperiais ou ao grupo dos 3 primeiros imperadores míticos ou ao grupo das 3 felicidades (Fòk Lòk Sau)
- *Sai kúai* 四季 — as 4 estações (do ano)
- *Ng chi* 五子 — cinco filhos (alusão aos 5 filhos de Tong I Sang 唐壽星, que alcançaram altos cargos mandarinais.
- *Lòk hap* 六俠 — o sexto ponto cardeal (N, S, E, W, para cima (zênite) e para baixo (nadir) e centro ⁽¹³⁾).
- *Chat kong* 七宮 — 7 peças do puzzle.
- *Pat sin* 八仙 — 8 Imortais (grupo de 8 gênios taoístas muito populares na China)
- *Kau Cheong* 九祥 — nove comprido — alusão às 6 + 3 pintas de uma carta-dominó. *Kau* é homófono de longo, o que sugere longa vida ⁽¹⁴⁾.
- *Sap chün* 十準 — 10 completos (ou unidos)
- Toi* 对 — punhos opostos.

Este conjunto de expressões é, como pode apreciar-se, muito mais erudito do que as formas populares de Macau e de Hong Kong atrás descritas.

Existem, também, outras fórmulas numéricas, menos conhecidas, que envolvem termos de calão muito grosseiros, próprios dos cules, que os informadores não quiseram repetir. Outras fórmulas, ainda, são improvisadas conforme a inspiração do momento e a maior ou menor erudição de quem se diverte.

O *cháí mui* tornou-se tão popular, em Hong Kong, no século passado e com tão desastrosas conseqüências, que foi necessário ao Governo regulá-lo:

"Every person shall be liable to a penalty not exceeding ten dollars who shall utter shouts or cries or make other noises while playing the game known as *cháí mui* between the hours of 11 p. m. and 6 a. m. within any district or place not permitted by some Regulation of the Governor in council Hong Kong Ordinance no. 2, of. 1872" (15).

Na Europa, foi na Itália que este jogo logrou chegar aos nossos dias, com o nome de *mora*, como herança da velha *micare* da sua Antigüidade Clássica.

O jogo da *mora* adquiriu, aliás, tal popularidade naquele país, que os emigrantes italianos o levaram para o Brasil onde se tem mantido vivo com as suas curiosas variantes.

Como se joga o *mora* no Brasil?

O notável trabalho do investigador catarinense Professor Doralécio Soares descreve exaustivamente, as formas vivas do jogo de *mora* que os emigrantes italianos conservaram no Estado de Santa Catarina.

Basta ler este trabalho publicado em 1986 (16), leitura que se faz com gosto, para se poder avaliar a espantosa evolução que a *mora* sofreu ao longo dos séculos, logrando manter a sua estrutura elementar para o que a forma simples de jogar, conservada na China, serve, a nosso ver, de bom termo de comparação.

Lisboa, Janeiro de 1992

Lisboa, Janeiro de 1992
Medeiros

NOTAS

- (1) — Cf. Ana Maria Amaro — *Jogos e Brinquedos (...)*, I Vol., p. 27 e II Vol. (dact.), p. 287.
- (2) — E. Falkener — *Games ancient and Oriental and how to play them*, Dover Publ. Inc., New York, 1961, Cap. VIII, p. 103.
- (3) — Cit. por Le Bècq de Fouquières — *Les jeux des anciens*, Paris, 1869, p. 290.
- (4) — É de notar que na prática popular de *tirar sortes*, pelos adivinhos chineses, intervém uma curiosa contagem pelos dedos das mãos.
- (5) — Le Bècq de Fouquières, ob. cit., p. 292.
- (6) — Dubois de Maisonneuve — *Introduction à l'étude des vases*, Paris, 1817.
- (7) — Jesuíta português nascido em Niza, diocese de Porto alegre, em 1585. Faleceu em 1658.
- (8) — Pe. A. Semedo — *Relação da Grande Monarquia da China*, trad. de Luís Gonzaga Gomes, Col. "Notícias de Macau", XV, p. 182, Macau, 1956.
- (9) — Em Macau não encontramos, sequer, notícia deste uso. Mas é preciso lembrarmo-nos de que os chineses daquela cidade eram comerciantes, e na sua maioria trabalhadores rurais e artífices e não pessoas de elevada condição social.
- (10) — *As Rotas da Seda*, in "la Chine", Pequim, nº 10, 1985,

FINALMENTE, UM LIVRO QUE FALA DO FOLCLORE EM MINAS

*Domingos Diniz

MARTINS, Saul — O FOLCLORE EM MINAS GERAIS — 2ª edição ampliada e revista — capa e ilustração de Sandra Bianchi — Editora da Universidade de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 1991, 128 p.

No país das Gerais, muitas são as Minas. Minas dos sertões das veredas. Da fluvialidade do São Francisco. Minas das cerâmicas do Jequitinhonha, dos cerrados nas planícies do Triângulo. Dos montes redondos cobertos de cafezais no Sul. Dos picos e vales da Zona da Mata. Minas pastoril, Minas metalúrgica — “coração de ouro em peito de ferro”. — Minas barroca, Minas urbana, Minas indústria.

E nestas Minas, o homem e sua cultura vasta e vária. Cultura que se multiplica e se divide em variantes. A cultura do povo, que não se adquire nas escolas nem nos livros.

É desta cultura que o mestre Saul Martins nos fala neste livro. Com simplicidade de sertanejo das barrancas do “Velho Chico” e experiência de muitos anos de pesquisas e de sala de aula, o autor nos pega pela mão e nos revela o mundo encantado do folclore. Primeiro, faz questão de dizer que não há folclore “de”, mas “em”, pois o folclore é, antes de tudo, universal. Depois nos mostra Minas e suas regiões e sua história, para, em seguida, chegar aos componentes culturais do Folclore. Detém-se na tão discutida “mineiridade”. Com o peso de mais de 40 anos de sala de aula, coloca em propriedade o Folclore na Escola. Com mestria vai desvendando o intrincado e maravilhoso mundo do legado popular. A linguagem, os localismos, as frases feitas, a magia dos mitos, das lendas, dos casos e dos contos, a sabedoria dos provérbios. Fala das danças folclóricas ainda hoje vivas na alma lúdica do povo. Fala das folias de Santos Reis e das congadas, ou reinado de nossa Senhora do Rosário — fortes expressões da cultura afro-brasileira cristalizada na mineração. A religiosidade popular, aquela que não está nos livros litúrgicos das igrejas. Com Saul, penetramos nos caminhos estéticos da arte e artesanato populares. Depois, a culinária e seu tempero de deixar água na boca. O turismo e o folclore — sua relação dialética. O mundo da criança no folclore infantil. Suas brincadeiras, suas cantigas de roda. A gente nunca deixa de ser criança. O esplendor das festas do Divino. As crenças e superstições. A medicina caseira tão útil em qualquer lar. Até o dia da mentira, indo-se fundo às suas origens.

E sendo muitas as Minas, difícil é saber-lhes todas as festas e épocas. Então o autor nos dá o calendário, de janeiro a dezembro, com os dias e locais das

*Presidente da Comissão Mineira de Folclore, reside em Belo Horizonte.

manifestações folclóricas de maior incidência. Destinado a estudiosos e professores, para facilitar as consultas, há o índice analítico e remissivo.

E a artista plástica Sandra Bianchi se junta ao mestre Saul para enriquecer iconograficamente o livro com suas ilustrações. A capa, por exemplo, é um primor, a simbologia da bandeira da Folia do Divino se cristaliza na pomba vermelhinha, o vermelho que nos lembra o sangue, fonte primeira da vida.

Pode-se dizer, sem embargo de erro, que FOLCLORE EM MINAS GERAIS é a medida certa da sistematização das manifestações folclóricas que ocorrem no território mineiro. Por certo, não é uma obra completa onde o assunto se esgota. É um frasco de extratos da cultura do povo que vem pôr termo em tantos equívocos que se vêem por aí nas chamadas pesquisas escolares na área de Folclore. Destina-se a todos os estudantes de 1º e 2º graus, a professores, jornalistas e a quantos se dedicam às pesquisas sobre o assunto.

— É o livro — diz Saul Martins.

Falar do autor aqui em Minas Gerais é chover no molhado, posto que todos o conhecem. Mestre Saul, o guru de nós todos, fundador da Comissão Mineira de Folclore juntamente com o inesquecível Aires da Mata Machado Filho e outros folcloristas.

FOLCLORE EM MINAS GERAIS, editado pela UFMG, foi lançado quarta-feira, dia 27 de novembro p.p., às 20:00h, na Livraria Liber, à Av. do Contorno, 7.461. Em homenagem ao folclorista Saul Martins, o Grupo Folclórico Aruanda apresentou dois números de seu repertório. Obviamente a Dança do São Gonçalo e o Carneiro, lá das barrancas do "Velho Chico".

Transcrito do Boletim da Comissão Mineira de
Folclore — 1991.

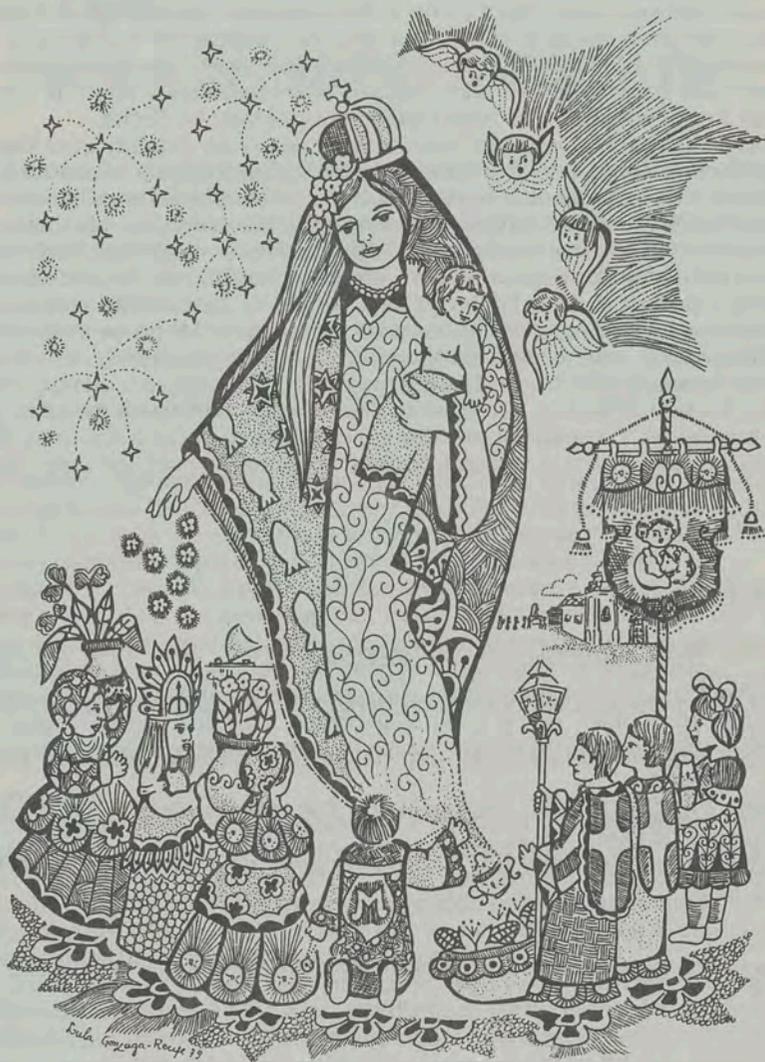
RELIGIÃO E FOLCLORE NO BRASIL

O fenômeno folclórico é extenso. Não é só do mundo rural ou das camadas populares. Não é como muitos pensam, uma oportunidade para o luxo, a erudição ou a busca das origens. Sua existência ocorre em graus diferentes e peculiares nos vários *strata* sociais e além de ter ampla função social toda a sociedade se serve dele de uma forma ou de outra.

No Brasil, folclore e religião caminham constantemente juntos. Um catolicismo tradicional, rural, impregnado de conteúdos e expressões populares existiu e existe no país. A unidade religiosa que se firmou aqui desde o início da colonização condicionou e favoreceu o estabelecimento de um catolicismo como expressão religiosa dominante, inteiramente acomodada e penetrando, com seus valores, todos os setores da vida social. É o catolicismo das festas cíclicas, das homenagens aos santos padroeiros nas principais praças das cidades, dos folguedos, das rezas e das rezadoras, das novenas coletivas, do pieguismo da piedade familiar, das romarias, das devoções e de muitas outras práticas ou expressões religiosas que identificam o nosso calendário folclórico com a própria religião. E apesar das peculiaridades das nossas várias regiões culturais, o mundo rural brasileiro, impregnado desta religiosidade de base católica implantada no país desde o início da colonização como um valor dominante e quase exclusivo é, nitidamente, influenciado por ela em todas as suas manifestações. Notemos no calendário as inúmeras festas religiosas que, conforme as variações locais, têm ampla celebração. No Recife temos as festas de Reis, em 6 de janeiro; a de São Jorge, em 23 de abril; a de N. S^a dos Prazeres, no morro dos Guararapes, entre 22 a 30 de abril; a de N. S^a do Carmo, padroeira da cidade, de 8 a 6 de julho; a festa de N. S^a da Conceição, no alto do mesmo nome, em 8 de dezembro, além de muitas outras manifestações folclóricas ligadas ao calendário religioso como as de São João e São Pedro com fogueiras, danças de quadrilhas, foguetes etc. São todas festas de base religiosa que, pela adesão popular, foram incorporadas ao folclore regional.

Porém, o catolicismo, que era monopólio quase absoluto, vem perdendo terreno na expressão folclórica de muitas de nossas festas religiosas. Já tocado de influências místicas diversas, sem ortodoxismos, com idéias supersticiosas, credências e conceitos mágico-fetichistas africanos, ele próprio condicionou e influenciou o aparecimento de novas expressões religiosas. A festa de Iemanjá, que no Recife corresponde a N. S^a da Conceição, é celebrada em dezembro e tem grande aceitação popular. Iemanjá tem o caráter de grande mãe e de protetora de todos nós. Exemplo típico da fusão e do sincretismo católico-africano na devoção popular, esta festa já está incorporada ao nosso folclore. O mês de dezembro é seu. É o mês dos despachos no mar com os presentes para esta grande rainha que é sempre mercecedora das mais ruidosas homenagens e que recebe seus presentes, geralmente, nas águas do mar.

Como a celebração de Iemanjá, muitas outras festas, outrora observadas



Religião e folclore no Brasil

no recesso discreto do interior dos cultos afro-brasileiros, passaram a tomar parte ativa do folclore de nossas cidades.

São muitos os elementos da tradição religiosa afro-brasileira que foram incorporados ao folclore nacional. — As festas dos gêmeos ibêjes da tradição nagô sincretizados em São Cosme e São Damião, no mês de setembro, se tornou dia das crianças e existe, por isto, distribuição de bombons e outros presentes para os meninos, no seu dia; a festa do inhame, em outubro, marcando o início das festividades do ano religioso afro-brasileiro; a festa de Ogum ou de São Jorge, em abril, é também bastante celebrada no Recife.

Famosíssima é a festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim que, na Bahia, é identificado como Oxalá, o maior dos orixás da tradição iorubana africana, em janeiro de cada ano. É a maior e mais celebrada festa religiosa baiana. Modelo de festa onde se fundem as tradições cristã e africana, ela marca nosso calendário folclórico como uma das maiores festas religiosas brasileiras, só sendo rivalizada, em popularidade, pela festa do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, e pela de N. S.ª da Penha de Irajá, no Rio de Janeiro. Um acontecimento tradicionalíssimo na festa do Senhor do Bonfim, e que é de procedência africana, é a lavagem da nave central da igreja no bairro de Itapagipe, na quinta-feira anterior ao novenário.

Um folclore dinâmico, rico e muito diversificado existe para todas as populações brasileiras. E apesar da vastidão do território nacional e das mais diversas influências que atuam aí, nosso folclore é nitidamente marcado pelo religioso.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1967.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro. Edições de Ouro [s. d.].
- . *Dinâmica do Folclore*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S. A., 1965.
- CÂMARA CASCUDO, Luís. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro. [s. d.].
- MOTA, Roberto. *O Natal nos Cultos Africanos no Recife*. Recife, EMPETUR [s. d.].

Transcrito do Folheto Informativo da Prefeitura Cidade do Recife "FUNDAÇÃO GUARARAPES".

NOTÍCIAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA

Itajaí e Região

MAREJADA SUPERA EXPECTATIVA

Exposição

A Associação de Artistas Plásticos de Itajaí (AAPI) está realizando exposição de artes em espaço reservado junto à Casa Açoriana, no Centro de Promoções Itajaí-Tur. Essa mostra reúne telas de Lindinalva Deolla, Lúcia Mendes, Helda Krause, Marlene Severino, Ivone Dietrich, Nanci Araújo, Benilde Machado, Mara Sperandio, Joel Rocha, Suzete Germani, Terezinha Borba, Edith Mello, Luiz Teodoro e José Eliomar.

Os trabalhos poderão ser vistos e adquiridos pelo público, durante os dias e noites da Festa Portuguesa e do Pescado. Há obras para todos os gostos, desde aquarela até óleos sobre tela, com temas variados: florais, casarios, paisagens, natureza morta e retratos.

Folclore

O folclore regional ganha espaço no Centro de Promoções Itajaí-Tur com a presença do Boi-de-Mamão, da Bernúncia, da Maricota e da bicharada acompanhante. É um show de alegria que todos os dias invade o parque da Marejada e atrai os visitantes, a partir das 21 horas, na Praça do Chafariz.

A platéia é chamada a participar das brincadeiras e a cantar com os artistas que encarnam diversas personagens. Nessa performance, trazido dos Açores e assimilada pelo povo catarinense, vale tudo: puxar a cauda do boi, levar chifrada, se agarrar ao vestido da Maricota e fazer girar a Bernúncia.

Quem mais se diverte é a garotada, que acompanha também os movimentos dos outros bichos. A festa é patrocinada pelo grupo "Unidos da Paciência", que resgata as tradições açorianas e leva ao interior do Centro muita animação.

Casa Açoriana

Uma das novidades da Marejada para este ano é a Casa Açoriana, criada especialmente para marcar homenagem à cultura dos Açores, região de onde vieram os primeiros colonizadores de Itajaí. Este ambiente resgata as tradições dos homens do mar que ficaram por quase todo o litoral catarinense, fundando cidades que até hoje conservam sinais de sua colonização na arquitetura, nos costumes de seus habitantes e na gastronomia.

A Casa Açoriana abriga uma petiscaria, que serve basicamente frutos do mar (peixes, camarões e mariscos) em diversas composições, e tem animação patrocinada por músicos e cantores regionais. Nela apresentam-se diariamente, a partir das 21 horas, talentos itajaienses, como Carlinhos Nichues, André Veríssimo, Beto e Luiz.

Atendimento

O BESC — Banco do Estado de Santa Catarina — está, como nas edições anteriores, presente na 6ª Festa Portuguesa e do Pescado. Com equipe composta por 22 funcionários manterá durante os dezessete dias de festejo um posto

bancário junto ao Pavilhão das Feiras. No local podem ser promovidas trocas de cheques, mediante apresentação de documentos de identidade e cartões de cliente BESC.

Além de prestar tal serviço, a empresa patrocina toda a sonorização da Marejada/92 e opera os guichês de atendimento ao público interessado na aquisição de tickets de bebidas e pratos típicos.

Petiscarias

Mais de 120 tipos de petiscos são servidos no Centro de Promoções Itajaí-Tur por doze quiosques montados em toda a extensão do Parque da Marejada. A diversidade de quitutes costuma atrair os visitantes que não resistem ao vasto cardápio, composto por mariscos à vinagrete, peixe frito, camarões, ova de peixe frita, empadas, pastéis e risoles.

As opções gastronômicas são muitas, incluindo também cachorro-quente, doces e tortas, chocolates e pipocas. Os fumantes não são esquecidos e podem encontrar cigarros em algumas petiscarias. Alternativas sobram tanto para adultos quanto para crianças que buscam guloseimas.

O esquema de comercialização é explorado por doze entidades assistenciais e beneficentes do município. Envolvem-se com as atividades a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Associação Coral Villa-Lobos, Rede Feminina de Combate ao Câncer, Comissão Municipal do Bem-estar do Menor de Itajaí (COMBEMI), Lar Fabiano de Cristo, Rotary Clube Porta do Vale, Parque Dom Bosco e Lions Clubes Centro, Sul, Praia e Verde Vale. Também participa o Pontinho do Café.

Os preços de petiscos variam de acordo com o tamanho, a espécie e a matéria-prima utilizada para sua confecção, oscilando entre dois e cinco mil cruzeiros. Vale informar que os quiosques estarão funcionando durante todos os dias da Festa Portuguesa e do Pescado.

Coreto da Maré

Uma outra nova opção criada na Marejada é o Coreto da Maré, que evidencia a descontração e o som do pagode, realizado pelo grupo "Mania da Gente", de Itajaí. O local fica estrategicamente colocado entre a choparia externa da Brahma e o Pavilhão das Feiras.

Todos os dias, às 20 horas, a equipe de músicos formada por Robson no reco-reco, Lelo no repique de mão, Dero no pandeiro, Ci na tumba 1, Nei na tumba 2, Rodrigo no cavaco e Beto no apoio, se apresenta sob o patrocínio da empresa Carpepiso.

Gincana

Estudantes de Itajaí estão envolvidos na primeira Gincana da Marejada, promovida pela Associação Carnavalesca Banda do Elefante, com apoio da comissão organizadora da 6ª Festa Portuguesa e do Pescado. As atividades se desenvolvem durante os sábados e domingos de festejo, com participação de 16 equipes compostas por alunos de 1º grau a nível superior.

A gincana acontece em etapas eliminatórias e inclui tarefas de cunho artístico e cultural, como danças, cantos e declamações, que homenageiam as raízes do povo itajaíense. O grupo vencedor será premiado com pagamento de uma viagem ao Rio de Janeiro ou outro lugar, de preferência dos primeiros colocados.

(Transcrito do jornal O Estado de 24/outubro/92.)

Tubarão, SC, 1992

Willy Zumblik, o pintor das Bandeiras do Divino, realizou mais uma exposição na Capital Catarinense. Assim se expressou Remacio Fischer no início da apresentação de Willy. O MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA/PALÁCIO CRUZ E SOUSA, com o apoio do Rotary Club de Florianópolis, teve a feliz idéia de oferecer à sociedade de Florianópolis uma exposição dos trabalhos do artista plástico catarinense Willy Zumblik, orgulho de sua terra, Tubarão. (Prossegue).

A exposição aconteceu no dia 13 de agosto de 92.

Nessa exposição, Willy prestou uma HOMENAGEM PÓSTUMA ao pintor florianopolitano ACARY MARGARIDA, cujo texto transcrevemos:

Homenagem Póstuma

Não foi difícil compreender o artista plástico Acary Margarida quando nos encontramos pela primeira vez. Era um dia de muita festa para ele, pois estavam presentes à sua exposição o Estadista e Governador Nereu Ramos, com ele, seus auxiliares de gabinete. A banda da Polícia Militar, garbosa com seus uniformes de gala prestigiavam o artista. Eu fazia parte daquele povo que aguardava o momento de aplaudi-lo. Acary e seu estilo de pintura sempre foram autênticos. Era um nativo ilhéu que reproduzia em cores tênues seus mares, suas praias, gaivotas, suas montanhas azuis que ainda hoje embelezam e contornam a ilha da fantasia. Acary tinha uma habilidade incrível de fazer inveja. Montava uma exposição de seus quadros em menos de uma semana de trabalho. Fazia uma pintura simples, por contingência afetiva familiar. Acary, pai de uma numerosa prole, netos e bisnetos obrigavam-no a produzir muito. Sua paixão maior era o carnaval. Ali, estava o Cacique da tribo, o idealizador, o executor dos carros de mutação. Abaités, laminados, brocados, serpentinas e confetes. Meninas-moças ensaiadas rigorosamente demonstrando alegria soltavam beijinhos e adeus ao povo. Acary era o electricista, o maquinista que movimentava e dava vida aos carros no desfile. Acary foi o cometa luminoso que muitas vezes circulou por toda ilha. Não fugindo à regra, de que o bom um dia tem o seu fim, Acary, na sua trajetória final, desapareceu entre as galáxias do nosso firmamento. Possivelmente o pintor Acary jamais terá uma praça ou mesmo uma avenida asfaltada com o seu nome. . . Não tem importância, meu inesquecível colega. As grandes honras muitas vezes não são ofertadas àqueles que as merecem. Fizestes o possível e o impossível para que teu nome fosse gravado nos corações da tua gente.

Esta exposição que realizo leva o teu nome.

É a prova de que não estás esquecido por aqueles que se fizeram teus amigos."

Zumblik

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar os ilustres acadêmicos, familiares, amigos e admiradores dos acadêmicos OTHON D'EÇA, ALTINO FLORES e BARREIROS FILHO para a sessão comemorativa ao centenário de seus nascimentos. Data: 16 de abril de 1992.

Paschoal Apóstolo Pítsica
Presidente

OTHON da Gama Lobo D'EÇA nasceu em Florianópolis, a 3 de agosto de 1892. *"Foi a mais curiosa figura da geração literária que sucedeu à de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Distinguiu-se pelo talento e pela cultura. Prosador e poeta por sublimada vocação, pintor e músico por discreto diletantismo, amou as munificências do Criador e suavizou as durezas do mundo: a claridade das estrelas, o aroma das flores, o sorriso das crianças, o fulvo arrebol vespertino, as crespas espumas do mar, desse mesmo mar que tão sentidamente murmura nas páginas do seu livro HOMENS E ALGAS"*, como afirmou Altino Flores, quando levou o adeus da Academia à beira de sua sepultura, em 7 de fevereiro de 1965. Foi o poeta, cronista, memorialista e homem de letras que soube, com graça, beleza, sabedoria e cultura, engrandecer as letras catarinenses. Assumiu a presidência da ACL em 1945, sucedendo a Ivo D'Aquino, eleito Deputado Federal Constituinte e permaneceu na presidência por vinte anos, até falecer. Publicou CINZA E BRUMA (poesia), em 1918; AOS ESPANHÓIS CONFINANTES (crônicas de viagem), em 1929; HOMENS E ALGAS (crônicas marinhistas), em 1957; NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO (impressões de viagem), em 1959 e VINDITA BRABA (novela regionalista), em 1923.

ALTINO Corsino da Silva FLORES nasceu em Capoeiras, quando ainda pertencia ao município de São José, a 4 de fevereiro de 1892. *"Sua obra literária tem aquela unidade que flui de um pensamento seguro e de uma plasticidade quente e aveludada: tem uma linguagem cheia, lapidada, com facetas irisadas, de tons sonoros, que dão às idéias aquele colorido resplandecente e musicalidade das refrações à luz"*, como a ele se referiu, certa ocasião, Othon D'Eça. Publicou PELA MEMÓRIA DE RENAN, em 1923; NO MUNDO DAS COISAS PEQUENINHAS, em 1924; GOETHE (OS NOVOS E OS VELHOS), em 1949; DO SONHO À MISÉRIA E MORTE, em 1970; ESBOÇO DA EVOLUÇÃO DAS LETRAS EM SANTA CATARINA, em 1940. Imortalizou-se como um purista da língua, pois soube defendê-la com extrema dedicação e carinho. A perfeição foi sempre uma constante em suas produções literárias. Polemista combativo, exerceu a crítica literária com coragem e erudição, esgrimando com seus contendedores, em defesa de suas idéias e pensamento, com elegância e competência. Ensaísta e estilista, faleceu em 19 de outubro de 1983, em Florianópolis.

Francisco BARREIROS FILHO nasceu em Tubarão, a 28 de setembro de 1891 e foi cunhado de Altino Flores. Sobre ele disse Nereu Corrêa: *"No combate não usava armadura pesada, nem tacape de bárbaro ou peixeira do nordestino. O seu instrumento de guerra era um florete esculpido por um artista da Renascença, com cabo de ouro e incrustações de brilhantes. Na prosa ou no verso, a sua dicção é perfeita, revelando o escritor no apuro da linguagem e o jornalista destro no pensamento e ágil na réplica."* Foi o cronista de estilo luminoso que publicou expressivas crônicas que retratam a alma, o coração e o talento da gente catarinense; foi o poeta parnasiano que nos legou sonetos impecáveis

e belos. Profundo conhecedor da língua portuguesa, fez da sua defesa verdadeiro sacerdócio. Faleceu em Florianópolis, em 4 de outubro de 1977, deixando esparsa em jornais e revistas a sua produção literária. Liberato Bittencourt disse que Barreiros Filho "é desses espíritos que tentam pôr a mão no coração do universo para poder tomar com segurança o pulso da natureza".

Florianópolis, SC

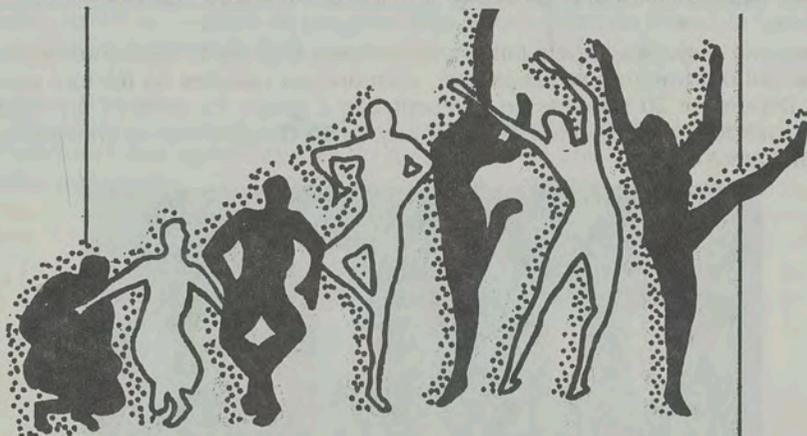


Colégio Coração de Jesus

**V FESTIVAL DE DANÇA
CENTRO INTEGRADO
DE CULTURA - CIC**

27 e 28 DE NOVEMBRO DE 1991

NOITE DOS SONHOS



SESC DIVULGA TRADIÇÕES EM "TARDE DO FOLCLORE"

Florianópolis, SC, 1991

Cheia de cores e sons, a praça Tancredo Neves viveu a "Tarde do Folclore" uma promoção do Sesc de Florianópolis que já há cinco anos, no Dia Mundial do Folclore, vem divulgando na cidade, as diversas tradições açorianas e brasileiras.

"Agosto é o mês das tradições, do nosso "maneirismo", explicava o médico comunitário e pesquisador do folclore ilhéu há mais de 20 anos, do médico Waldemar Joaquim da Silva Neto, lembrando que a própria tradição considera agosto "o mês do cachorro louco".

A manifestação folclórica, segundo Waldemar, se encontra "não apenas nas danças e cantos, mas também nas crenças que cada povo tem para enfrentar a adversidade". Este é o caso, por exemplo, do cachorro louco. Como é comum aos cães entrarem no cio e se tornarem agressivos nesta época, o povo se defende dizendo que o mês "é de cachorro louco", diz Waldemar. Acreditando piamente nas tradições que estuda e divulga, Waldemar carrega sempre um dente de alho no bolso "para evitar mau-olhado".

Alegres manifestações

Enquanto Waldemar "gravava para estudos" as apresentações, alunos de diversas escolas do centro da cidade, se divertiam assistindo aos grupos folclóricos.

Bastante prejudicado pela falta de microfones, o grupo de idosos do Ribeirão da Ilha foi o primeiro a se apresentar, com antigas canções do folclore português. Depois de 20 minutos de apresentação o grupo foi embora um pouco decepcionado, porque o som de suas vozes não chegava até as crianças que os assistiam.



"É difícil conciliar tudo", explicava Verônica dos Santos, que coordenava as apresentações, referindo-se à falha no sistema de som. Segundo ela, a promoção do Sesc envolveu muito esforço dos recreacionistas daquela entidade. "Nossa idéia foi fazer um bom trabalho, embora sem dinheiro", diz.

Logo a seguir, o grupo de mulheres "Na Terceira Idade", do Sesc, apresentou uma série de danças portuguesas. As danças, com letras humoradamente maliciosas, bem ao gosto português, alegraram o ambiente. Para isto contribuíram os trajes vermelho e branco das mulheres, que refletiam a luminosidade do sol de inverno.

Mas a atração maior ficou com o contraste do folclore baiano, apresentado pelos alunos da Escola Dinâmica. Com uma apresentação da dança "maculelê" e de outra de capoeira, o grupo, com apenas uma menina, mereceu muitos aplausos. "O maculelê e a capoeira são danças que, na verdade, expressam um ataque e uma defesa. Por isto, poucas mulheres participam" explica o professor de Educação Física e capoeirista Calunga. Ele, no entanto, considera isto como "preconceito", e por isto, introduziu na apresentação o canto "Salomé, Salomé, capoeira é pra homem e também pra mulher". Para Calunga, "ainda é preciso muita evolução cultural, para que as mulheres possam expressar — mesmo que seja através de dança — o lado agressivo de suas emoções".

Joinville, SC

Noite do Folclore no Sesc reunirá danças e fotos

O Centro de Atividades do Serviço Social do Comércio (Sesc) de Joinville promoveu a "Noite do Folclore". Com entrada franca, o público assistiu a apresentações, a partir das 20 horas, de vários grupos na quadra do ginásio do órgão, na rua Aubeh, Centro.

Paralelamente a essa promoção, o Sesc promoveu uma exposição de fotos, documentos e objetos característicos de diversas manifestações folclóricas. A exposição foi um trabalho de pesquisa feita pelos alunos do 3º ano da Faculdade de Educação Artística da Furj.

Tipos de Danças

Exprimindo o caráter particular de um povo, através dos tempos, a "Noite do Folclore" teve apresentações do grupo Raio de Sol, com danças polonesa, alemã, portuguesa e "pot-pourri" de clássicos europeus.

Noticiário

CULTURA AÇORIANA REVISTA NA IV SEMANA DE ESTUDOS

Começou ontem e vai até quinta-feira a IV Semana de Estudos Açorianos no auditório da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O encontro é promovido pela UFSC, Universidade dos Açores, Museu Universitário e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Ontem pela manhã, aconteceu a abertura solene, seguida da conferência do vice-reitor da Universidade dos Açores, José Martins Garcia, que falou sobre o tema "As Ficções de Antero de Quental".

No hall da reitoria, vários estudantes visitaram as exposições fotográficas, retratando Florianópolis no início do século, aspectos da Ilha de Santa Catarina e o arquipélago dos Açores. Os organizadores do encontro esperam resgatar as origens e tradições da cultura açoriana, como legado para futuras gerações.

O presidente da Comissão Catarinense de Folclore, Doralécio Soares, qualificou o evento como fundamental para debater as tradições açorianas. "É muito importante que o povo catarinense se volte para a sua cultura, sob pena de Santa Catarina se transformar num apêndice da cultura popular gaúcha."

O Estado 28/04/92

Noticiário

PORTARIA DA SSP COÍBE ABUSOS AOS ANIMAIS DURANTE A FARRA-DO-BOI

O secretário da Segurança Pública, coronel Sidney Pacheco, baixou Portaria para coibir abusos durante a tradicional e controvertida "farra-do-boi", que voltará a acontecer nos próximos dias em todo o litoral catarinense, dentro das comemorações da Semana Santa. A Portaria 456/92 da SSP determina os procedimentos a serem adotados pelas polícias Civil e Militar, tendo como referência um estudo sócio-cultural das populações envolvidas com a farra, que deve ser encarada como uma manifestação folclórica do povo de Santa Catarina, desde que realizada sem violência.

Como qualquer tipo de violência será vista como descaracterização da tradição açoriana, a SSP prevê punição em casos de agressões contra animais, pessoas ou propriedades. Também não será permitida a ingerência de pessoas estranhas à atividade policial tentando reprimir a manifestação. Os organizadores foram alertados que serão responsabilizados criminalmente pelos excessos que possam ocorrer.

Os policiais escalados para a "Operação Farra-do-Boi" estão sendo orientados a atuarem em flagrante apenas os farristas que estiverem portando qualquer tipo de arma ou instrumentos que possam ser utilizados como tal. Serão designados um delegado de polícia e um oficial superior da PM que percorrerão todas as áreas onde acontecerá a farra. O objetivo da visita será o de alertar as lideranças comunitárias sobre os procedimentos preventivos adotados pela SSP.

Apesar das medidas preventivas, os efetivos policiais dos municípios com tradição em farra-do-boi permanecerão em prontidão, em condições de atuarem mediante ordens superiores. A farra acontece sempre em várias regiões de Florianópolis, São José, Tijucas, Paulo Lopes, Balneário Camboriú, Camboriú, Itapema, Santo Amaro da Imperatriz, Biguaçu, Palhoça, Navegantes, Araquari, Penha, Piçarras, Garopaba, Barra Velha, Porto Belo, Itajaí, Governador Celso Ramos, São Francisco do Sul, Antônio Carlos e Garuva.

Transcrito de O Estado de 15/04/92

Florianópolis, SC, 1991

A Fundação Catarinense de Cultura promoveu o lançamento do livro de Salim Miguel — LITERATURA E COERÊNCIA, volume de ensaios organizado pelo escritor Iaponan Soares, publicado pela Editora Lunardelli. Na oportunidade, Salim Miguel autografou seus livros: *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta, romance*, Editora Tchê/RS; *As areias do tempo*, contos, Global Editora/SP; *O castelo de Frankstein* — anotações sobre autores e livros — volume 2, Editora da UFSC/Lunardelli/SC. Aconteceu no Restaurante REÇAKA, na avenida Rubens de Arruda Ramos, em 12.11.91.

Florianópolis, SC, 1992

"AS DUAS MORTES DE CRISPIM MIRA"

De autoria de Francisco José Pereira, numa edição da Editora Lunardelli, em co-edição com a Fundação Catarinense de Cultura, foi lançado a 19.11.91 na galeria de Arte do Palácio Barriga-Verde, as DUAS MORTES DE CRISPIM MIRA. Presentes ao ato estiveram elevado número de intelectuais da Capital Catarinense adquirindo a obra autografada do autor.

Blumenau, SC, 1992

A Comissão registra o recebimento de Blumenau em Cadernos, publicação valiosa editada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", organização cultural do importante município catarinense. Blumenau em Cadernos é editado sob a direção do jornalista e escritor José Gonçalves.

Blumenau, SC, 1992

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" e a autora Edeltrame Zimmermann Fonseca promoveram o lançamento do livro INDAIAL, CIDADE DAS FLORES. O festivo lançamento foi acompanhado por queijos e vinhos, dando "maior calor ao evento cultural", ocorrido no Indaial Palace Hotel.

Balneário Camboriú, SC, 1992

Estudantes abrem o FESTIVAL DO FOLCLORE. Em Balneário Camboriú, foi realizado o II Festival de Folclore no Ginásio de Esportes Irineu Bornhausen,

numa promoção do prefeito Leonel Pavan, constante do projeto "Ano de Incentivo à Cultura". A festa contou com apresentações de "boi-de-mamão"; "terno de reis", "desafios entre violeiros", contando ainda com a participação de alunos da rede municipal de ensino. A noite foi abrilhantada por grupos folclóricos de várias etnias da colonização catarinense. Registra-se a presença do grupo ítalo-brasileiro de Nova Veneza, "Margenstrahel" de Jaraguá do Sul, com apresentação de 13 casais com seus trajes típicos da região do Vale de Lecht Tirol da Áustria. O Grupo "Roda Mundo" formado por 19 bailarinos, 11 dos quais, vindos de Porto Velho, se apresentou num show, representando a cultura indígena. Foi um acontecimento marcante na vida cultural do município, cujo prefeito, valorizando a nossa tradição, vem ao encontro dos reais valores culturais de Santa Catarina. A Comissão Catarinense de Folclore, registrando em seu Boletim o acontecimento, o faz louvando a importante iniciativa do ilustre Prefeito de Balneário Camboriú.

Florianópolis, SC, 1992

A Associação Catarinense de Artistas Plásticos — ACAP, promoveu a exposição individual dos artistas Maria Celeste, Tercila e Campos Júnior. Aconteceu a 19 de agosto de 92, na sede da ACAP na Casa da Alfândega, à rua Conselheiro Mafra.

Florianópolis, SC, 1991

Do Presidente da Academia Catarinense de Letras, escritor Paschoal Apóstolo Pítsica, a Comissão Catarinense de Folclore registra em seu Boletim o recebimento do convite para a posse da escritora LEATRICE MOELMANN PAGANI na Cadeira n.º 7. A nova acadêmica foi saudada por Sílvia Amélia Carneiro da Cunha. A solenidade aconteceu no dia 13 de dezembro de 1991.

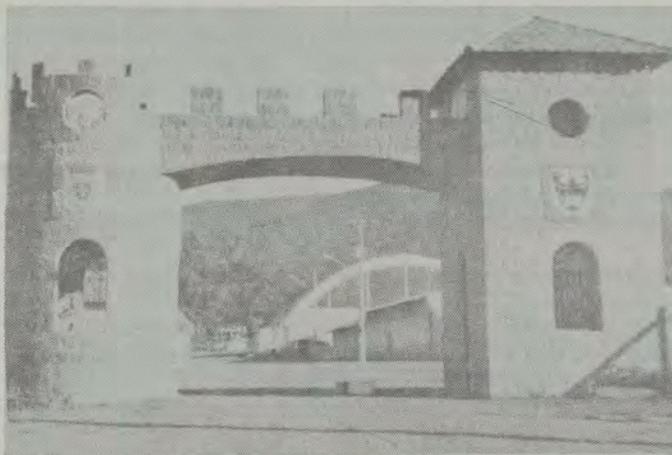
Florianópolis, SC, 1991

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS lança a sua ANTOLOGIA no auditório do Palácio Cruz e Sousa no dia 21 de junho — Dia Nacional das Academias de Letras. Na oportunidade o acadêmico Lauro Junkes lançou o livro LUÍS DELFINO "Os Melhores Poemas", edição da Editora Globo, com a participação da ACADEMIA CATARINENSE, e apoio da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte de Santa Catarina.

Florianópolis, SC, 1991

A ASSOCIAÇÃO DOS TÉCNICOS DE TURISMO DE SANTA CATARINA enviou Convite a Doralécio Soares, para participar do I ENCONTRO CATARINENSE DE FOLCLORE, na condição de palestrante, no dia 22 de agosto de 1991. Dia Internacional do Folclore, com o tema O FOLCLORE CATARINENSE. O Encontro deu-se no auditório do Colégio Aroldo Soares Glavan em Florianópolis.

Após a abertura do encontro, pelo Presidente da ATTUSC, foi por Doralécio Soares proferida a palestra, dissertando sobre o Folclore de Santa Catarina. Do programa constou as palestras: FOLCLORE ALEMÃO, pela Dr.ª Sueli M. V. Petry; FOLCLORE ITALIANO, pelo Dr. Newton Rech Bortolotto; FOLCLORE TIROLÊS, pelo Dr. Werner Thaler; FOLCLORE AÇORIANO, pelo Prof. Nereu do Vale Pereira; FOLCLORE POLONÊS, pelo Dr. Celso Sluminsky e finalmente RELIGIOSIDADE E BRUXARIAS, pelo folclorista Prof. Gelcy José Coelho (Peninha).



Portal — Vila Italiana

Rodeio, SC, 1991

LA SAGRA é uma Festa Típica Italiana realizada anualmente pela comunidade italiana na cidade de Rodeio em Santa Catarina.

São apresentações artísticas de grupos folclóricos de Canto e Dança, bailes tradicionais com Orquestras, Bandas e Conjuntos vindos de Joinville, Jaraguá do Sul, Blumenau e São Paulo. Comidas típicas: as famosas massas de Rodeio, carnes, saladas, pizzas, churrasco, pastéis, bolos e tortas e doces os mais variados, bebidas típicas, vinhos de colono de qualidade, artesanatos, "Ricordi" de Rodeio. Rainha da SAGRA e "Ragazzas".

Exposição Industrial e Agrícola e as apresentações do Grupo Ítalo-Folclórico de Rodeio, além de muitas outras atrações. É uma festa digna da comunidade italiana, sendo a sua principal atração a fartura das comidas típicas. É realmente uma semana das mais atrativas, onde o visitante pode programar uma boa estada.

São Francisco do Sul, SC

A ILHA DE SÃO FRANCISCO DO SUL vem realizando anualmente a sua já consagrada FESTILHA, "Festa de Tradições da Ilha". Vale a pena dar uma chegada até lá. A mesma se realiza anualmente no mês de abril.

Florianópolis, SC, 1991

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE SANTA CATARINA, de Victor Antônio Peluso Júnior, foi a obra lançada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura, em novembro de 1991, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.

Palhoça, SC, 1991

De Vanilda Tenfen Ferreira Macedo, professora de Educação Artística, Psicologia e Fundamentos na Educação, pela UDESC, recebemos QUADRINHAS, pesquisa, recolhimentos de Quadrinhas, no meio rural. Assim se manifestou sobre o seu trabalho, Claudir Silveira, Secretário de Cultura, Esporte e Turismo de Palhoça:

"Excelente trabalho o da Vanilda. Lecionando no meio rural transmitia a seus alunos os conhecimentos preconizados pela educação acadêmica. Insatisfeita com o baixo rendimento dos alunos, nas horas vagas fazia pesquisas, chegando a conclusão que as causas do pouco rendimento devia-se ao fato dos conteúdos ensinados serem estranhos aos educandos.

Fez nova e exaustiva pesquisa do universo que lecionava e descobriu um rico material cultural espontâneo de natureza folclórica (usos, costumes, sabenças etc.) usado por aquela gente simples.

Partindo da sua pesquisa reformulou os conteúdos e o rendimento foi satisfatório.

Que belo trabalho de interação onde o professor antes de ensinar aprende e se integra ao meio.

Quadrinhas é um dos trabalhos realizados nas pesquisas da Vanilda.

Todos os temas da sabedoria popular estão aí registrados: amor, medicina, religião e outras vivências.

Parabéns Vanilda. O teu trabalho merece uma reflexão mais profunda por parte dos educadores".



I FESTIVAL NACIONAL DA MÚSICA

5 A 12

DEZEMBRO 1991
ILHA DE
SANTA CATARINA

Promoção:

PREFEITURA MUNICIPAL
DE FLORIANÓPOLIS



FUNDAÇÃO
FRANKLIN CASCAES

Florianópolis, SC, 1991

I FESTIVAL NACIONAL DE MÚSICA em Florianópolis numa proposta da FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES.

FESTIVAL NACIONAL

Numa programação de oito dias, a Fundação Franklin Cascaes realizou o I Festival Nacional da Música. Participaram: Orquestra Municipal de Florianópolis, Músicos do Festival, Camerata do Choro, Coral Santa Cecília, Ballet da Academia Albertina Ganzo, Recital de Violão e Piano, Piano a quatro mãos, Clarinete e Piano, Canto e Piano, Grupos de Câmara do Festival, havendo um Concerto de Encerramento. PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: Bandas da AERONÁUTICA e POLÍCIA MILITAR.

Direção Artística de Adelaide Moritz. Comissão Artística: Paulo Bosisto Ernani Aguiar, Leo Soares, Luiz Henrique Senise. Coordenação Geral: Carlos Alberto Angioletti Vieira, da Comissão Catarinense de Folclore.

Florianópolis, SC, 1992

O Prof. Doutor Luís Carlos Halfpap, Diretor do Museu de Antropologia da UFSC, expediu convites para a IV SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS, de 27 a 30 de abril de 1992, no auditório da Reitoria da UFSC.

O evento foi promovido pela UFSC, Universidade dos Açores, Museu Universitário, Instituto Histórico e Geográfico de SC e Co-Promoção do Governo Autônomo dos Açores.

APOIO: Coordenadoria de Apoio a Eventos. Departamento Artístico Cultural e Escritório de Assuntos Internacionais — FAPEU.

Com uma programação extensa, destacamos a participação de alguns membros da Comissão Catarinense de Folclore: Prof. Nereu do Vale Pereira, com o tema "A Lancha Baleeira: Vida e Morte". Doralécio Soares, com o tema "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". O Prof. Walter Fernando Piazza destacou em Conferência "O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina", "O povoamento Açoriano no Brasil Meridional" e "Açorianidade de um escritor brasileiro", além de coordenar debates. A Professora Lélia Pereira Nunes da Silva, com o tema "Um Estudo em Santa Catarina". A Prof. Eliane Bahia, da UFSC, destacou "Afirmação de Açorianidade" no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

A programação cultural foi extensa, com apresentações de grupos folclóricos, além de passeios a pontos de valores culturais da ilha catarinense.

Florianópolis, SC, 1992

Pelo Governador do Estado Eng. Vilson Kleinübing, foi lançado o livro *Santa Catarina* no dia 04 de novembro no Palácio Cruz e Sousa. O acontecimento teve a presença de grande público prestigiando o ato de lançamento da obra divulgadora das belezas geográficas do Estado, destacando os setores viário, agrícola, pecuário e cultural de Santa Catarina. Registrando o ato em seu Boletim, o Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, agradece o Convite.

Florianópolis, SC, 1992

O Palácio Cruz e Sousa foi alvo do lançamento do livro de contos *O TAMBOR de Herculano Farias*, lançado pela Editora Thesaurus, no dia 22/10. O evento contou com o apoio do Bar de la Púrpura.

Florianópolis, SC, 1992

O Banco do Brasil — Agência Centro de Florianópolis, no seu "Espaço Cultural", expôs as esculturas artísticas e funcionais de Sérgio Kantor, de 14 de setembro a 2 de outubro de 1992. O Espaço Cultural do Banco do Brasil está situado no térreo do seu edifício à Praça XV de Novembro, centro de Florianópolis.

Florianópolis, SC, 1992

O Espaço Cultural do Banco do Brasil, na sua Agência Central, foi ocupado pelo artesão ceramista Onildo Ricardo dos Santos, que juntamente com a sua esposa Etelvina Rosa dos Santos, demonstraram em várias semanas as suas habilidades, ele de mestre modelador no torno de pedal, fazendo surgir de suas hábeis mãos como por encanto as mais variadas peças da cerâmica utilitária doméstica. Já a sua esposa Etelvina dedicava-se à cerâmica figurativa, modelando as figuras do folgado do boi-de-mamão, pau-de-fita, além de figuras diversas do artesanato ceramista de Santa Catarina.

Louvável, portanto, a iniciativa do Banco do Brasil da Capital Catarinense, fazendo chegar ao seu público um dos importantes aspectos da nossa cultura popular. O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, registrando-o, o faz prazerosamente.



Onildo Ricardo dos Santos



Etelvina Rosa dos Santos

Florianópolis, SC, 1992

Associação Metodista de Ação Social de Florianópolis — AMAS.

Essa Associação mantenedora do "Centro Vivencial para Pessoas Idosas", localizada no bairro de Itacorubi, promoveu no Teatro Álvaro de Carvalho, em comemoração aos seus 5 anos de apoio à terceira idade, um concerto de aniversário no dia 4 de junho de 1992.

Contou com a participação do Coral da UDESC, no primeiro programa, tendo como destaque na 1ª parte a soprano Rute Ferreira Gebler, que com sua maravilhosa voz encantou a seleta platéia. Ao piano Maria Bernadete Castelan Póvoas e a regência do maestro Carlos Besen.

A segunda parte do programa esteve a cargo da "Camerata do Choro", conjunto musical formado por instrumentalistas experientes na interpretação do chorinho que é a excelência da arte instrumental da música brasileira. Conjunto este sob a regência do maestro Carlos Alberto Angioletti Vieira, florianopolitano, que além da Camerata do Choro, dirige também a Camerata Arcos e Orquestra Jovem de Florianópolis. Carlos Alberto é um músico participativo e atuante. É o introdutor do reconhecido Método SUZUKI em nosso Estado.

Foi uma noite de gala, considerando-se o aspecto cultural do encontro musical.

A Comissão Catarinense de Folclore, ao registrar o acontecimento em seu Boletim, leva aos seus promotores cumprimentos pelo importante evento.

Florianópolis, SC, 1992

Academia Catarinense de Letras

URDA ALICE KLUEGER é a nova integrante da Academia Catarinense de Letras, ocupando a Cadeira nº 2, cujo patrono é Antero dos Reis Dutra.

Foi uma solenidade brilhante ocorrida no Teatro Álvaro de Carvalho na noite de 24 de junho de 1992, com apresentação da escritora e poetisa, por Licurgo da Costa. Natural de Blumenau, a nova integrante da Academia Catarinense de Letras desde 1978 vem enriquecendo a literatura catarinense com suas obras.

Florianópolis, SC, 1991

RENDAS E RENDEIRAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

É um trabalho de pesquisa de Doralécio Soares realizado na Ilha de Santa Catarina, focalizando o "Artesanato de Tradição", desenvolvido por corporações de rendeiras na Ilha.

Eis algumas apreciações sobre a obra, editada sob os auspícios do Governo do Estado, após a aprovação do Conselho Estadual de Cultura.

Belo Horizonte, 1988

Do escritor folclorista, antropólogo Saul Martins: Acuso o recebimento de "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina", edição magnífica, assim como você sabe fazer.

Orgulho-me de possuir agora 5 livros seus: "Aspectos do Folclore Catarinense", "Do Artesanato e a sua Proteção", "Folclore Brasileiro", "Santa Catarina — Boi-de-Mamão", e agora "Rendas e Rendeiras".

Além de suas obras, orgulho-me possuir a leal amizade do obreiro.

Fraternalmente, Saul Martins.

São Paulo, SP, 1988

Da escritora e folclorista, Dr.^a Maria Amélia Corrêa Giffoni.

Perdoe-me por não ter acusado o recebimento de "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". Li-o com grande interesse. Trabalho cuidadoso, completo, rico em informações e detalhes. A variedade de amostras, a documentação fotográfica, o número de rendeiras visitadas, a apresentação histórica e comparativa, valorizam em muito a publicação. Os cantos ligados ao trabalho são outro aspecto importante e quase desconhecido.

O seu trabalho valoriza e evidencia as nossas rendas e rendeiras, ambas apaixonantes. Seu livro traz evocações muito agradáveis.

Recife, PE, 1988

Do escritor pernambucano Alcides Nicéas.

Uma beleza o seu trabalho "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". Esse tipo de divulgação, você o faz com sabedoria e talento, recria em nós ânimo pelas coisas do Folclore.

Parabéns e muito obrigado pelo exemplar enviado.

Porto Alegre, RS, 1988

Do Prof. Dr. Dante de Laytano

Ao Doralécio.

Recebi valorizado, aliás, com uma gentil dedicatória o seu importante livro **RENDAS E RENDEIRAS DA ILHA DE SANTA CATARINA**, pesquisa bem feita, original, rica num levantamento de muito valor. Documenta-se um estágio folclórico primoroso. Abraços do seu leitor Dante de Laytano.

Rio de Janeiro, RJ, 1988

Da escritora Durvalina Santos.

Prezado Doralécio.

Recebi com alegria o seu maravilhoso livro "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". É um livro completo, escrito de várias pesquisas que você fez, das quais nada faltou. Há nomes de rendas que eu nunca tinha ouvido falar. O livro tem de tudo sobre rendas, e algumas amostras pode-se até passar para o crochê. Dou-lhe meus parabéns e sinceros agradecimentos. Já li quase todas as páginas e cada uma é diferente em estilo. Até música tem com nome de renda, é uma obra espetacular. Mais uma vez meus parabéns.

Durvalina Santos.

Rio de Janeiro, RJ, 1988

Da Professora Dulce Lamas.

Agradeço a sua obra "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". É uma contribuição valiosa na divulgação do artesanato catarinense.

Meus parabéns, Dulce Lamas.

Belém, Pará, 1988

Do professor Emérito da Universidade do Pará, Napoleão Figueredo (falecido).

Agradeço o seu livro "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina", precioso documentário e instrumento de trabalho para o estudo desse importante artesanato popular brasileiro. Trabalho desse tipo que resgata a memória cultural

brasileira são necessários e fundamentais para o estudo da nossa cultura. Parabeno-me com o prezado amigo por esta valiosa publicação.

Cordialmente, Napoleão.

Votuporanga, SP, 1988

Do Prof. Dr. José Carlos Rossato.

Com prazer acuso o recebimento de "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina". Agradeço-o. Estou lendo e gostando. Como são fantásticas as ilustrações! Que maravilha, a priori o meu conceito é ótimo, estou no início da leitura, parece-nos que a obra vem complementar o que faltava sobre o assunto na área estudada, meus parabéns. Gostaria de conhecer "Etnografia e Pesquisa Musical", citada pelo prezado folclorista.

O abraço fraterno de JCR.

Maceió, AL, 1992

Agradecimento do Prof. Dr. José Maria Tenório Rocha. "Enquanto a canjica está sendo preparada, queremos agradecer penhoradamente o envio do maravilhoso e bem elaborado estudo 'Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina', demonstrando que a cada obra sua, sente-se passo a passo a técnica aliada ao amor pela causa universal. Muito obrigado. Que Deus o ilumine".

José Maria Tenório Rocha e Iracilda.

Içara, SC, 1991

6ª Feira do Agricultor e 2ª Feira do Mel. Numa promoção da Prefeitura Municipal de Içara e apoio da ACARESC, Associação dos Apicultores de Içara, CIDASC e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Içara, foi realizada a 6ª Feira do Agricultor e 2ª Feira do Mel, em julho de 1991.

Florianópolis, SC, 1992

ANA CAROLINA Comércio de Arte Zanatus.

Parabéns, Doralécio, por mais este espaço de Arte, aberto em nossa Capital. Luís Carlos da Silva.

Florianópolis, SC, 1992

A Fundação Catarinense de Cultura, através do MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA, tem o prazer de convidar para o coquetel de abertura das exposições do mês de dezembro.

Dia 10 de dezembro/92, quinta-feira, às 20h30min.

DEZEMBRO

HARRY LAUS Vida e Obra

Neste mês de dezembro, Harry Laus estaria comemorando 70 anos de vida. Neste ano ele teria completado 30 anos de atividade na imprensa como crítico de arte. Para marcar as duas datas, o MASC, que foi uma das casas do coração de Laus, organiza a exposição HARRY LAUS — VIDA E OBRA.

De 10 de dezembro a 10 de janeiro, teremos o prazer de mostrar à comunidade aspectos informativos da biografia do escritor e de revelar um pouco das suas inquietações artísticas e humanas. Farta documentação pessoal, material fotográfico, livros, textos literários e de crítica, obras do acervo particular faz-se na reunião desses elementos um esforço de síntese visual para uma melhor compreensão da rica personalidade cultural que tivemos em Harry Laus.

O Museu de Arte de Santa Catarina sente-se especialmente feliz em abrir o seu espaço àquele que com tão reconhecido talento fez com a palavra a sua arte e o seu instrumento de dignificação da arte. Diretor do Museu, ele foi um administrador capaz e devotado. O espírito dele permanece cada vez mais entre nós.

Iaponan Soares
Diretor-Geral

Fundação Catarinense de Cultura

Florianópolis, SC

O Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Deputado Otávio Gilson dos Santos, tem a honra de convidar Vossa Excelência para a Sessão Solene de entrega do Título de Cidadão Catarinense ao Ilustríssimo Senhor Doutor *Holdemar Oliveira de Menezes*, a realizar-se no dia 14 de dezembro, às 20 horas, no Plenário do Palácio Barriga-Verde.

Após a Sessão, haverá o lançamento do livro biográfico "Holdemar de Menezes: Literatura e Resistência", do escritor Iaponan Soares.

Florianópolis, SC

BIBLIOTECA PÚBLICA do Estado de Santa Catarina, 137º Aniversário.

A Fundação Catarinense de Cultura, através da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e o Departamento de Língua e Literatura Vernácula da UFSC abriram a Exposição "O Romance Catarinense", com uma amostra de Caricaturas de nossos autores. A abertura aconteceu a 29/5/91, com a participação do Coral de Florianópolis. Algumas homenagens, leitura dramática de fragmentos do romance de Salim Miguel, A VOZ SUBMERSA, pela atriz Margareth Westphal. Apresentação de filmes e vídeo.

Mafra, SC, 1991

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE — FUNORTE. Revista Iniciação. A Comissão Catarinense de Folclore registra em seu Boletim o recebimento da Revista INICIAÇÃO, no seu 1º Volume, Órgão Oficial de Divulgação Científica da Faculdade de Ciências e Letras de Mafra, da Fundação Educacional do Norte Catarinense — FUNORTE.

É uma louvável iniciativa, visto que se constitui em um veículo, onde os alunos têm um incentivo na publicação dos seus trabalhos de pesquisas julgados valiosos e um informativo de inegável valor cultural, por reunir importantes matérias de natureza científica.

Tubarão, SC, 1992

III PROGRAMA CULTURAL DE PRIMAVERA. A Universidade do Sul de Santa Catarina — UNISUL, pelos seus órgãos oficiais: Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, Centro de Convivência Cultural, Biblioteca Universitária e Prefeitura Municipal, promoveram os eventos do III Programa Cultural da Primavera: "Exposição de Artes Plásticas, Lançamentos de Livros, com exposição e vendas de livros de autores sul-catarinenses, Grupo Teatral "RAV-ASTHI" (Lages), Orquestra Jovem Independente (Laguna), Encontro Musical de Cantadores, Show "Grupo Musicamp" (Tubarão). Apresentação Musical, Peça Teatral "Trapo" (Curitiba) e animado baile organizado pela CAJUTUBA, Centro Cultural da UNISUL — Campus Tubarão.

CHÃO DO CONTESTADO, SC, 1992

"SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS", no Chão do Contestado, obra do escritor Nilson Thomé, foi lançada em Florianópolis, numa promoção da Fundação Catarinense de Cultura e o Instituto Histórico e Cultural da Região do Contestado, no Palácio Cruz e Sousa, a 7 de julho de 92.

Assim se expressa o autor em sua obra: "Esta é uma grande história contada num pequeno livro, que sintetizei para a valorização do Contestado, na permanente Homenagem àquela gente que, no passado, soube legar-nos uma saga de brío e coragem". Nilson.

O autor reúne um volume superior a vinte obras, entre livros e livretos, sobre a história do Contestado.

Florianópolis, SC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO
EDITORA DA UFSC

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Catarinense de Cultura têm o prazer de convidar Vossa Senhoria e Exma. Família para o lançamento do livro CÔSMICA PROVÍNCIA, de Hugo Mund Júnior.

Dia 10 de dezembro de 1992, às 18 horas no auditório do Palácio Cruz e Sousa.

Florianópolis, SC, 1992

A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS tem a honra de convidar os senhores acadêmicos, amigos, familiares e admiradores da saudosa poetisa MAURA DE SENNA PEREIRA, titular da Cadeira nº 38, para a SESSÃO DE SAUDADE de que trata do art. 31, § 6º dos Estatutos, em que se reverenciara a memória da pranteada acadêmica, falecida em 21 de janeiro passado.

A sessão será realizada no dia 7 de maio de 1992 (quinta-feira), às 18 horas, no auditório da Academia Catarinense de Letras, no Centro Integrado de Cultura Prof. Henrique da Silva Fontes — Agrônômica.

Paschoal Apóstolo Pítsica
Presidente



Editor-responsável
Raimundo C. Caruso
Coordenação Cultural
de Marléa M. Leal Caruso.

desterro

Florianópolis, quarta-feira, 25 de março de 1992 - Ano 1 - Nº 1 - Cr\$ 2.000,00 - U\$ 1,5

Florianópolis, SC

CENTENÁRIO — 1892 — 1992

A Direção do Instituto Estadual de Educação tem a satisfação de convidar Vossa Excelência e Excelentíssima Família, para a Sessão Cívica alusiva ao Centenário deste Estabelecimento de Ensino, a realizar-se no dia 09 de junho de 1992, às 20h30min no Centro Integrado de Cultura.

Florianópolis, SC

TELAS DE

Zacarias

SUA ARTE, SEU TEMA, SUA GENIAL PINTURA

Mais uma vez, o artista plástico Zacarias, paraense de nascimento e florianopolitano por adoção, nos oferece uma exposição de seus trabalhos.

Esta agora é com a temática "Farrado-Boi". Só que a sua farrã é uma farrã de arte e beleza, com a movimentação de bois e peões laçadores nos mais belos estilos de suas "armadas", boleando os laços nas mais perfeitas

ordens de movimentos. São peões gaúchos suspensos no ar, atingidos por bois bravos na sua defesa natural, onde o artista destaca figurativamente objetos dos costumes e vestimentas dos boiadeiros. O cavalo que atingido reage expressivamente dentro da temática do artista, que usando as figuras do folclore catarinense, utiliza uma bernúncia do folguedo de Boi-de-Mamão e a grandeza dos camarões da culinária regional, destacando-se as rendas da Ilha.

São inúmeros os aspectos desenvolvidos no seu tema, os quais dizem bem, do "por quê" da "Farra-do-Boi". Brincadeira popular tradicional, condenada por uns e defendida por outros, e que vem se mantendo através dos anos em vários lugares do interior litorâneo de Santa Catarina, destacando-se Biguaçu, Tijucas, Canelinha, Governador Celso Ramos, Ganchos e até Florianópolis, bem como outros locais preferidos pelos farristas, que anualmente se cõtizam para a compra dos animais destinados às suas farras.

É um costume tradicional trazido pela imigração açoriana da Ilha Terceira do Arquipélago dos Açores.

Não nos cabe aqui comentar as razões daqueles que combatem o tradicional costume popular, hoje regulamentado e com proteção oficial, e sim o enfoque artístico dado pelo pintor Zacarias a essa "farra", que anualmente se realiza em Santa Catarina.

Doralécio Soares

Florianópolis, SC, 1992

1 — GINCANA FOLCLÓRICA, UM RESGATE FOLCLÓRICO

No dia 24 de agosto, ocorreu no sítio da Escola Dinâmica, localizado na Vargem Grande, a 1ª Gincana Folclórica. Participaram 20 equipes, da 1ª à 8ª série, com no máximo 18 membros em cada equipe, com participação de pais de alunos. Durante a gincana foram sorteados vários brindes, como: matrículas na Academia VITAE, jantar para 2 pessoas no restaurante PEIXE NA BRASA e o mais esperado: uma passagem de ida e volta para o Rio de Janeiro, patrocinada pela TRANSBRASIL.

A Comissão Catarinense de Folclore, especialmente convidada, esteve presente na pessoa de seu Presidente, registrando esses aspectos.





Arranjos diversos, numa composição com abóboras-meninas.

Arranjo com uma abóbora-menina compondo uma Bruxa.

Florianópolis, SC, 1992

Santa Catarina, numa promoção. A SANTUR distribuiu um magnífico Calendário dos Grandes Eventos de Santa Catarina, 1992.

Florianópolis, SC, 1992

O Sindicato dos Eletricários de Florianópolis promoveu a 1ª Mostra Coletiva de Artes Plásticas, cuja abertura deu-se a 10.09.92 no hall da sede da CELESC, ITACORUBI.

Florianópolis, SC, 1991

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, por seu presidente, prof. Walter Fernando Piazza, expediu convites para a sessão solene comemorativa ao nonagésimo quinto aniversário de sua fundação, quando foi entregue o Título de Presidente Perpétuo ao prof. Antônio Victor Peluso Júnior e admissão de novos sócios. Fpolis, novembro de 1991.

Florianópolis, SC, 1992

A Fundação Catarinense de Cultura promoveu o lançamento dos livros "As Costureiras" de Rubens Langge e "Três Cisnes de Vidro" de Hamilton Alves, no Restaurante Reçaka, na Av. Rubens de Arruda Ramos.

Florianópolis, SC, 1992

A SPRIT d'ART, com o apoio do Hotel Diplomata, realizou uma exposição de Arte e Tapetes Orientais, no hall do mesmo Hotel.

NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS — 1991-1992

Ijuí, RS, 1991

**MUSEU
ANTROPOLÓGICO**
DIRETOR PASTANA

DE 10 a 12 de dezembro/91
LOCAL: Auditório da Sede Acadêmica
da UNIJUI/RS - BRASIL

II ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE MUSEUS DE ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA DO CONESUL.

Rio de Janeiro, RJ, 1992



ADALFO FERNANDES LOPES

Folia de Reis

Projeto Artesanato Brasileiro — Museu de Folclore Edison Carneiro
Instituto Nacional do Folclore — FUNARTE. Ministério da Cultura.
Fotografia: Luiz A. Dualibe e Antonio D'Althoughia.
Texto: Raul Lody

São Paulo, SP, 1992

MUSEU DE HOMEOPATIA ABRAHÃO BRICKMANN



REMETENTE: IHFL
ENDEREÇO: RUA AMÉRICO BRASILIENSE, 1.418
CEP 14015-050 — RIBEIRÃO PRETO — SP
— BRASIL

III CONCURSO HISTÓRIA DA HOMEOPATIA DOCUMENTE SUA REGIÃO

Haverá prêmios em dinheiro, passagem de avião de São Paulo — Buenos Aires/Buenos Aires — São Paulo, livros etc.
Julho de 1992.

III KONKURSO HISTORIO DE LA HOMEOPATIO DOKUMENTU VIAN REGIONON

Premioj konsistoj el mono, aviadila bileto
São Paulo — Buenos Aires/Buenos Aires
— São Paulo, libroj, k.t.p.



NOTICIÁRIO 1991

Pirapora, MG

NILTON MARCOLINO, o carroceiro que após sofrer um acidente, tornou-se um artista santeiro de primeira grandeza em Pirapora, MG. Os seus trabalhos têm sido expostos em várias cidades mineiras e grandemente aceitos pelos colecionadores.

A Loja Ana Carolina Comércio de Artesanatos, em Florianópolis, reúne várias peças de sua autoria.



ANA CAROLINA — Comércio de Artesanato: Florianópolis.

Com aspecto de um Museu, a loja Ana Carolina Artesanato, reúne imagens de cerâmica e madeira de Santeiros de vários estados do Brasil. Cavalos pastando, mesas de búfalos e sereias, mulheres seminuas, talhas, cabeça de negro, coqueiro e jangadas, também lá estão. Pirogravuras artísticas da Divina Ceia, e a riqueza dos vasos marajoara e de Jequetinhonha, são destaque. O filho e o neto do GTO de Pirapora, lá estão com suas peças de "homens dentro de rodas". Carrancas do Vale do São Francisco surpreendem o conjunto artístico. A coqueluche das pedras semipreciosas empresta as suas irradiações magnéticas ao destacado ambiente.



Rio de Janeiro, RJ

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MUSICOLOGIA

II CONGRESSO BRASILEIRO DE MUSICOLOGIA

TEMA:

FUNDAMENTOS DA CULTURA MUSICAL NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 22 A 25 DE ABRIL DE 1992

ANO DO V CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DA
AMÉRICA

Belo Horizonte, MG

27ª SEMANA DE FOLCLORE, EM BELO HORIZONTE
PAINEL SOBRE O FOLCLORE EM MINAS GERAIS
DE 19 A 25 DE AGOSTO DE 1991

LOCAL: Centro Cultural UFMG — Av. Santos Dumont, 174



Maceió, AL

O prof. José Maria Tenório Rocha e esposa Iracilda Cavalcante da Silva Rocha, entre violeiros repentistas em Maceió, 1991, numa foto de Doralécio Soares.



Belo Horizonte, MG

O prof. Folclorista e Antropólogo Saul Martins em companhia de Doralécio Soares, visita a Loja de vendas de Arte e Artesanato da organização mineira "Mãos de Minas", em Belo Horizonte, 1991.

NOTICIÁRIO

Olímpia, SP, 1992

28º Festival de Folclore de Olímpia.

Como sempre acontece nos anos anteriores, Olímpia continua se transformando na Capital do Folclore Brasileiro no mês de agosto.

Num esforço gigantesco do seu principal coordenador Prof. Dr. José Sant'anna, secundado por uma equipe das mais eficientes, Olímpia, orgulhosamente reúne grupos folclóricos e parafolclóricos dos mais distantes pontos do Brasil.

Os grupos folclóricos, na sua maioria autênticos, se enfeitam para um melhor visual, com o objetivo de melhor destaque no desfile de abertura do festival.

São grupos do Amazonas, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de inúmeros outros do próprio São Paulo. Enfim, para acorrerem o que existe de mais puro e autênticos grupos de danças e folguedos da cultura popular brasileira. Paralelamente, são realizados concursos de arte de várias modalidades, pintura etc., contando ainda com a participação de alguns dos grandes valores da nossa música popular e regional, entre eles esteve presente, Jair Rodrigues e Inesita Barroso.

O 28º Festival de Folclore de agosto de 92 primou pela variedade de danças e folguedos apresentados.

Documentando é editada a Revista do Festival do FOLCLORE, patrocinada pelo BRADESCO, numa edição primorosa do Dep. de Folclore do Museu de História e Folclore "María Olímpia", Secretaria de Educação, Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, e Conselho Municipal de Cultura e Comissão de Folclore da Prefeitura Municipal de Olímpia. É o órgão cultural divulgador dos Festivais, registrando em suas páginas valiosas pesquisas de renomados autores, além de amplo noticiário.

A Comissão Catarinense de Folclore, que tem sido destacada em suas páginas, pelo trabalho que é desenvolvido em Santa Catarina na área do folclore, envia ao Prof. José Sant'anna e sua equipe de denodados colaboradores, as suas congratulações, pelo dinâmico trabalho realizado em Olímpia em prol do Folclore Brasileiro.

NOTICIÁRIO

São Paulo, SP

— Projeto Curupira Abaçáí Cultura e Arte
— Toninho Macedo Grupo Abaçáí — Balé
Folclórico de São Paulo

Rua João Passalacqua, 189/4
Bela Vista — São Paulo — SP

UNIVERSIDADE LIVRE DE MÚSICA E ABAÇÁÍ CULTURA E ARTE apresentaram MISSA DE MALUNGOS de Toninho Macedo, no Congresso (XVI) Mundial de Jornalismo — UCIP — UCLAP — UCBC. Campos do Jordão. Setembro/92.

Rio de Janeiro, RJ, 1991

A Comissão Nacional de Folclore (IBECC/UNESCO) e o Instituto Arnon de Melo de Alagoas lançaram o livro ESTUDOS DE FOLCLORE EM HOMENAGEM A MANOEL DIÉGUES JÚNIOR.

O volume reúne colaboração de folcloristas brasileiros; inaugurou a série "Antropologia e Folclore" do Instituto Arnon de Melo.

Nota: A obra teve a participação de Santa Catarina, com um trabalho inédito "RENDA TRAMÓIA", a Renda genuinamente Catarinense, de Doralécio Soares.

Belo Horizonte, MG

SESC — Serviço Social do Comércio — CALENDÁRIO DE MESA.

Do Dr. Robinson Correa Gontijo, Diretor Regional do SESC de Minas Gerais, a Comissão Catarinense de Folclore registra em seu Boletim o recebimento do bem elaborado "Calendário de Mesa" 1991 e 1992, produzido pela Administração Regional do SESC. É um trabalho que dignifica uma administração, pelo enfoque cultural que dá às cidades ribeirinhas de Minas, focalizando aspectos de outras áreas, cuja divulgação torna o Estado mineiro melhor conhecido dos brasileiros. A Comissão Catarinense de Folclore agradece.

Lisboa, Portugal, 1991

COLÓQUIO -- Artes. FUNDAÇÃO CALOUSTRE GULBENKIAN — Lisboa.

Revista Trimestral de Artes Visuais, Música e Bailado. Dez., 1986.

Registramos o recebimento dessa extraordinária publicação editada com textos em vários idiomas, de valor cultural sem precedentes. O nosso registro reúne o agradecimento da Comissão Catarinense de Folclore, esperando continuar recebê-la regularmente.

Rio de Janeiro, RJ, 1992

COFI — Correio Filatélico

Cumprindo a sua finalidade cultural de bem informar e orientar os filatelistas do Brasil e levar a outros países a grandeza da filatelia no Brasil, a Revista COFI, orgulhosamente, cumpre a sua missão nessa difícil tarefa.

Impressa em off-set; as mais importantes datas e acontecimentos no Brasil são registradas em esmeradas composições por artistas que integram o setor de arte da revista. Surgem como por encanto composições brilhantes. Homenagens envolvendo os acontecimentos municipais, estaduais, nacionais e internacionais. O valor da COFI é imensurável, e constitui-se em orgulho nacional, o qual pela importância que engloba o seu conteúdo, deveria ser motivo para tema de defesa de tese de doutorado de um dos nossos mestres do ensino superior.

A biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore tem sido enriquecida, com todos os números de suas edições.

Ao fazermos este registro, levamos aos que compõem o seu corpo redacional, técnico e cultural, os cumprimentos deste Boletim.

Temos o prazer de ilustrarmos esta despretenciosa nota, com a ilustração do selo em homenagem aos 50 anos da Legião Brasileira de Assistência — LBA.



SOBRE O SELO

O selo, elaborado por meio da técnica de computação gráfica, apresenta o desenho de uma ampulheta simbolizando o tempo de fundação da Legião Brasileira de Assistência e, ainda, os dois programas de maior relevância desenvolvidos por aquela Instituição. O vaso superior representa uma criança e o inferior um idoso. O sol apresentado no selo simboliza, no idoso, a esperança de uma continuação de vida que, na criança, manifesta-se rumo ao futuro.

Rio de Janeiro, RJ, 1992

BIBLIOGRAFIA: Recebemos da Coordenação Nacional de Folclore e Cultura Popular da Secretaria da Presidência da República — IBAC, Instituto Brasileiro de Arte e Cultura. É um importante trabalho que registra as publicações de autores diversos relacionadas ao Folclore e Cultura Popular no Brasil.

Rio de Janeiro, RJ, 1992

A Comissão Catarinense de Folclore registra em seu Boletim o recebimento dos Boletins da 2ª época, editados pela Comissão Nacional de Folclore, que insere em suas páginas o noticiário das várias atividades, concernentes aos trabalhos desenvolvidos pelas Comissões Estaduais, relacionando ainda as notícias de suas atividades como órgão orientador na área do Folclore Brasileiro.

ORALIDAD

“Oralidad” é uma publicação anual para o “Resgate da Tradição Oral da América Latina e o Caribe”, publicado em Cuba, pela Oficina Regional de Cultura da UNESCO, para a América Latina e o Caribe — ORCALD.

Reunindo trabalhos de figuras exponenciais na área do Folclore, Literatura Popular, Histórias Oraís e as suas tradições, com colaboradores do México, Chile, Venezuela, Peru, registra em seu nº 2 de José Maria Tenório da Rocha, BRASIL, “Puízia populá x Poesia Popular: a Propósito do Modismo na Falsa Poesia Matuta”. Ao registrarmos o recebimento dessa importante publicação o fazemos prazerosamente, por engrandecer o patrimônio cultural da Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore.

Recife, PE, 1991

ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE — Autores: Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva.

Magnífica obra elaborada pelos escritores Mário Souto Maior e Leonardo Dantas Silva. Prefaciada por Gilberto Freire, cuja credencial já diz a importância da obra. Com a chancela da Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana 1991. Volume com mais de 500 páginas reúne um documentário de real valor cultural, pois além de levar o leitor a passagens marcantes da cultura carnavalesca de Pernambuco e transmitindo conhecimentos de natureza histórica, lhe confere a importante obra, aspectos desconhecidos da maioria, mesmo de pernambucanos, hoje distante do passado daqueles que foram os responsáveis pela evolução cultural da música carnavalesca pernambucana, que se projetou por todo o Brasil, através do seu contagiante “frevo”. Registra os nomes dos

grandes compositores, e a participação histórica do carnaval pernambucano. É realmente uma grande obra.

Guarujá, SP, 1992

Com o apoio da Prefeitura Municipal de Guarujá, a Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá e a Comissão Municipal de Folclore, sob a presidência da Baronesa Esther Karwinsky, foi realizado no mês de agosto de 1992 o XX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá. A Comissão Catarinense de Folclore, registrando em seu Boletim, externa os seus cumprimentos à ilustre Baronesa, denodada Presidente da novel Associação e Comissão Municipal de Folclore. Registramos também o recebimento das Revistas de Folclore, órgão da Associação de Folclore e Artesanato Guarujá, que tem como jornalista responsável, Dr. José Rodrigues, diretora Ilídia Veleda Vilela de Figueiredo, editoriada pela Baronesa Esther Santana de Almeida Karwinsky. Agradecemos as remessas.

Belo Horizonte, MG, 1992

A Comissão Mineira de Folclore destaca em seu último Boletim de 1992 o Museu de Folclore "Saul Martins", enaltecendo o apoio recebido do Prefeito de VESPASIANO, Carlos Murta.

Rio de Janeiro, RJ, 1992

Exposição Comemorativa dos 30 anos da BIBLIOTECA AMADEU AMARAL. A Secretaria da Cultura da Presidência da República — IBAC — Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, realizou uma EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 30 ANOS DA "BIBLIOTECA AMADEU AMARAL", na Sala do Artista Popular, na rua do Catete, 179. OS DOCUMENTOS DO FOLCLORE estiveram à disposição do público interessado, de 17 de julho a 1º de setembro, de segunda a domingo.

Rio de Janeiro, RJ, 1992

Já o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura do Ministério da Cultura promoveu a Exposição de Pintura de Geórgia Kyriakakis, de 24 de novembro a 15 de dezembro, na Galeria Ibac Macunaíma, na rua México, pelo Projeto Macunaíma 92.

São Paulo, SP, 1992

Museu de Folclore "ROSSINI TAVARES DE LIMA". O Professor Rossini Tavares de Lima, fundador do Museu que tem o seu nome, foi homenageado pelos folcloristas de todo o Brasil que se fizeram presentes à homenagem, quando prestaram os seus depoimentos o jornalista Abgvar Bastos, o escritor e antropólogo Saul Martins, Wilson Rodrigues de Moraes e Maria do Rosário Tavares de Lima, viúva do Mestre Rossini. A Comissão Catarinense de Folclore, convidada para as homenagens, expediu telegrama se congratulando com a justa homenagem prestada ao grande Mestre.

Rio de Janeiro, RJ, 1991

A Universidade do Rio de Janeiro — UNI — RIO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS. A ESCOLA DE MÚSICA comemorou, com eventos, os 60 anos de sua criação. Os eventos aconteceram na UNI-RIO, no Auditório Vera Janacópoulos, na URCA, a 26 de março e 7 de abril de 1991. A Comissão Catarinense de Folclore, registrando-o, agradece a comunicação.

Votuporanga, SP, 1989

ATLAS BÍBLICO. Autor: escritor José Carlos Rossato. Já na sua quarta edição esta importante publicação vem "ao encontro do leitor do mais antigo, do mais lido e também do mais atual livro do mundo: as Sagradas Escrituras, auxiliando-o na compreensão e até na interpretação da leitura, tanto do Velho, quanto do Novo Testamento". Assim se expressa a EDITORA TRICOLOR, de Sarandi, no RS. Este Boletim por seu editor, cumprimenta o ilustre escritor José Carlos Rossato por esta, além de outras obras de sua autoria.

Belo Horizonte, MG, 1992

III FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO. Numa realização do Órgão "MÃOS DE MINAS" e apoio do BEMGE, foi realizada a importante FEIRA, que reuniu Artesãos e Artesanatos de vários pontos do Brasil.

Votuporanga, SP, 1992

A CÂMARA MUNICIPAL DE VOTUPORANGA consigna voto de Congratulações ao Prof. Escritor e Jornalista José Carlos Rossato, em reconhecimento ao seu trabalho desenvolvido na área da Cultura Popular, destacando a sua atuação em Congressos, Simpósios e Seminários nacionais e internacionais, bem como as suas valiosas obras dentro da sua área de atuação.

Belo Horizonte, MG, 1992

28ª SEMANA DO FOLCLORE, de 22 a 28 de agosto de 1992, foi uma promoção do SENAC — Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, pela Administração Regional. Ao registrar a formulação do convite, louvamos a iniciativa da ilustre administração regional do Órgão.

Santos, SP, 1992

BORDADOS DA ILHA DA MADEIRA, em Santos. Noticiou o Jornal A TRIBUNA DE SANTOS. Foi o resultado de 10 anos de trabalho de Francisco Ribeiro do Nascimento, Presidente da Comissão Municipal de Artesanato e Folclore, que poderá ser conhecido através do livro "Bordados da Ilha da Madeira em Santos" editado pela Secretaria Municipal de Cultura. Este Boletim registra o acontecimento, agradecendo ao Jornalista Francisco Ribeiro do Nascimento o envio do livro que registra o seu magnífico trabalho à frente da Comissão de Folclore e Artesanato de Santos.

BUENOS AYRES — República Argentina — 1991

FÉLIX COLUCCIO — Com prazer registramos a grandiosa obra do Dr. Félix Coluccio, "FIESTAS Y CELEBRACIONES EN LA REPÚBLICA ARGENTINA, na sua 3ª edição.

É uma obra importantíssima por reunir aspectos da cultura popular e religiosa da Argentina no seu todo.

Focaliza todas as "FIESTAS" religiosas acontecidas no decorrer do ano com as suas tradições, indicando seus santos padroeiros. Músicas Tradicionais Argentinas — Festivais Nacionais de Folclore — Feiras Artesanais, Festas dos Pescadores em "Mar del Plata". Festa da Virgem de MONSERRAT e de Nossa Senhora de la Candelaria, além de outras. Dá destaque ao cantor "Carlos Gardel", com a "Fiesta de la Recordación: 24 de junio, y 2 de noviembre".

Fiestas de los indios Chané. A Semana Santa, com todas as "Fiestas"

de tradição. As feiras e suas festas tradicionais. CARNAVAL — FIESTA PROVINCIAL DEL FOLKLORE. Semana Santa: "QUEMA DEL JUDAS". SAN COSME Y SAN DAMIÁN são festejados condignamente. O Dia Nacional "DEL INMIGRANTE" tem o seu tributo especial. Festivales del AZUCAR — FIESTA DEL CORDERO — DEL ARROZ. Fiesta Provincial del CHORIZO ARTESANAL. FIESTA NACIONAL DE LA CERVEZA em Córdoba. FIESTA DEL SOL, entre outras. Apresenta um Calendário sintetizado das festas, celebrações e recordações de "cultos", feiras e mercados tradicionais da República Argentina. É realmente uma obra das mais completas do renomado mestre Félix Coluccio.

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA



IOESC
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

Florianópolis

66326

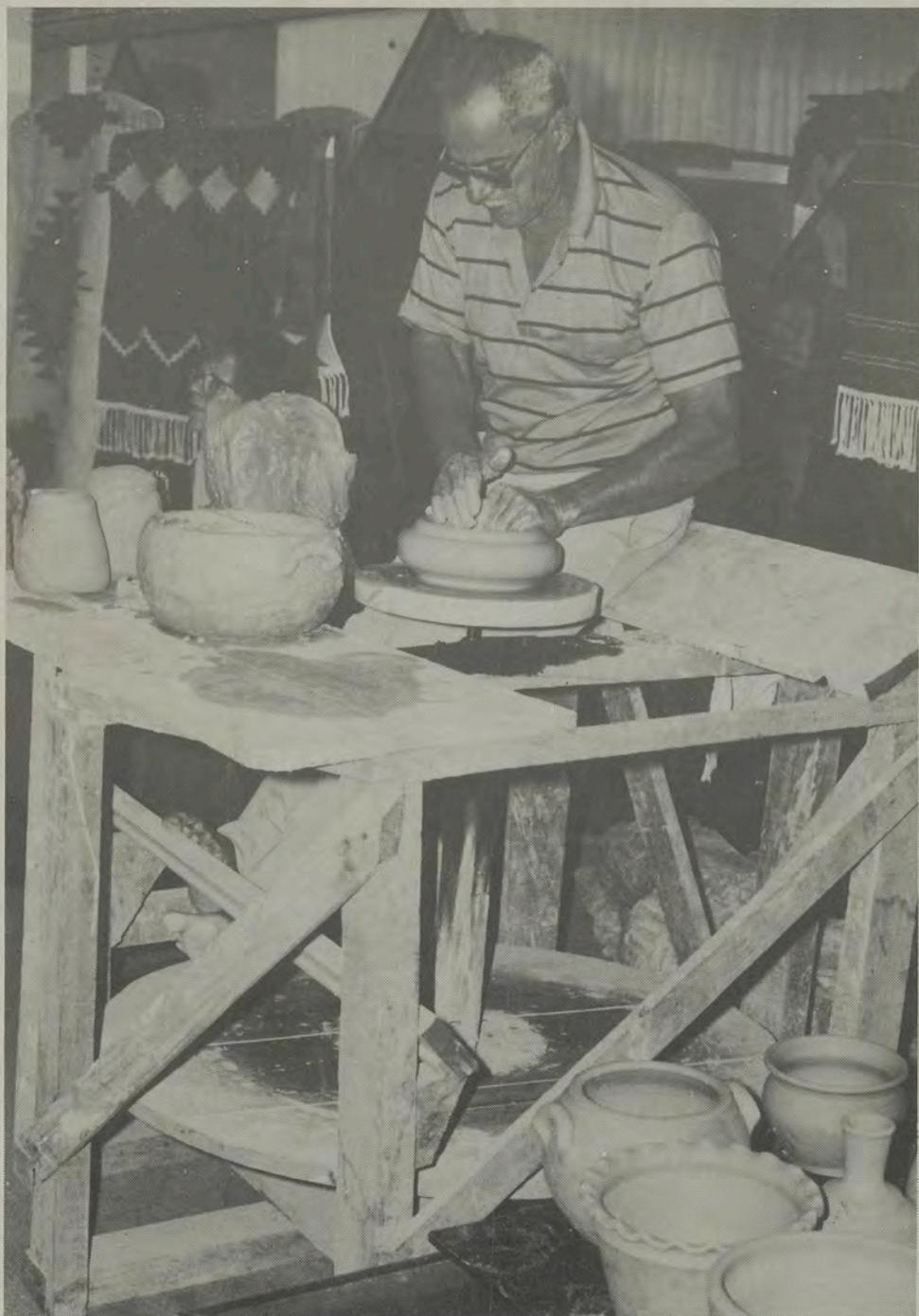
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereços: Florianópolis — SC

Doralécio Soares (Presidente)— Rua Júlio Moura, 146 — 1º andar
Victor Antônio Junior (Vice-Presidente) R. Melo Alvim, 10
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) R. Adolfo Melo, 37 — 1º andar
Theobaldo Costa Jamundá — Arthur Grahl, 478 — Velha — Blumenau — SC — 89046-120
Walter Fernando Piazza — R. Frei Evaristo, 209
Maria do Carmo Pinto — Av. Getúlio Vargas, 2.201 — Tubarão — SC
Osvaldo Ferreira de Melo — R. Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Amgioletti Vieira — R. Prof. Otília Cruz, 365
Nereu do Vale Pereira — Jardim Olívio Amorim, 24
Gelsi José Coelho — Museu de Antropologia, UFSC
Luiz Carlos Halfpap — Departamento de Ciências Sociais da UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes — R. Frei Caneca, 144 — Ap. 106 — Bl. A
Paschoal Apóstolo Pitsica — R. Duarte Schutel, 41
Sônia Maria Copp da Costa — R. Fernando Trejo, 440 — S. Franc. do Sul
Sílvia Maria Günther — Joinville — SC

Colaboradores:

Flávio José Cardozo — Florianópolis — SC
Laura Dela Monica — São Paulo — SP
Saul Martins — Belo Horizonte — MG
Ático Vilas Boas — Goiânia — GO
Mário Souto Maior — Recife — PE
Aleixo Leite Filho — Caruaru — PE
Ana Maria Amaro — Cascais — Portugal
Maria do Rosário Tavares de Lima — SP
Maria Alieta das Dores Galhoz — Portugal



Espaço Cultural do Banco do Brasil – Florianópolis – SC
Ceramista Onildo Ricardo dos Santos – Foto Doralecio Soares